

A
HISTÓRIA
DA
IGREJA
PRESBITERIANA
EM
FLORIANÓPOLIS
PERÍODO 1898 a 1930

OSVALDO HENRIQUE HACK

FLORIANÓPOLIS

UFSC

Curso de Pós-Graduação em História

1979

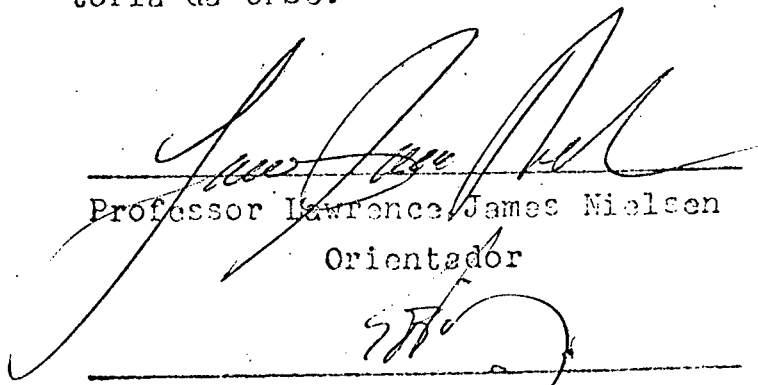
A HISTÓRIA DA IGREJA PRESBITERIANA EM
FLORIANÓPOLIS : período 1898 a 1930

Dissertação apresentada

por

Oswaldo Henrique Hack

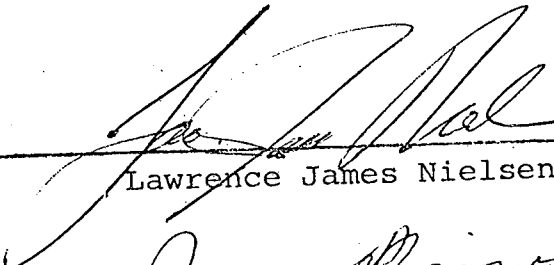
Esta dissertação foi considerada adequada à obtenção do título de Mestre, pelo Professor Orientador e pelo Professor Coordenador do Curso de Pós Graduação em História da UFSC.

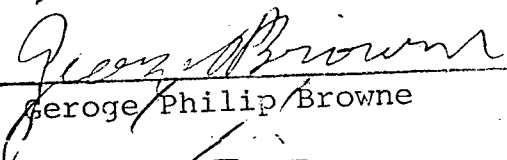


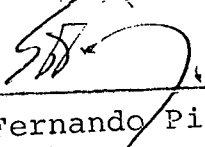
Professor Lawrence James Nielsen
Orientador

Professor Walter Fernando Piazza
Coordenador

Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final pelo Professor Orientador e pelos membros da Banca Examinadora, composta pelos Professores:


Lawrence James Nielsen


George Philip Browne


Walter Fernando Piazza

À

ELISABETH

esposa e companheira,
como reconhecimento
ao apoio recebido.

Aos meus filhos

JONATHAN LUIS

MARGARETH LÚCIA

NOSSOS AGRADECIMENTOS

À Estela Vieira de Oliveira pela orientação bibliográfica.

À Célia d'Ávila Cruz pela revisão ortográfica e gramatical.

Ao reverendo Adão Evilásio Vieira por ter colocado a sua biblioteca à nossa disposição

Ao reverendo professor Paulo Viana de Moura pelos documentos xerocados no Arquivo Presbiteriano de Campinas .

MAPAS ILUSTRATIVOS

	Página
1. Expansão da Igreja Presbiteriana em Santa Catarina, período 1900-1907	115
2. Expansão da Igreja Presbiteriana em Santa Catarina, período 1908-1914	136

QUADROS ESTATÍSTICOS

Páginas

Quadro nº 1 - Recepção anual de membros da Igreja Presbiteriana no período 1898-1907	116
Quadro nº 2 - Recepção de membros por localidades, período 1898-1907	118
Quadro nº 3 - Recepção de crianças por localidades no período 1898-1907	121
Quadro nº 4 - Recepção anual de membros no período de 1908- 1914	135
Quadro nº 5 - Recepção anual de membros no período 1914-1920	181

R E S U M O

Através dos eventos cronológicos que fornecem uma visão global do assunto em estudo, o autor estudou no período de 1898 a 1930, a implantação da Igreja Presbiteriana em Florianópolis.

A hipótese fundamental do presente trabalho é de que o novo grupo religioso alcançou êxito devido a estratégia evangelística usada. Os meios empregados para atingir o objetivo proposto foram úteis para propagar os princípios religiosos da nova comunidade presbiteriana. O aproveitamento da imprensa e da escola para esclarecer, divulgar e formar opinião pública definida, foi vital no plano de ação.

As comunidades religiosas necessitam de estratégia e uma liderança com visão expansionista para multiplicar as possibilidades e consolidar o trabalho. Os avanços e recuos são reflexos do comportamento da liderança. Estruturar-se para uma consolidação criando um grupo estável ou abrir novas frentes de trabalho, foram as experiências da comunidade presbiteriana de Florianópolis.

A hipótese proposta foi confirmada, concluindo-se pela validade e necessidade de uma estratégia evangelística para a implantação de um grupo religioso.

A B S T R A C T .

Using the events that the subject of this study to provide a global vision, the author examines the establishment of the Presbyterian faith in Florianópolis, Santa Catarina, during the period 1898-1930. The basic hypothesis of the study is that the evangelical strategy employed to establish the group was responsible for its success. Instead of resorting to the imperialist strategies employed in previous attempts to establish the Calvinist version of Christianity in Brasil, the Presbyterians who came to Florianópolis resorted to peaceful means, that were in keeping with the proselyting strategies engaged by various protestant missionary efforts of the period. In addition to the usual public meetings, the group resorted to the press and the school that it formed to win public opinion to its cause .

As with all proselyting-ventures of this sort, the success of the Presbyterian movement in Florianópolis depended in great part upon its leadership. The Presbyterians in Florianópolis were fortunate in the leadership that they received, and the work progressed , expanded, and then consolidated into a permanent structure that remains today. The community was sufficiently strong that when the first cism in its ranks, the both groups not only continued to exist, but flourished.

S U M Á R I O

	Páginas
RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
1 INTRODUÇÃO	1
2 PRESBITERIANISMO NO BRASIL	4
2.1 Franceses calvinistas	10
2.2 Holandeses reformados	15
2.3 Norte-americanos presbiterianos	22
3 ORGANIZAÇÃO E EXPANSÃO DO PRESBITERIANISMO	37
3.1 Sistema de governo presbiteriano	37
3.1.1 O sistema de governo	37
3.1.2 Os líderes	38
3.1.3 Os concílios	40
3.1.4 Organização do trabalho	41
3.1.5 Missões estrangeiras e nacionais	43
3.1.6 Admissão de membros	44
3.1.7 Exclusão de membros	44
3.2 Presbiterianismo no Rio Grande do Sul	45
3.3 Presbiterianismo no Paraná	50
3.4 Presbiterianismo em Santa Catarina	55
3.5 Presbiterianismo em Florianópolis	59
4 A IGREJA PRESBITERIANA EM FLORIANÓPOLIS	75

		xi
4.1	Organização da Igreja	75
4.2	Primeiro jornal presbiteriano	86
4.3	A Escola Evangélica	92
4.4	As sociedades internas da Igreja	101
4.5	Alcance do trabalho missionário	107
5	LIDERANÇA NACIONAL	125
5.1	Retirada dos missionários	125
5.2	Pastores nacionais	137
5.2.1	Sociedade Auxiliadora de Moços	138
5.2.2	Jornal presbiteriano "A Reforma"	141
5.2.3	Convenção de escolas dominicais	146
5.2.4	Classe Atalaia	152
5.2.5	Jornal presbiteriano "O Atalaia"	155
6	CRISE INTERNA NA IGREJA	160
6.1	Antecedentes	161
6.2	Divergências na liderança	168
6.3	Organização da Igreja Presbiteriana Independente em Florianópolis	183
6.4	Consequências da crise para o tra - balho presbiteriano em Florianópolis	188
7	CONCLUSÃO	194
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	198

1 INTRODUÇÃO

A preocupação em registrar a história do presbiterianismo em Santa Catarina remonta desde o início do nosso século. O missionário Roberto Frederico Lenington lançou as bases do trabalho em Florianópolis nos idos de 1900 e promoveu a expansão da obra presbiteriana durante alguns anos. Ele deixou registrados os fatos principais, que envolveram a vida dos pastores e da nova comunidade, em sua obra: Partial History of the South Brazil Mission.

O catarinense Antonio Lopes Serrão também registrou os fatos ocorridos em São Francisco do Sul e deixou muitas anotações valiosas para a história presbiteriana, em seu trabalho: Apontamentos para a História da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Outro trabalho referente ao assunto foi o levantamento feito por Isaar Camargo descrevendo a cronologia da Igreja Presbiteriana de Florianópolis desde a sua fundação até 1948, sob o título: Subsídios para o Estudo da História da Igreja Presbiteriana de Florianópolis - contribuição para o Primeiro Congresso de História Catarinense comemorativo ao Bicentenário da Colonização Açoriana.

O trabalho que nos propusemos realizar apresenta dados históricos do presbiterianismo no Brasil, e, particularmente em Florianópolis. Tem como objetivo acompanhar o surgimento de um novo grupo religioso com ca -

racterísticas próprias, num contexto por vezes favorável e ao mesmo tempo adverso.

À guisa de contexto histórico e razão de ser da Igreja Presbiteriana iniciaremos o trabalho recordando as origens do movimento calvinista na Europa e os motivos que trouxeram os franceses ao Brasil em 1555 na eclosão da guerra religiosa europeia. A presença dos holandeses em Pernambuco em 1630 também estava intimamente ligada ao movimento religioso da Igreja Reformada da Holanda. Tanto franceses como holandeses vieram para o Brasil envolvidos pela atmosfera de competição comercial e de conquista colonizadora, que eram as preocupações básicas das nações europeias nos séculos XVI e XVII. Os reflexos das guerras religiosas da Europa se fizeram sentir no Brasil e por isso a reação contra a presença de protestantes, ligada à invasão, foi repelida com veemência pelos portugueses e brasileiros.

Analisaremos o comportamento do grupo presbiteriano em Florianópolis desde o seu início em 1898 até 1930 quando aconteceu a crise de liderança e o aparecimento de um grupo dissidente. Vamos avaliar a estratégia e evangelística usada na expansão do trabalho através da imprensa, do ensino na escola e na igreja e da propaganda dos princípios de fé adotados pelos presbiterianos. Muitos fatores colaboraram para a implantação da nova fé na Ilha de Santa Catarina e posteriormente em todo o Estado. Vamos analisá-los na exposição de nosso trabalho.

O "modus operandi" da Igreja Presbiteriana será enfocado com o propósito de avaliar a receptividade e a reação do povo e dos grupos religiosos já existentes em Florianópolis. O desenvolvimento do trabalho religioso e a conquista de novas áreas são frutos da estratégia adotada pelos missionários americanos e pastores nacionais. O próprio sistema de governo presbiteriano permitia a rápida expansão com a utilização dos leigos na liderança e a participação da comunidade na escolha de seus líderes e na definição dos planos de ação.

A Igreja Presbiteriana constituiu um desafio à vida religiosa de Florianópolis porque introduziu um sistema democrático representativo na vida da comunidade; desafio à vida social porque propagou princípios de vida cristã com um comportamento ético rígido, refletindo na vida individual e familiar; desafio à vida econômico-financeira introduzindo o método de participação dos membros através de contribuições sistemáticas para a manutenção e expansão da obra presbiteriana, visto que a Igreja não promovia nenhum movimento de festas populares para angariar dinheiro e nem recebia verbas de órgãos públicos.

Focalizaremos no trabalho em aprêço, aspectos históricos ligados à doutrina e ética presbiterianas, durante o período de 1898 a 1930 que nos propusemos estudar .

2 PRESBITERIANISMO NO BRASIL

A história da Igreja Presbiteriana do Brasil está ligada a três acontecimentos, em épocas diferentes, que marcaram a presença de pessoas com princípios religiosos calvinistas semelhantes, oriundos da Reforma Religiosa do século XVI. Foram épocas distintas e situações especiais mas que merecem uma abordagem, como parte introdutória deste trabalho.

Não há uma continuidade histórica entre os grupos calvinistas porque eram de países diferentes e também vieram ao Brasil com propósitos diferentes. Apenas no aspecto religioso há semelhança quanto ao modo de implantação do trabalho e a estratégia de ação, bem como os princípios doutrinários aceitos. A comparação entre os três grupos se torna necessária para verificar-se o envolvimento de cada um dos grupos com situações políticas e econômicas de seus países de origem, determinando a razão do fracasso ou do sucesso de cada tentativa realizada no Brasil.

No século XVI os franceses calvinistas estiveram no Rio de Janeiro em 1555 e participaram da fundação da França Antártica. A presença dos franceses no Brasil refletia problemas políticos e religiosos da Europa, especialmente da França. As guerras religiosas européias criaram atritos, perseguições, vinganças e assassinatos.

A França foi o principal palco sangrento de muitas lutas entre católicos e protestantes, como reflexo da Reforma Luterana e a Contra -Reforma Católica¹.

João Calvino apoiou as doutrinas da Reforma Religiosa de Martinho Lutero no século XVI . Ele foi responsável pela implantação do movimento na França. Não se uniu a Lutero mas formou outro grupo ,mais tarde denominado calvinista .

Calvino nasceu em Noyon, perto de Paris em 1509. Graduou-se em leis pela Universidade de Orleães em 1529 e dedicou-se também ao estudo das línguas grega e hebraica. A sua primeira obra foi o "Comentário ao Tratado de Sêneca sobre a clemência", publicada em 1532. Calvino destacou-se como humanista entusiasta com ênfase aos valores morais, sem contudo interessar-se por questões religiosas. No outono de 1533 Calvino passou por profunda experiência religiosa que fundamentou a sua convicção de que Deus falava através das Escrituras Sagradas e que a vontade de Deus revelada na Bíblia devia ser

¹Uma geração antes da ruptura de Lutero com a Igreja Católica Romana, a Espanha era testemunha de um movimento de renovação nos meios católicos, encabeçado pela rainha Isabel e o cardeal Jimenez. O movimento visava abolir os flagrantes abusos do clero, manter a ortodoxia medieval e reprimir a heresia doutrinária. Este movimento tem sido chamado por alguns historiadores de Contra-Reforma. WALKER, Williston. História de la Iglesia Cristiana. Trad. Adam F. Sosa. Buenos Aires, Ed. La Aurora, 1957. p.321-322; 422-430; 444-446

obedecida².

6

Ele destacou-se no cenário religioso da França quando começou a apoiar as idéias luteranas juntamente com Nicolau Cop, reitor da Universidade de Paris . O rei Francisco I iniciou uma perseguição contra os lúte- ranos e Calvino e Nicolau também foram obrigados a refu- giar-se. Para justificar a perseguição Francisco I publi- cou em fevereiro de 1535 uma carta aberta acusando o pro- testantismo frances de ter propósitos anárquicos. Calvi- no se propôs defender seus companheiros caluniados e pu- blicou em março de 1536 a sua obra Instituição Cristã.³ O prefácio da obra é uma carta dirigida pessoalmente ao rei Francisco I justificando as atitudes do grupo identi- ficado como protestante.

Calvino assumiu a liderança do protestan- tismo francês devido a clareza de suas afirmações e posi- cionamento definido. A sua obra representava uma apresen- tação popular sistemática e ordenada da doutrina proclama- da pela Reforma Religiosa. A mente de Calvino era mais formuladora que criadora e ele soube aproveitar os princí- pios básicos defendidos por Lutero⁴.

As primeiras igrejas calvinistas na Fran-

²WALKER, op.cit. p.391

³Esta obra foi ampliada em 1559 e publicada em edição fi- nal.

⁴WALKER, op.cit. 392

ça começaram a surgir em 1555. A organização eclesiástica dava mais força ao grupo e também definia o seu posicionamento religioso. Em maio de 1559 já existiam 76 igrejas organizadas e no mesmo ano aconteceu a primeira reunião de caráter nacional denominada Sínodo Nacional. Resultaram dessa reunião dois documentos importantes para o calvinismo: A CONFISSÃO DE FÉ (Confession de Foi faite d'un commun accord par les françois, qui desirent vivre selon la pureté de l'évangile de notre Seigneur Jésus Christ), e o LIVRO DE DISCIPLINA (Discipline ecclésiastique des églises reformées de France)⁵.

A França foi palco de muitas lutas sangrentas devido a intransigência de calvinistas e católicos romanos. Até a morte de João Calvino em 1564, os seus princípios religiosos foram divulgados em vários países europeus.

A presença de Calvino em Genebra motivou a fundação, em 1559, da Academia Genebrina, mais tarde a Universidade de Genebra. A Academia se tornou no maior centro de ensino teológico das comunidades reformadas não luteranas e também o seminário do qual saíam pastores para a França, Países Baixos, Escócia, Inglaterra, Alemanha e Itália. A influência calvinista também atingiu a Hungria, Polônia.⁶

⁵LINDSAY, Thomas. História de la Reforma. Trad. Lurá Villanueva. Buenos Aires, Ed. La Aurora, 1907 p.142

⁶Ibid p.400

O calvinismo penetrou na Escócia ligado a uma situação política. A independência nacional era o alvo escocês e João Knox destacou-se como ardoroso mensageiro calvinista nacionalista. Com o apoio inglês a Escócia conseguiu livrar-se do domínio francês. A divergência em questão não era apenas política mas também religiosa, por isso a vitória escocesa com Knox permitiu a adoção de princípios calvinistas como orientação religiosa para o novo reino. Em janeiro de 1561 foi adotado o sistema de governo eclesiástico elaborado por Calvino, que passou a chamar-se presbiteriano devido a atuação do leigo escolhido pela própria comunidade que recebia o nome de presbítero⁷. A Igreja escocesa também adotou uma confissão de fé definindo suas doutrinas sob o nome de Confissão Scotiana. Em 1647 foi elaborada a confissão de fé de Westminster, que permanece até hoje e foi adotada na Igreja Presbiteriana do Brasil⁸.

A primeira igreja reformada surgiu na Suíça com o líder Zwinglio que apresentou alguns pontos doutrinários discordantes de Lutero. Entre calvinistas e reformados sempre houve semelhança doutrinária e na forma de governo eclesiástico. Em Genebra Calvino deu continuidade ao trabalho de Zwinglio e nos Países Baixos a Igreja Reformada era presbiteriana em sua forma de governo⁹.

⁷WALKER, Williston, op.cit. p.418

⁸LINDSAY, Thomas, op.cit. p.243

⁹WALKER, Williston, op.cit.437

O grupo calvinista francês que veio ao Brasil em 1555, em missão especial, foi logo identificado como invasor e por isso sofreu as mesmas tensões que levaram a Europa à Guerra Religiosa. As atrocidades de ambos os lados, na defesa de convicções católicas ou protestantes, mancharam com sangue as páginas da história do Cristianismo.

No século XVII os holandeses reformados estiveram em Pernambuco em 1630. Antes de tudo era uma presença ligada à competição entre holandeses e ibéricos para definir a supremacia econômica. O fator religioso da invasão holandesa foi apenas consequência. O início da Igreja Reformada no Brasil foi motivada pela presença dos holandeses que já eram adeptos e queriam assistência espiritual. Junto com os imigrantes vinham os pastores para atender as necessidades espirituais da colônia holandesa. A presença da Holanda no Brasil significava antes de tudo uma invasão a serviço da Companhia das Índias Ocidentais. O objetivo último dos brasileiros era repelir os invasores e expulsá-los. Por certo os hábitos religiosos e princípios ensinados pelos invasores não seriam acatados espontaneamente nem pelos portugueses e nem pelos nativos.

No século XIX, 1859, os norte-americanos presbiterianos estiveram no Rio de Janeiro. Agora os problemas políticos europeus não mais interferiam diretamente no Brasil porque a independência brasileira era fato

consumado. A situação religiosa era encarada por outro ângulo devido os acordos feitos entre o Brasil e a Inglaterra sobre a liberdade religiosa dos não católicos¹⁰. Também a presença de imigrantes germânicos colaborou para uma abertura mais ampla quanto a aceitação de outras religiões em terras brasileiras. A experiência dos norte-americanos foi bem diferente daquela vivida pelos franceses e holandeses, como verificaremos no decorrer da exposição.

Vejamos detalhes das três tentativas de implantação do protestantismo de orientação calvinista no Brasil.

2.1 OS FRANCESES CALVINISTAS

A primeira tentativa foi levada a efeito pelos franceses em 1555. O Vice-Almirante Nicolas Durand de Villegaignon ouvira notícias das maravilhosas terras do Brasil com superabundância de alimentos e riquezas naturais, o que o levou a buscar apoio das autoridades francesas para atingir o seu intento. Villegaignon aproveitou a crise religiosa entre católicos e protestantes na França, resultante da Guerra Religiosa, e convenceu os líderes da Igreja Calvinista em Genebra para que aproveitassem as facilidades da terra brasileira e encaminhassem os perseguidos para a nova terra onde encontrariam refúgio e liberdade religiosa.

¹⁰ LÉONARD, Émile. O protestantismo brasileiro. Trad. Lineu Camargo Schützer. São Paulo, Ed. ASTE, 1963 p.41

Com o apoio e prestígio do Almirante Gaspar de Coligny, que era calvinista, e a permissão do rei Henrique II, o alvo foi atingido por Villegaignon. Com dois navios equipados e munidos de artilharia e mais dez mil libras, o grupo zarpuu em 15 de julho de 1555 do porto de Havre e chegou na baía da Guanabara em 10 de novembro do mesmo ano. Com Villegaignon vieram alguns condenados por crimes que, logo de início, tentaram rebelar-se contra o líder devidos os maus tratos recebidos¹¹. Reconhecendo a necessidade de contrair a rebelião, que poderia alastrar-se por toda a colônia, Villegaignon solicitou que a Igreja Calvinista de Genebra enviasse algumas pessoas de profissão definida e também pastores para que ministrassem orientação espiritual e estabelecessem uma igreja no Brasil.

Além da comitiva dos 14 huguenotes¹², vieram mais três navios e cerca de trezentos tripulantes, que chegaram no Brasil a 7 de março de 1557.

Villegaignon recebeu os huguenotes com muita disposição porque imaginava encontrar neles a solução para as rebeliões. De imediato, no dia 10 de março, foi realizado o primeiro culto calvinista em terras bra-

¹¹ RIBEIRO, Domingos, Origens do evangelismo brasileiro. Rio de Janeiro, Grafica Apollo, 1937 p. 34-35

¹² Huguenotes, era o nome atribuído aos calvinistas na França no século XVI; Na Escócia receberam o nome de Presbiterianos devido o sistema de governo eclesiástico, pois os líderes se chamavam presbíteros.

sileiras. Foi pregador o reverendo Pierre Richier, que usou o texto bíblico do Salmo 27, versículo 4: " Uma coisa pedi ao Senhor e a buscarei; que possa morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a formosura do Senhor e aprender no seu templo." No dia 21 do mesmo mês constituiu-se a primeira Igreja Reformada no Brasil, conforme as doutrinas e leis da Igreja Reformada de Genebra. O próprio Villegaignon foi o primeiro a apresentar-se diante da Mesa da Comunhão para tomar o pão e o vinho das mãos do Ministro Oficiante, declarando-se seguidor da nova igreja. Todos os dias havia pregação bíblica e aos domingos o povo simpatizante com a nova igreja se reunia duas vezes para o culto de louvor e adoração a Deus.

O trabalho calvinista embora tivesse conseguido alguns adeptos entre os colonos, foi alvo de uma crise religiosa logo de início. A divergência surgiu através do ex-frade Jean Le Cointe¹³, que levantou dúvidas doutrinárias quanto aos ensinamentos calvinistas e instigou Villegaignon a apoiá-lo. Devido as controvérsias crescentes e sem conciliação, o reverendo Pierre Chartier foi a Genebra levar a questão a João Calvino para a decisão final. Após a partida de Chartier no dia 4 de junho de 1557, Villegaignon proibiu a celebração de cultos na colônia francesa. Os calvinistas ficaram aborrecidos com

¹³Jean Le Cointe afirmava que para participar da Santa Ceia não era necessário ser cristão. O batismo devia ser ministrado segundo o rito católico. RIBEIRO, Domingos. op.cit. p.35

tal atitude e, para evitar ameaças, resolveram retirar-se e aguardar um navio para regressarem à Europa. Liderados pelo chefe da comitiva, o reverendo Pierre Richier, os calvinistas embarcaram para a Europa no dia 4 de janeiro de 1558. Permaneceram no Brasil somente dez meses.

Apenas a dezoito léguas da costa brasileira a tripulação foi diminuída devido a escassez de víveres. Coube a sorte a cinco deles que tiveram de regressar ao Brasil: Jean du Bourdel, Matthieu Verneuil, Pierre Bourdon, André La Fon e Jacques le Balleur. De início Villegaignon os recebeu amigavelmente, mas logo os acusou de estarem a serviço do grupo calvinista, como espíões. Eles tiveram que reafirmar as suas convicções religiosas por escrito e produziram um documento chamado: "A Primeira Confissão de Fé Reformada da América"¹⁴. O teólogo e filósofo cristão Erasmo Braga apreciou, séculos depois, a confissão de fé calvinista com estas palavras:

Definições concisas, de profundidade, porém, admirável e a característica da Confissão dos mártires de Villegaignon. Revela o estudo que nesse tempo se fazia dos Padres da Igreja; o conhecimento invejável de doutrina que os leigos de então possuíam. É uma Confissão Calvinista, e a Confissão de nossos maiores, responde particularmente as heresias de Roma. É a primeira Confissão redigida na América, na Primeira Igreja do Brasil. E foi selada com sangue 15

¹⁴RIBEIRO, Domingos. op.cit. p.39

¹⁵Ibid. p.39

No dia 9 de fevereiro de 1558 Villegaignon ordenou a morte de Jean du Bourdel, Matthieu Verneuil e Pierre Bourdon. O calvinista André La Fontaine foi poupado devido os serviços que prestava como único alfaiate da colônia e porque abjurou a sua fé¹⁶. Jacques le Balleur que era tido como teólogo e mestre versado em espanhol, latim, grego e hebraico, foi executado em 20 de janeiro de 1567 por ordem de Mem de Sá, Governador Geral do Brasil. Balleur veio para o Brasil na primeira expedição de 1555. Com o martírio dos companheiros em 1558, ele fugiu para São Vicente. Foi preso em 1559 por ser considerado herege, e remetido a Salvador onde ficou preso durante oito anos. Depois foi remetido para o Rio de Janeiro e enforcado em 1567¹⁷.

A presença calvinista francesa desapareceu no solo brasileiro com o martírio dos quatro remanescentes e diante da ameaça de Villegaignon proibindo que ninguém seguisse a mesma doutrina sob pena de ter a mesma sorte dos justicados.

¹⁶ CRESPIN, Jean. A tragédia da Guanabara. Trad. Domingos Ribeiro. Rio de Janeiro, Tiph. Lithotipo, 1917 p. 79-80

¹⁷ RIBEIRO, Domingos. op.cit. p.51

2.2 OS HOLANDESES REFORMADOS

A segunda tentativa se fez sentir com a presença dos holandeses no nordeste do Brasil, em 1630 por ocasião da invasão em Pernambuco¹⁸.

Vários ministros evangélicos oriundos dos Países Baixos vieram para o Brasil para atender ao trabalho pastoral das igrejas que congregavam flamengos, ingleses e franceses¹⁹. Além do trabalho de atendimento pastoral às colônias, os ministros neerlandeses aprenderam a língua tupí para difundir as suas doutrinas entre os indígenas. Para a intensificação da catequese dos selvícolas chegaram em 1637 mais oito missionários da Igreja Reformada, a convite do Conde Maurício de Nassau²⁰.

A situação era favorável à expansão do trabalho missionário e por isso o crescimento foi rápido. Além das colônias, que tinham assistência efetiva, foram estabelecidos trabalhos com a fundação de igrejas em Pernambuco e Capitanias vizinhas. Em seu livro: "Religiões

¹⁸ SOUTHEY, Roberto. História do Brasil. Trad. Luiz Oliveira e Castro. Rio de Janeiro, Liv. Garnier, 1862; VARNHAGEN F. História das lutas com os holandeses no Brasil. Salvador, Liv. Progresso, 1955.

¹⁹ A Reforma Religiosa do século XVI penetrou nos Países Baixos através dos luteranos em 1523, durante o governo de Carlos V. Logo depois a igreja holandesa se tornou calvinista na doutrina e disciplina. O Sínodo de Dordrecht em 1618, que repeliu o arminismo definiu a linha calvinista da Igreja Holandesa. (LESSA, Vicente Themudo. Maurício de Nassau, o brasileiro p.205.

²⁰ O Conde Maurício de Nassau desembarcou em Recife em 23 de janeiro de 1637 com a missão de reger o Brasil. Permaneceu até 6 de maio de 1644.

Acatólicas, comenta :

inteligentes, bem educados, e de uma dedicação sem limites o Governo era devedor aos pastores, de grande auxílio na consolidação da colônia, sobretudo pelo zelo missionário entre os índios que, sabemos, ficaram afeiçoados aos holandeses.

E acrescenta:

teve o conde Maurício de Nassau que admirar o zelo dos missionários protestantes flamengos pelo seu desvelo na instrução e conversão dos indígenas.

Observa ainda Rodrigues:

Os jesuitas viam a expansão apreensivos e reconheciam a influência protestante na Província. O padre André de Barros refere-se ao trabalho dizendo: "estavam os índios tão calvinistas e luteranos como se nascessem na Inglaterra ou Alemanha 21

O trabalho reformado estruturou-se e foram organizados Conselhos Eclesiásticos em Recife e na Paraíba. Perante eles se realizavam os casamentos e também forneciam atestados de conduta e carta demissória àqueles que regressavam à Holanda. Além dos pastores, as igrejas contavam com o auxílio dos presbíteros regentes, eleitos pela Assembléia dos membros, pelo prazo de dois anos, podendo ser prorrogado, se fosse necessário. Tam -

²¹ RODRIGUES, J.C. Religiões Acatólicas. Citação de Domingos Ribeiro. op.cit. p.57

bém as igrejas contavam com o trabalho dos consoladores de enfermos e que cuidavam da instrução religiosa nas visitas familiares ou domiciliares.

As divergências religiosas se acentuavam cada vez mais, apesar das considerações positivas comentadas por J.C.Rodrigues. O próprio Maurício de Nassau insistia em limitar o trabalho de evangelização da Igreja Reformada para que ficasse restrito aos indígenas e africanos, uma vez que os portugueses estavam resistindo à propagação da nova doutrina. Em seu discurso de despedida, ao transmitir o cargo ao seu sucessor, afirmou Nassau:

Em questões de consciência é que a moderação se afigura qualidade indispensável ao estadista. Fora melhor que tivéssemos todos uma só crença, desgrazadamente assim não é. Por conseguinte, encarado o lado da utilidade, a tolerância dos cultos dissidentes é preferível a perseguição, da qual inevitavelmente resulta a ruína do Estado. Considere as circunstâncias da época em que vivemos, procedei com a devida prudência. Diante da impossibilidade de extirpar opiniões profundamente arraigadas, é mais razoável condescender do que combater. Nada pode ser mais perigoso que aplicar meios inoportunos contra erros inveterados. Todos amam e veneram a religião que receberam no berço: quem procura hostilizá-la provoca o sentimento da obstinação, desperta a energia do ódio. A indulgência é meio seguro de arrefe-

cer o ardor das crenças . 22

Quanto à Igreja Católica Apostólica Romana, Nassau afirmou:

Em relação aos portugueses deixai de vos ingerir em assuntos religiosos, nem cuideis de os converter a vossa fé. Preferível é que eles conservem seus sacerdotes e suas igrejas. Castigai os padres sediciosos protegei os bem intencionados, para que se reconheça que não sois adversos a classe inteira, mas aqueles somente de seus membros que se tornam perigosos para a tranquilidade pública. Entre os portugueses prevalece o princípio autoritário que não permite ao leigo ingerir-se em assuntos eclesíasticos. Daí se origina a grande influência do clero contra o qual a luta é ariscada. Ligai pouca importância as denúncias e queixas dadas pela paixão de nossos correligionários, porque estes igualmente pretendem que exista uma só crença, um só Deus, uma só autoridade. Tal antagonismo gera o ódio, a perseguição, o desterro, os cárceres e as fogueiras. Preferi o sossego da maioria ao fanatismo da minoria. Castigai severamente aqueles que desrespeitam o culto dos portugueses e lhes insultam a Igreja e os servos da Igreja. Pela perseguição é que eles se exasperam e se alvoroçam. 23

²² RIBEIRO, Domingos. op.cit. p.129

²³ Ibid. p. 130

A tentativa de Nassau em apaziguar os conflitos religiosos trouxe divergências internas na Igreja Reformada, que não concordava com a atitude do Governador. Os conflitos também eram provocados pelos católicos através do fanatismo e perseguições. Entre os muitos registros das Atas Clássicas e Sinodais²⁴ encontramos o clima de fanatismo:

A ousadia dos católicos, os quais edificam novas capelas, erigem cruzes, realizam procissões sob pretexto de enterros, que lançam a proscricção sobre as pessoas inclinadas aos nossos; que fazem vir novos frades e jesuitas ou padres da França, ou da Baía, por ordem dos bispos de lá, indo a sua te-meridade tão longe que, ousam matar os que não adoram as suas imagens; tal ousadia a Assembleia julga que deve ser bem deduzida e demonstrada ao Supremo Conselho, afim de que, mediante a autoridade de SS.EEExas.se providencie a respeito oportuna e convenientemente; 25

A presença holandesa no nordeste brasileiro estava chegando ao seu ocaso, não apenas por questões religiosas entre Nassau e os dirigentes da Igreja Reformada, mas também por questões políticas entre a Holanda e Portugal.

²⁴As Atas Clássicas e Sinodais foram traduzidas do holandês pelo Dr. Pedro Souto Maior, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e registram as decisões e planos da Igreja Reformada em Pernambuco e Paraíba. Estas atas se encontram no apêndice do livro de Jean Crespín "A tragédia da Guanabara".

²⁵CRESPIN, Jean. op.cit. p.150

A retirada definitiva dos holandeses e expulsão do território brasileiro aconteceu em 1654. A partir dessa data tudo fizeram os jesuítas para anular a obra levada a efeito pelos invasores, no plano de instrução religiosa entre os indígenas, africanos e portugueses. As próprias circunstâncias históricas serviram para abafar a influência da Igreja Reformada e assim o trabalho definiu até o seu desaparecimento.

As duas tentativas de implantação dos grupos calvinista e reformado não tiveram continuidade porque sofreram a mesma sorte dos imigrantes, com os quais estavam identificados. Os franceses se retiraram por desavenças doutrinárias com Villegaignon e a falta de apoio dos calvinistas de Genebra.

A intenção de Villegaignon em convidar os calvinistas para o Brasil se estribava no interesse em sufocar as rebeliões da colônia através da aplicação do ensino religioso sistemático e rígido. Embora os genebrinos vissem no convite de Villegaignon uma porta aberta para a propagação das doutrinas da Reforma Religiosa, percebe-se que o grupo calvinista europeu foi apenas um jogo político-religioso. A tentativa francesa estava fadada ao fracasso já desde o seu início, por falta de finalidade definida, e por comprometimento com os problemas de grupos que não queriam uma nova igreja para adotarem princípios religiosos, mas queriam uma igreja que resol-

vesse os problemas da colônia pela imposição de dogmas .
A observa do historiador Rocha Pombo é válida, neste con-
texto :

O que se infere , em suma, dos documentos, e da própria con-
duta de Villegaignon na Ameri-
ca, é que o homem nunca deixou
de ser catolico; que em Fran-
ça se disfarçou quanto pode ,
so pode criar um grande moti-
vo que tornasse popular e pa-
triotico o empreendimento pla-
neado que na ilha de Coligny
continuou por algum tempo a
comedia; e que, assim que sen-
tiu como Henrique II tomava
interesse pela obra, e que já
não era mais preciso parecer
protestante, entendeu que não
havia mais necessidade de con-
trafazer-se 26

Os holandeses também tiveram a mesma sor-
te dos franceses. A expulsão holandesa culminou com o de-
saparecimento do trabalho da Igreja Reformada. Havia uma
identificação muito grande dos princípios religiosos en-
sinados com a presença política e econômica da Holanda .
A maneira de pensar, a ética, as práticas religiosas, as
críticas feitas ao costume religioso brasileiro, além de
outros pontos, são aspectos que influenciaram a rejeição
do grupo holandês na tentativa de implantar uma nova igre-
ja.

A presença da Igreja Reformada além de re-
presentar uma imposição político-religiosa, também refle-

²⁶ ROCHA POMBO, José Francisco. História do Brasil. São Pau-
lo, Ed. Melhoramentos, 1963, p.92

tia os problemas antigos das rivalidades religiosas europeias entre protestantes e católicos. Em última instância era uma nação de orientação protestante querendo impor-se no Brasil católico. A rejeição luso-brasileira foi inevitável. Além de estrangeiros, os invasores holandeses eram protestantes.

2.3 OS NORTE AMERICANOS PRESBITERIANOS

Antes do estabelecimento do trabalho presbiteriano de maneira definitiva em 1859, através do missionário norte-americano Ashbel Green Simonton, devemos registrar a presença do reverendo James Cooley Fletcher, o primeiro pastor presbiteriano na época imperial de D. Pedro II.

Fletcher era americano e veio para o Brasil em 1851. Aqui participou da União Cristã Americana e Estrangeira e da Sociedade dos Amigos dos Marinheiros. Trabalhou como missionário e secretário da Legação Americana no Brasil. Era um homem erudito e tinha as portas do Palácio Imperial franqueadas. D. Pedro II tinha grande prazer em ouvi-lo e, devido a esta amizade com o Imperador, teve a honra de ser admitido como membro do Instituto Histórico Brasileiro.

Outra contribuição de Fletcher foi a reedição da obra de Daniel Kidder intitulada "Sketches of residence and travels in Brazil embracing historical and geographical notices", publicada em 1845. A obra foi ampli

ada e reeditada por Fletcher sob o título "Brazil and Brazilians", que alcançou nove edições²⁷.

A obra de Kidder e Fletcher serviu para divulgar o Brasil nos Estados Unidos da América do Norte com a finalidade de atrair os imigrantes. A imagem apresentada no livro caracterizava um Brasil com território imenso, rico, com oportunidades de exploração praticamente intatas; um governo liberal; um povo amável e tolerante, embora atrasado, ignorante e supersticioso. Esta propaganda despertou o interesse das organizações missionárias protestantes da América do Norte para o estabelecimento de igrejas no Brasil²⁸.

Fletcher, embora tivesse livre acesso no Palácio Imperial e ainda contasse com a amizade e apoio das autoridades brasileiras, não tencionou fundar igrejas e nem propagar as doutrinas presbiterianas, a não ser através da divulgação e distribuição da Bíblia Sagrada.

Na verdade o trabalho presbiteriano teve a sua primeira raiz definitiva no Brasil com a chegada do jovem missionário Ashbel Green Simonton. Trezentos e dois anos depois da tentativa francesa de iniciar o trabalho calvinista, chegou outro obreiro presbiteriano de tradição calvinista, e desembarcou na mesma cidade do Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1859.

²⁷ LESSA, Vicente Themudo. Annaes da primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo; 1863-1903. São Paulo, Ed. Independente, 1938, p. 17

²⁸ RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo no Brasil monárquico. S. Paulo, Liv. Pioneira, 1973 p.103

Simonton chegava ao Brasil sem qualquer recomendação política ou título de nobreza que o apresentasse diante das autoridades brasileiras. Ele vinha como um missionário pioneiro da Missão Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos, denominada New York Board.²⁹ A Igreja que enviou Simonton ao Brasil mantinha a mesma estrutura eclesiástica e os mesmos princípios doutrinários das igrejas européias de tradição calvinista.

Não só as igrejas presbiterianas norte americanas mas também outras igrejas protestantes enviavam missionários para diversos países do mundo. A ênfase missionária impulsionava as igrejas como fruto de um reavivamento espiritual. Simonton aceitou o desafio em ser o primeiro a vir para o Brasil.

Em 1859 a situação religiosa brasileira era bem diferente daquela triste experiência dos calvinistas franceses no Rio de Janeiro em 1557. Outros grupos religiosos já existiam no Brasil e por isso o missionário Simonton encontrou o caminho mais acessível para a expansão do seu plano.

²⁹ Em 1861 a Missão de Nashville da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos sondou a possibilidade de trabalho missionário no Brasil. Os dois primeiros missionários foram os reverendos George Nash Morton e Eduardo Lane, que vieram atender os imigrantes sulistas norte-americanos. O trabalho se expandiu na região de Campinas(SP) e cidades vizinhas (FERREIRA, Júlio Andrade. História da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo, Ed. Presbiteriana, 1969, Vol. I, p.73

Roberto Reid Kalley foi o precursor no estabelecimento das bases legais da propaganda protestante no Brasil³⁰. Ele fundou a Igreja Evangélica em 1858 e batizou o primeiro brasileiro convertido ao protestantismo. Mais tarde, janeiro de 1859, batizou também duas damas da Corte Imperial³¹.

A presença de Kalley provocou a reação católica imediata. O núncio solicitou do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Silva Paranhos - Visconde de Rio Branco, que esclarecesse ao médico escocês Kalley que a tolerância religiosa garantida pela Constituição Brasileira não é tão plena que admita a propaganda de doutrinas contrárias à religião do Estado. Kalley foi convidado a deter a sua propaganda religiosa ou retirar-se de Petrópolis. Todavia obteve o apoio de três respeitáveis juristas - Nabuco, Urbano Pessoa de Melo e Caetano Alberto Soares, um parecer favorável provando que ele não havia violado as leis brasileiras³². Kalley superou outras divergências graças à sua amizade e posição médica. Ele estabeleceu um trabalho com tradições presbiterianas escocesas, semelhantes àquelas da igreja escocesa à qual pertencia.

A chegada de Simonton preocupou Kalley, por isso ele aconselhou ao jovem entusiasta que agisse

³⁰ ROCHA, João G. da. Lembranças do passado. Rio de Janeiro, Centro Bras. de Public. 1946, 3 volumes, constitui fonte importante da história religiosa e mesmo civil, desconhecida pelos especialistas de história geral.

³¹ LÉONARD, Émile, op.cit. p.50

³² ROCHA, João G. da. op.cit. p.95

com moderação. De início Simonton não quis atender as recomendações do seu colega e registrou em seu diário:

"Kalley insiste em que eu trabalhe em segredo e julga aconselhável as sociedades mantenedoras de missões em terras papistas a organização de fundos secretos. Nisto não posso concordar com ele. Minha presença e minhas intenções não podem ser ocultadas." 33

Dois antecedentes favoreceram o novo pastor Simonton na divulgação de seu trabalho: a necessidade de mais liberdade religiosa para atrair o imigrante, e o trabalho de divulgação das Escrituras Sagradas.

Além da necessidade de imigrantes para o Brasil notava-se a disposição favorável do Imperador em servir-se dos clérigos no terreno social. A presença de novos missionários seria mais uma oportunidade de serviço para o desenvolvimento do Brasil, principalmente na área educacional. No seu discurso do dia 3 de maio de 1855, o Imperador afirmou :

"Meu governo empenha-se com particular interesse na tarefa de promover a colonização, da qual depende essencialmente o futuro do país." 34

Esse interesse do Imperador levou o Brasil a ver o imigrante não como um intruso e invasor, mas

³³ RIBEIRO, Boanerges. O padre protestante. São Paulo, Ed. Presbiteriana, 1950 p.99

³⁴ LÉONARD, Émile. op.cit. p.48

como alguém que pode contribuir para o desenvolvimento nacional. Os imigrantes vindos de nações protestantes teriam os seus direitos assegurados no tocante à liberdade de culto religioso e educação de seus filhos.

O governo brasileiro atraiu os imigrantes europeus e norte-americanos oferecendo-lhes diversas vantagens em dinheiro ou em espécie. O Governo os acolhia e lhes oferecia garantias de liberdade religiosa com o direito de professar as formas de culto adotadas, sem contudo terem as casas de reunião qualquer aparência de templo.³⁵

A divulgação das Escrituras Sagradas, desde o início do Império, permitiu o conhecimento das doutrinas protestantes e as razões do "modus vivendi" dos imigrantes. Duas Sociedades Bíblicas³⁶ contribuíram para a divulgação: British and Foreign Bible Society fundada em Londres em 1804 e a American Bible Society fundada em Nova York em 1816.

A Sociedade Bíblica Britânica começou a remeter exemplares de bíblias para o Brasil em 1822 através da Embaixada Inglesa ou portadores diretos. Em 1856 foi i

³⁵ LÉONARD, Emile. op. cit. p.48 cita a Constituição Brasileira, artigo 5: "A religião Católica Apostólica Romana continuara a ser a religião oficial. Todas as demais serão admitidas com seu culto domestico ou particular, em casas destinadas a esse fim, que não possuam forma exterior de Templos".

³⁶ As Sociedades Bíblicas tinham por único fim a divulgação da Bíblia na língua vernacula de cada povo, sem comentários ou notas explicativas em suas paginas .

inaugurada uma agência no Rio de Janeiro. A Sociedade Americana também enviou bíblias a partir de 1822 através de comerciantes e comandantes de navios que aportavam em solo brasileiro. O volume de exemplares de bíblias, novos testamentos e de separatas dos livros sagrados foi grande. Desde 1822 a 1856 foram distribuídos cerca de quatro mil exemplares; em 1859 o número já se elevava para 20 mil exemplares. Tudo isto significava uma boa divulgação e um preparo para a chegada dos imigrantes americanos e missionários ³⁷.

A distribuição de bíblias no período de 1822 a 1856 foi pequena se compararmos com a população da época. No primeiro império tivemos 4 mil exemplares para uma população acima de 4 milhões de habitantes. Significava 118 bíblias por ano ou uma por mil habitante. Devemos lembrar que a distribuição não se fazia em todo o Brasil e que até o momento as Escrituras Sagradas eram consideradas de leitura difícil e inconveniente para o leigo.

O aumento significativo de distribuição de bíblias em 1859 revelou a grande preocupação em difundir a mensagem bíblica para superar o tabu religioso que considerava-a perigosa e proibida para o povo. Agora a leitura bíblica não seria mais privilégio do clero mas um direito do cidadão no uso de sua liberdade de consciência.

³⁷ FERREIRA, Júlio Andrade. op.cit. p.15

No Brasil, o pioneiro dos colportores - pessoas que se dedicam em distribuir bíblias - foi F. C. Glass. Ele mesmo relata o alcance do seu trabalho:

"Em dezenas de lugares onde vendi as primeiras copias das Escrituras, que o povo via pela primeira vez, existem fortes igrejas evangélicas atualmente. Na maioria dos casos, quase invariavelmente, primeiramente aparecia a Bíblia e depois o pregador, excetuando aqueles casos em que o colportor era também o evangelista, quando então a Bíblia e o pregador surgiram ao mesmo tempo. Não me lembro de uma única instância em que a Bíblia tenha surgido em segundo lugar. Falando por experiência pessoal, portanto, devo dizer que se alguém quiser abrir uma nova área, a primeira coisa a ser feita é enviar alguém munido de uma Bíblia. 38

Mais tarde, em 1936, o reverendo Matatias Gomes dos Santos, pastor presbiteriano, fazia esta observação quanto ao trabalho de distribuição de bíblias:

A obra evangélica tem sido uma contribuição permanente para o engrandecimento cultural dos povos latino-americanos. A maior contribuição protestante para a formação do Brasil contemporâneo é a circulação da Bíblia, garantia de uma nova mentalidade, substancial-

³⁸ READ, William. O crescimento da Igreja na América Latina
São Paulo, Ed. Mundo Cristão, 1969 p.49

mente necessária para a própria salvação desta grande Republica, considerada como líder dos países latinos americanos. 39

Embora o missionário Ashbel Green Simon - ton tivesse a seu favor a uma divulgação antecipada da Bíblia e também a presença de outros grupos religiosos de doutrina protestante⁴⁰, e ainda a abertura política imperial para a aceitação dos imigrantes, muitas barreiras surgiram até a fixação do trabalho presbiteriano no Brasil.

³⁹ SANTOS, Matatias Gomes. O Brasil contemporâneo e a contribuição protestante in revista SACRA LUX, Vol II . Rio de Janeiro, 1936

⁴⁰ A Igreja Anglicana desde 1810 realizou cultos a bordo de navios ou na residência do ministro Lord Stranford. No dia 12 de fevereiro de 1819 a Igreja lançou a pedra fundamental de sua capela no Rio de Janeiro e o reverendo Grane foi o primeiro pastor; A Igreja Metodista iniciou com a presença do reverendo Justin Spaulding em 1836 no Rio de Janeiro. Em 1837 veio o reverendo Daniel P. Kidder para auxiliar o trabalho e produziu uma famosa obra para a divulgação do Brasil no exterior, como atração para os imigrantes. A Igreja Luterana Alemã inaugurou a sua capela em 27 de julho de 1845 com a presença do reverendo Neumann, o primeiro pastor; A Igreja Congregacional iniciou com o medico reverendo Roberto B. Kalley, em 10 de maio de 1855, com uma Escola Dominical em Petropolis. Em 11 de julho de 1858 organizou a primeira igreja no Rio de Janeiro. Tivemos a presença de outros missionários mas que não se preocuparam em fundar igrejas ou estabelecer um trabalho permanente. Isto aconteceu com o pastor presbiteriano Fletcher que esteve no Brasil muito antes de Simonton. Estas informações se referem ao trabalho já estruturado e com uma base mais sólida e permanente. (RIBEIRO, Domingos . op. cit. p.76)

De início o jovem missionário se limitou a trabalhar com os anglo-saxônicos, pregando a bordo dos navios, sempre na língua inglesa. Embora tivesse recebido em 1860 o auxílio de sua irmã e seu cunhado reverendo Blackford, ainda assim Simonton restringiu-se à fundação de um curso de inglês e de uma pequena livraria. Em 19 de maio de 1861 começou a pregar em português para voltar-se especificamente à igreja brasileira, como alvo de sua vocação⁴¹

Vencida a primeira etapa, Simonton pensou em atingir o interior do Brasil. Esteve no Estado de São Paulo em viagem de reconhecimento e colportagem, verificando as possibilidades de expansão do trabalho⁴². A sua maneira de ver o trabalho missionário se dirigia para a expansão e ao mesmo tempo para a estruturação e formação de uma base sólida. Primeiro criar raízes locais para depois avançar com segurança. Quando o seu cunhado, o missionário Blackford, insistiu para transferir a sede da Missão para São Paulo, Simonton não concordou porque queria estabelecer um trabalho definitivo no Rio de Janeiro para depois pensar em expansão. As razões da permanência no Rio de Janeiro foram explicadas na carta de Blackford em 17 de maio de 1861, dirigida à Missão :

⁴¹ FERREIRA, Júlio Andrade. op.cit. p. 28

⁴² Ibid p.16

"O princípio de liberdade religiosa foi mantido aqui no Rio no que diz respeito as perseguições havidas contra os seguidores do Dr. Kalley . Talvez em São Paulo a situação, nesse respeito, não seja tão favorável. O trabalho aqui no Rio mostra indícios de que os primeiros frutos já vão aparecer com os trabalhos de Simonton. 43

A estratégia prática de Simonton era a consolidação de igrejas locais. Preocupava-se com o ensino do catecismo, pregação no púlpito, o estabelecimento de escolas, a publicação de livros e folhetos de orientação religiosa e a formação de um ministério presbiteriano nacional idôneo, para que os ministros tivessem maior identificação com o povo. Quando Simonton morreu em 1867 com apenas 34 anos de idade, sendo oito de trabalho missionário no Brasil, deixou o saldo positivo do ideal que trouxe dos Estados Unidos e o levou a viver e morrer em terras brasileiras. No curto período de oito anos recebeu 80 pessoas por profissão de fé, organizou a primeira igreja, a primeira escola presbiteriana, o primeiro jornal, o primeiro presbitério e o primeiro seminário. Deixou dezenas de sermões escritos e folhetos evangelísticos, além de um comentário inacabado do evangelho de Mateus. O jornal " O Apóstolo " , de orientação católica , registrou esta nota quando Simonton faleceu:

sempre mantivemos o devido

⁴³ FERREIRA, Júlio Andrade. op.cit. p.21

respeito por nosso ilustre adversário e de coração nossa tristeza pela morte do ilustre editor da Imprensa Evangelica."⁴⁴

O primeiro fruto brasileiro para o ministério presbiteriano foi a conversão do ex-padre José Manoel da Conceição. Com a amizade e influência de Simonton e Blackford, o chamado "padre protestante"⁴⁵, aceitou as doutrinas presbiterianas e se tornou o missionário itinerante do interior paulista. Ele saiu a 28 de fevereiro de 1886 de São Paulo em direção a estrada do sul do Brasil. Os itinerários de Conceição foram os mesmos de suas antigas paróquias pois ele tinha como objetivo explicar aos seus ex-paroquianos a razão de sua conversão do catolicismo ao presbiterianismo. Conceição inaugurou a fase de expansão do trabalho presbiteriano para o interior, e marcou a sua presença como o primeiro missionário brasileiro. As igrejas pioneiras do interior nasceram do itinerário de Conceição.

Não é propósito deste trabalho acompanhar o desenvolvimento do presbiterianismo através dos anos, mas apenas situar o início e os primeiros planos de expansão. No primeiro decênio o trabalho atingiu resulta -

⁴⁴ O próprio José Manoel da Conceição explicou o sentido do apelido que recebera de "padre protestante" ao afirmar: "a leitura da Bíblia e minhas relações com os protestantes fizeram de mim um mau candidato e, mais tarde, um péssimo padre romano." A vida e obra de Conceição encontra-se no livro "Padre Protestante" de Boanerges Ribeiro, Ed. Presbiteriana São Paulo, 1950

dos promissores:

"quatro missionários pioneiros: Simonton, Blackford, Schneider, Chamberlain; quatro estudantes de teologia, que estão destinados a ser colunas do ministério nacional: Modesto Carvalhosa, Antonio Trajano, Miguel Torres, Antonio Cerqueira Leite; quatro grandes rotas de evangelização: estrada do Oeste, estrada do Sul, estrada do Norte, estrada de Minas; quatro igrejas pioneiras do interior correspondendo às rotas em sua ordem cronológica de organização: Brotas, Lorena, Borda da Mata, Sorocaba; duas Igrejas-Mães: Rio e São Paulo; duas grandes instituições: Seminário primitivo e Imprensa Evangélica 45

A expansão do trabalho presbiteriano até 1883 alcançou as províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Ceará, com estabelecimento de igrejas em todas elas: Em 1862: Rio de Janeiro; em 1863: São Paulo (Capital); em 1865: Brotas (SP); em 1868: Lorena (SP); em 1869: Borda da Mata (MG) e Sorocaba (SP); em 1870: Campinas (SP) e Santa Bárbara (SP); em 1872 Bahia e Petrópolis (RJ); em 1873: Avaré (SP), Caldas (hoje Parreiras-MG), Rio Novo (hoje Cachoeirinha-MG), Rio Claro (SP); em 1874: Alto da Serra (SP), Cruzeiro (hoje Embaú (SP) Machado (MG), Penha do Rio do Peixe (hoje Itapira-SP); em 1875: Cachoeira (BA), Dois Córregos (SP), São Carlos (SP); em 1878: Campos (RJ), João Pessoa, Recife; em 1879: Araraqua-

⁴⁵ FERREIRA, Júlio Andrade. op.cit. p.71

ra(SP), Faxina(SP); em 1880: Goiânia(PE), Lenções(SP) , Ubatuba(SP); em 1881: Areado (MG), Cabo Verde(MG), Fortaleza(CE), Piracicaba(SP); em 1882:Guareí(SP); em 1883 : Itatiba(SP)⁴⁶ .

Num retrospecto histórico verificamos que as tentativas de implantação das doutrinas calvinistas e reformadas no Brasil em 1555, 1630 e 1859, revelaram problemas religiosos que ainda hoje se repetem. A identificação de um grupo religioso com conquistas políticas, militares ou econômicas, obscurece o objetivo espiritual do plano missionário. É difícil desvencilhar-se das tradições, modo de pensar e interesses próprios, para transmitir uma mensagem bíblica genuína e sem preconceitos.

O fracasso das missões francesa e holandesa não revelou indisposição mental ou religiosa dos brasileiros pois o Brasil recebia muita influência européia na área política e intelectual. O insucesso religioso dos grupos protestantes foi resultado do comprometimento com os invasores que usaram a religião para conseguirem mais penetração no meio popular e apoio de seus planos. Não colocamos em dúvida os princípios religiosos ensinados mas sim o método de aplicá-los.

Por outro lado o grupo norte-americano ,

⁴⁶LÉONARD,Émile. op.cit. p.91

além de encontrar condições mais favoráveis, também usou outra estratégia, enfatizando a conquista individual proselitista e aguardando a espontaneidade da aceitação das novas doutrinas. Este é o grupo que vai estabelecer o trabalho presbiteriano permanente no Brasil, com o intuito de atingir todos os Estados. No fim do século, portanto, 40 anos depois, já havia trabalho presbiteriano do Amazonas ao Rio Grande do Sul.

3 ORGANIZAÇÃO E EXPANSÃO DO PRESBITERIANISMO

O trabalho presbiteriano iniciado no Brasil seguiu os princípios doutrinários e a estrutura e - clesiástica da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Visando uma melhor compreensão da organização eclesiástica em concílios, finalidade e funcionamento dos mesmos, vamos expor o sistema de governo presbiteriano . Também abordaremos a expansão do trabalho na região sul do Brasil apresentando a ordem cronológica da implantação no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

A partir de 1884 o trabalho presbiteriano começou a organizar-se em igrejas. Aquelas que precederam o trabalho em Florianópolis foram : em 1884 Fundão (Pr) e Tibagi (PR); em 1887: Rio Grande(RS); em 1888: Castro(PR), Curitiba(PR), Monte Alegre(PR); em 1900: São Francisco do Sul (SC); em 1901: Florianópolis(SC).

3.1 O SISTEMA DE GOVERNO PRESBITERIANO

3.1.1 O SISTEMA DE GOVERNO

Para identificar o sistema de Governo Presbiteriano convem distingui-lo dos sistemas episcopal e

congregacional, que são os mais frequentes.

O sistema episcopal caracteriza-se pela centralização do governo num poder, num cabeça, geralmente na pessoa do bispo. É o governo de hierarquia, no qual, de modo geral, o julgamento das questões das igrejas locais, como nacional, a jurisdição dos ministros e oficiais, competem ao bispo. O sistema é baseado no princípio de que um governa por todos.

O sistema congregacional caracteriza-se por um governo descentralizado, competindo à assembleia geral ou congregação, decidir todas as questões quer seja de administração, quer seja de admissão ou disciplina de membros, quer seja de eleição ou consagração de ministros. É um sistema de governo local onde todos governam e decidem.

O sistema presbiteriano é o governo exercido por representantes eleitos pela própria igreja local. É um sistema representativo onde o povo escolhe seus representantes por voto direto e secreto e estes administram e governam a igreja local e as instituições de âmbito nacional. Os representantes do povo são chamados de presbíteros, daí a designação de presbiteriano, dada a esse tipo de governo.

3.1.2 OS LÍDERES

No sistema presbiteriano existem duas clas-

ses de representantes do povo, ou oficiais da igreja: os presbíteros e os diáconos. Especifiquemos os ofícios.

A palavra "presbítero" vem de um vocábulo grego que significa "o mais velho", "o ancião". Traduições que indicam o mesmo ofício nas citações bíblicas. Temos duas categorias de presbíteros: docentes e regentes. Os presbíteros docentes são os ministros do Evangelho ou pastores, comissionados a pregar e administrar os sacramentos. O presbítero docente precisa cursar a Faculdade de Teologia ou Seminário e após dar provas de sua vocação e preparo, é ordenado e investido como pastor de uma igreja sob a jurisdição do Presbitério. O presbítero regente auxilia o pastor no governo da igreja local. Ele é eleito pela assembléia geral da igreja e, depois de examinado em suas convicções religiosas e aprovado pelo Conselho, é ordenado e investido em sua função. Nas reuniões conciliares os presbíteros docentes e os regentes têm a mesma autoridade e direito de votar e ser votado para qualquer cargo ou função na igreja, exceto aquelas funções específicas atribuídas ao pastor.

O diácono também é eleito pela assembléia geral da igreja local com a finalidade de atender o setor administrativo e social da comunidade. Ele tem o dever de arrecadar e distribuir as ofertas ou verbas da igreja para fins beneficentes e ter sob a sua guarda

os bens temporais da igreja local. Após eleitos pela assembleia, os diáconos também são examinados pelo Conselho quanto às convicções religiosas e, depois de aprovados, são ordenados e investidos em seus cargos pelo prazo de cinco anos, podendo ser reeleitos. O prazo de atuação do presbítero regente também é de cinco anos com a possibilidade de ser reeleito por períodos quinquenais até que disponha de vigor físico e espiritual para liderar a comunidade.

3.1.3 OS CONCÍLIOS

No sistema presbiteriano convem destacar a importância dos concílios na orientação espiritual e administração da Igreja. O governo da Igreja Presbiteriana do Brasil é exercido coletivamente por meio de concílios, a saber: Conselho, Presbitério, Sínodo e Supremo Concílio.

Destaquemos a finalidade de cada um e como se compõem:

O Conselho é composto pelo pastor e os presbíteros regentes da igreja local. O Conselho exerce autoridade espiritual sobre os membros com a finalidade de orientar e administrar a vida da comunidade.

O Presbitério é composto pelos pastores da área jurisdicionada pelo concílio e mais um presbítero regente de cada igreja incluída na área presbiterial.

O representante da igreja local é eleito dentre os membros do Conselho com autorização para votar e decidir em nome da igreja, na reunião conciliar. As decisões tomadas no Presbitério serão acatadas pelas igrejas locais, através do Conselho.

O Sínodo é composto por pastores e presbíteros regentes que representam seus Presbitérios. O Sínodo jurisdiciona no mínimo três Presbitérios de uma região. A finalidade precípua é estimular a observância das doutrinas e governo da Igreja através de uma supervisão espiritual.

O Supremo Concílio é composto de pastores e presbíteros regentes que representam seus presbitérios. O Supremo Concílio é a assembleia maior da Igreja Presbiteriana do Brasil e tem poderes para decidir assuntos doutrinários e estabelecer normas de conduta diante de qualquer situação nova. Ele exerce jurisdição sobre todas as igrejas presbiterianas no Brasil.

3.1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O presbiterianismo desenvolve o trabalho através das comunidades locais que possuem governo próprio, mas sempre subordinado aos concílios superiores. A autonomia das igrejas locais se evidencia na constituição de personalidade jurídica, com estatutos próprios e na escolha de seus líderes, tanto pastor como presbíteros regentes e diáconos. Toda a igreja local fica su-

bordinada ao sistema de governo presbiteriano e deve adotar as doutrinas aceitas e definidas pelo Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil.

As comunidades locais poderão ser chamadas de: ponto de pregação, congregação de igreja, congregação presbiterial ou igreja.

O ponto de pregação caracteriza um trabalho inicial ou informal com o objetivo de atingir pessoas interessadas, visando um futuro trabalho presbiteriano no local.

A congregação de igreja identifica um trabalho mais planejado, que se originou do ponto de pregação, possuindo reuniões espirituais regulares, e com membros residentes no local. Todavia a liderança e assistência ficam subordinadas à igreja mais próxima.

A congregação presbiterial tem as mesmas características da congregação de igreja, com a ressalva de que o responsável pela assistência espiritual é o Presbitério, por questões geográficas ou dificuldade de liderança das igrejas mais próximas.

A igreja local permite a organização do trabalho com mais estabilidade e deve preencher as condições básicas exigidas pela Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil : liderança local, número de membros suficiente para manter o trabalho em suas reuniões regulares e o levantamento de recursos financeiros.

ros para promover o desenvolvimento da comunidade presbiteriana. Poderá ser organizada mais de uma igreja na mesma cidade, desde que as condições já referidas, sejam observadas.

3.1,5 MISSÕES ESTRANGEIRAS E NACIONAIS

As Missões Estrangeiras foram responsáveis pela implantação da Igreja Presbiteriana no Brasil. O missionário vinha com todo o apoio da Missão, que lhe oferecia manutenção e recursos para desenvolver o trabalho. O missionário tinha como alvo fundar um trabalho, desenvolvê-lo e solidificá-lo para poder entregá-lo aos concílios brasileiros. No início, as Missões e os Presbitérios trabalharam juntos e participavam das decisões e planos de expansão. Com a problemática criada em 1903, que redundou no surgimento da Igreja Presbiteriana Independente, e também com a política adotada em 1916, os Presbitérios e as Missões se separaram, cada um passou a agir em sua área de assistência espiritual, sem interferência de nenhuma das partes.

As Missões Nacionais objetivavam expandir o trabalho presbiteriano em áreas carentes onde não havia possibilidade de obter o apoio de uma igreja local para a manutenção do trabalho. As Missões Nacionais também estabeleciam e solidificavam o trabalho para depois entregá-lo ou anexá-lo ao concílio mais próximo.

3.1.6 ADMISSÃO DE MEMBROS

Os membros da Igreja Presbiteriana do Brasil são todos aqueles que ingressam por batismo e profissão de fé, profissão de fé ou por transferência de outra igreja evangélica. O batismo com profissão de fé é o modo de receber as pessoas adultas que vêm de grupos religiosos considerados não evangélicos; a profissão de fé é o ato público de afirmar a disposição de seguir as doutrinas e práticas adotadas pela igreja local e nacional ; a transferência é o modo de receber os membros de outras igrejas evangélicas ou mesmo presbiterianas .

Os membros se classificam em comungantes e não-comungantes. Os membros comungantes são aqueles que fizeram a pública profissão de fé e gozam de todos os privilégios, direitos e deveres na igreja local. Eles exercem o direito de eleger os oficiais e o pastor da igreja, além de decidir em assembleia geral, pelo voto direto e secreto, os planos e interesses da comunidade. Os membros não-comungantes são as crianças batizadas na infância e que estão na faixa etária até 18 anos. Quando o jovem faz a sua profissão de fé em Cristo, ele é transferido da categoria de não-comungante para o rol de comungante.

3.1.7 EXCLUSÃO DE MEMBROS

Os membros adultos de uma igreja local podem ser excluídos por disciplina, por solicitação indi-

vidual do interessado, por ausência durante mais de dois anos dos trabalhos espirituais da igreja, por carta de - missória ou por falecimento. A exclusão por disciplina implica num processo eclesiástico, cujos passos estão de terminados no Código de Disciplina da Igreja Presbiteria na do Brasil. A disciplina abrange problemas de comporta mento ético que seja contrário aos princípios adotados pela igreja local ou por desacordo doutrinário.

3.2 PRESBITERIANISMO NO RIO GRANDE DO SUL

O interesse evangelístico pela região sul do Brasil foi manifesto na correspondência do Presbitério do Rio de Janeiro¹ nos idos de 1867, ao enviar ao Sínodo de Baltimore², nos Estados Unidos, um apelo veemente por reforço missionário no trabalho de expansão. Algumas re - giões brasileiras eram apontadas como propícias ao traba - lho:

precisamos urgentemente de, pelo menos mais seis homens decididamente ativos para o trabalho que se desenvolve nas províncias de São Paulo e Minas Gerais. Porto Ale -

¹O Presbitério do Rio de Janeiro foi o primeiro organiza - do no Brasil em 1862

²O Presbitério do Rio Janeiro estava subordinado ao Sínodo de Baltimore porque os primeiros missionários en - viados ao Brasil eram daquela região americana. Quan - do em 1888 foi organizado o primeiro Sínodo no Brasil os presbitérios brasileiros foram jurisdicionados ao trabalho presbiteriano nacional.

gre, a principal cidade do Extremo Sul deve ser ocupada sem demora. ³

O trabalho evangélico de orientação presbiteriana começou efetivamente no Rio Grande do Sul em 6 de março de 1887 na cidade de Rio Grande. O trabalho nasceu como uma iniciativa pessoal do missionário Vanorden⁴.

Durante algum tempo Vanorden trabalhou no Rio Grande do Sul sem qualquer vinculação com a Igreja Presbiteriana, pois havia se desligado do Presbitério do Rio de Janeiro em 1876. Somente em 1886 o Presbitério recebeu Vanorden novamente no ministério presbiteriano, depois de uma reconciliação e compromisso declarado. O referido ministro assinou o compromisso e prometeu devida submissão às autoridades eclesiásticas e a observância das doutrinas presbiterianas. Assim rezava o seu compromisso:

Eu Emanuel Vanorden, recebo

³ FERREIRA, Júlio Andrade. op.cit. p.73

⁴ Vanorden desligou-se da Missão Presbiteriana do Norte, Board de Nova York e do Presbitério do Rio de Janeiro em 1876. Foi para a cidade portuária do Rio Grande para estabelecer uma tipografia e comercio de livros, sem qualquer compromisso eclesiástico. Fundou o periódico quinzenal "O pregador cristão", como o primeiro órgão evangelico em português no Rio Grande do Sul. Celebrava cultos aos domingos em língua inglesa e portuguesa. Publicou muitos livros e divulgou a literatura evangelica como semente de futuras igrejas. (FERREIRA, Júlio A. op.cit. p.192)

e subscrevo ex-animo as obrigações acima como exposição exata e verdadeira da minha fé e princípios e recebo e prometo exercer meu ministério em conformidade com elas. Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1886⁵

A primeira igreja organizada no Rio Grande do Sul aconteceu no dia 6 de março de 1887 diante da comissão nomeada pelo Presbitério para êsse fim e composta pelos reverendos Emanuel Vanorden, George Chamberlain e M. Menezes. A igreja foi organizada com 39 membros, sendo 28 provenientes da antiga Igreja Evangélica liderada por Vanorden, 5 membros provenientes de outras igrejas protestantes e mais 6 pessoas neo-conversas.⁶

A igreja presbiteriana riograndense não floresceu muito. Havia divergência entre os pastores Vanorden e Menezes quanto à prioridade do trabalho.

Menezes via o trabalho no Sul assim:

"Tivesse a Missão começado o trabalho neste Estado, ela nunca teria (creio eu) escolhido este lugar, por varias razões: 1) Esta cidade está situada no canto da extremidade sul do Estado; 2) É uma cidade pequena de 1.500 habitantes e nunca poderá tornar-se uma cidade de grande importância pois não possui condições de vida e também depen-

⁵ LESSA, Vicente Themudo. op.cit. p.264

⁶ Ibid. p. 298

de de serviços alfandegários;
 3) É construída sobre a areia acumulada na foz do Rio Grande sendo conseqüentemente umida, e, ainda mais doentia. Tomar Rio Grande como centro e fazer dos pes o centro do corpo, mas Porto Alegre é o coração. 7

Por outro lado Vanorden discordava da opinião de Menezes e apresentava suas razões:

"Meu estado de saúde proibiu-me ficar mais tempo na cidade do Rio Grande, que não é um porto de mar de 1.500 habitantes, mas de 15.000. Ela é a chave principalmente para a parte sul do Estado, abrangendo as florescentes cidades de Pelotas, Bage e Jaguarão, a Ilha dos Marinheiros e a Vila de São Jose, no outro lado do canal, oposto a cidade do Rio Grande, e é certamente um ponto de partida conveniente, para estes lugares, muito mais que Porto Alegre, a Capital do Estado, que domina a parte norte. 8

Menezes chegou a sugerir que o trabalho na cidade de Rio Grande fosse entregue aos episcopais⁹ que estavam para chegar e assim o Presbitério poderia aproveitar os obreiros para outros Estados, que estavam prontos para a sementeira do evangelho e com grande necessidade de obreiros. De fato este plano foi logo le-

⁷ FERREIRA, Júlio Andrade. op.cit. p.193

⁸ Ibid. p.192

⁹ Os episcopais formavam a igreja de origem anglicana, com doutrinas semelhantes aos presbiterianos.

vado à efeito e o grupo presbiteriano uniu-se aos episcopais.

A primeira tentativa presbiteriana no Rio Grande do Sul, embora infrutífera, trouxe como resultado a conversão de três padres para as doutrinas e vangélicas: Maximiano Chagas de Carvalho, capelão militar de Jaguarão; Francisco Rodrigues Santos Saravi, vigário em São Francisco de Paula; Guilherme Dias, vigário em Pelotas¹⁰.

Mais tarde, em 1922, surgiu outra tentativa do trabalho presbiteriano no Sul, agora na cidade de Pelotas. O entusiasmo de Benjamin Lenz de Araújo César foi a semente lançada. Mais tarde o Presbitério do Rio de Janeiro enviou Piquet Carvalhosa, licenciado para o ministério presbiteriano, como o responsável pelo trabalho em Pelotas. Através de algumas campanhas evangelísticas a obra se desenvolveu e houve o acréscimo de muitas pessoas ao grupo presbiteriano. Em 1923 o trabalho foi transferido para o Presbitério do Sul que abrangia a região eclesiástica do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O último pastor que esteve em Pelotas foi o reverendo Palmiro Ruggeri em 1925. Não há nenhum registro da continuidade do trabalho, além desta data¹¹.

¹⁰ LESSA, Vicente Themudo. op.cit. p.321-328

¹¹ FERREIRA, Júlio Andrade. op.cit. p. 189

3.3 PRESBITERIANISMO NO PARANÁ

A primeira tentativa presbiteriana para levar a propaganda religiosa ao Paraná foi feita pelo reverendo José Manoel da Conceição, que chegou à cidade de Castro, onde uma irmã sua era professora pública. Também Conceição foi até Ponta Grossa, mas não há registro sobre o resultado do trabalho realizado.¹²

Em 1878 o colportor João Antes de Moura visitou a cidade de Guarapuava levando um animal carregado de bíblias e novos testamentos e ali semeou, pela primeira vez, os princípios bíblicos ensinados pelos presbiterianos.¹³

A partir da década de 1880 as Missões começaram a enfatizar o trabalho evangelístico no interior do Brasil, seguindo as pegadas do reverendo José Manoel da Conceição, o pioneiro da interiorização do presbiterianismo no Brasil. Muitos missionários foram transferidos para o interior, apesar do isolamento, da dificuldade de comunicação, das más estradas e das condições precárias de vida. Os missionários deixaram os grandes centros populacionais do litoral e partiram para as áreas rurais. Esta estratégia produziu resultados tão animadores que logo foi adotada também para o plano de expansão realizado pelos pastores brasileiros. Os centros maiores do litoral se-

¹² FERREIRA, Júlio Andrade. op.cit. p.189

¹³ Ibid. p.190

riam eventualmente evangelizados por intermédio das áreas rurais cuja população migrava para esses centros . Era uma nova estratégia , o inverso daquela tradicionalmente adotada ,isto é, começar o trabalho pelos grandes centros.¹⁴ Esta nova perspectiva de trabalho impulsionou os pastores e missionários a plantarem igrejas nas cidades do interior.

Em 1884 o reverendo Roberto Lenington foi enviado ao Paraná com o objetivo de estabelecer o trabalho presbiteriano e fundar igrejas. Lenington teve a cooperação dos leigos Antônio Pinheiro e José Lagos , recém-convertidos ao presbiterianismo, e que levavam o missionário para as cidades onde havia interessados no Evangelho e pessoas que já adotavam os princípios doutrinários da Igreja Presbiteriana.

Na localidade de Fundão foi organizada a primeira igreja presbiteriana no Paraná, no dia 10 de outubro de 1884. A família do sr. José Jorge significou grande força para a igreja nascente, por ser muito numerosa, sendo por isso motivo para o início de novos trabalhos nas localidades de Espigão Alto, Boa Vista, Montaria e Sengés.

O missionário Lenington também visitou as cidades de Castro, Tibagi e Guarapuava. Em Tibagi já

¹⁴READ, William. Fermento Religioso nas Massas do Brasil. São Paulo, Imprensa Metodista, 1967 p.51

existiam famílias presbiterianas e por isso logo foi organizada a segunda igreja presbiteriana no Paraná, no dia 7 de dezembro de 1884. Em Guarapuava a reação contra a presença do missionário foi muito grande e ninguém queria alugar uma sala para os presbiterianos. O problema foi resolvido com o apoio de elementos maçons, principalmente do tenente Pletz.¹⁵

Certo dia Lenington estava pregando em Guarapuava tendo como assistentes, apenas dois garotos. O tenente Pletz presenciou aquele quadro e a partir daquele dia mudou radicalmente a sua atitude em relação ao missionário. Ele reconhece a intenção do pastor estrangeiro, ao afirmar:

A religião desse homem deve ser de valor, porque se ele está disposto a deixar a sua pátria, vir 6.000 milhas além do mar, viajar a cavalo por terríveis estradas, simplesmente para pregar sua religião a dois jovens. Eu preciso investigar melhor esta religião.¹⁶

Este foi o motivo da conversão do tenente Pletz ao presbiterianismo e a razão do oferecimento de sua residência para a realização dos trabalhos durante oito anos. Logo tornou-se ele um dos líderes locais.

¹⁵ LENINGTON, Robert Frederic. Partial history of the South Brazil Mission. Campinas, 1936. p.4

¹⁶ Ibid. p.5

Em 1885 o reverendo George Landes transferiu-se de Botucatu(SP) para Curitiba. Ali fixou a sua residência e principiou o trabalho presbiteriano. Em seu primeiro relatório Landes registrou o parecer de que o povo de Curitiba era indiferente às coisas religiosas. Houve ocasiões de culto em que a assistência era apenas a família do pastor. Durante quatro meses não sentiu nenhum interesse do povo e nem uma oposição aparente à sua presença como presbiteriano.

Em março de 1886 Landes sentiu a primeira reação católica romana através da oposição aberta do padre João Evangelista Braga, o vigário geral forense, que expediu uma circular aos párocos do Estado e publicou em jornal, afirmando que os protestantes não têm direito de pregar ao povo católico e que os casamentos realizados por eles eram nulos. A rivalidade despertou o público e serviu de oportunidade para os debates e esclarecimentos. O reverendo Chamberlain¹⁷ considerava a oposição dos padres católicos como uma oportunidade para a divulgação do trabalho presbiteriano em Curitiba :

"Os padres vendo que muitas pessoas frequentavam os nossos cultos e liam os folhetos publicados pela imprensa, principiaram a escrever contra nos e contra as nossas doutrinas. Por nossa parte ficamos bem satisfeitos em ver a sua oposição, sabendo que isso nos daria boa oportu-

¹⁷George W. Chamberlain visitou Curitiba várias vezes, no pastorado de Landes.

¹⁸FERREIRA, Julio Andrade. op.cit. p.191

nidade de expor as verdades do Evangelho tanto na pregação , como pela imprensa. 19

Em 1892 Miss Elvira Kuhl e Miss Mary Parker Dascomb vieram para Curitiba, em janeiro, e fundaram a Escola Americana com 66 alunos matriculados. Era uma extensão da Escola Americana de São Paulo, transformada no estabelecimento que começava a ganhar projeção, o conhecido Mackenzie College. Durante 23 anos Kuhl e Dascomb administraram a Escola com grande êxito, tornando-a uma fonte de irradiação da mensagem presbiteriana na cidade e circunvizinhança. Sem dúvida a Escola Americana muito colaborou com o presbiterianismo em Curitiba.

Em 1898 o reverendo Landes deixou a cidade de Curitiba com uma folha de serviço recomendável, segundo o relato de Júlio Ferreira :

Uma igreja presbiteriana organizada com 150 membros comungantes ativos, um templo já completo e pago, um pastor nacional talentoso mantido pela própria igreja; igreja e pastor prontos para a expansão evangelística agressiva: e a única demonstração admissível de eficiência, linha natural de clivagem entre a tutela e a manutenção de missões estrangeiras e a vida independente da igreja nacional. 20

¹⁹ FERREIRA, Júlio Andrade. op.cit. p.191

²⁰ Ibid p.96

3.4 PRESBITERIANISMO EM SANTA CATARINA

A presença presbiteriana se fez sentir em Santa Catarina em 1855 quando o pastor James Fletcher, agente da Sociedade Bíblica Americana, visitou a cidade de Joinville para promover a distribuição de literatura evangélica nas colônias alemãs. O plano inicial era colocar um pastor itinerante que fosse de colônia em colônia, através de todo o Brasil, para distribuir bíblias e folhetos e encorajando as comunidades a terem seus próprios pastores. Também congregar as famílias dispersas e sem assistência espiritual e realizar os casamentos que eram negligenciados por falta de pastor, constituíam metas do plano de Fletcher, em colaboração com as comunidades luteranas alemãs. Fletcher não se preocupou em fundar igrejas mas dedicou-se à divulgação da literatura evangélica por isso não houve nenhum interesse em organizar um núcleo presbiteriano.²¹

Os primórdios do trabalho presbiteriano, com o objetivo de preparar a base para o surgimento de igrejas e missões permanentes, estão ligados à presença do reverendo Chamberlain e dos pastores que atendiam o trabalho na cidade de Rio Grande. Os pastores presbiterianos ao passarem por Santa Catarina no período

²¹RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo no Brasil Monárquico. op. cit. p.84

de 1887 a 1900, visitavam as pessoas amigas e realizavam cultos domiciliares, principalmente em São Francisco do Sul e Florianópolis. No Oeste Catarinense o reverendo George Luverno Bickerstaph²² realizou o trabalho pioneiro na cidade de Xanxerê, ao visitar aquela região por ocasião de suas andanças pelo sul do Paraná.

A cidade de São Francisco do Sul foi a primeira a receber a presença presbiteriana permanente. Em 1880 o português João da Cruz Salvado²³ veio residir em São Francisco do Sul para estabelecer uma casa de ferragens, tintas e aviamentos para embarcações. Tanto Salvado como a sua família não frequentavam a Igreja Católica Romana e se opunham ao ensino religioso ministrado aos seus filhos. O sr. Salvado possuía uma bíblia, adquirida por ocasião de suas viagens marítimas, com a qual procurava instruir os outros quanto às doutrinas cristãs. Ele havia assistido muitos cultos presbiterianos no Rio de Janeiro e por isso guardava certa simpatia pelo trabalho e procurava divulgá-lo. O método usado pelo

²² O reverendo Bickerstaph atendeu o interior do Paraná. Durante muitos anos fixou-se em Castro e em suas viagens missionárias visitou o Oeste Catarinense, onde estava sediada a Colônia Militar de Chapecó. Em 1917 Bickerstaph veio residir em Lages (SC) e aí ficou até 1928.

²³ Em alguns documentos aparece o nome de João da Cruz Salvador.

sr. Salvado foi publicar obras anti-clericais com o intuito de colocar em dúvida os ensinamentos do padre local e também desacreditá-lo perante a opinião pública.²⁴

A família Salvado não iniciou um trabalho sistemático de reuniões religiosas, mas serviu de instrumento para a entrada do presbiterianismo devido a simpatia e zelo pelas mensagens bíblicas.

No período de 1893 a 1894 os simpatizantes pelo trabalho presbiteriano foram visitados por um colportor chamado Manoel Malaquias que, ao mesmo tempo em que distribuía bíblias, aproveitava para explicar os ensinamentos presbiterianos. O sr. Antônio Lopes Serrão, pertencente à Igreja Presbiteriana de São Francisco do Sul, registrou em seus apontamentos em 1950, algumas referências :

Conheci muito o preto Manoel Malaquias, natural do município de Parati, hoje Araquari, filho do africano Luis Cambaro ou Luis Feiticeiro, residente em areias²⁵

Quando o colportor Malaquias esteve em São Francisco do Sul, o padre local o intimidou a não ven-

²⁴Salvado promoveu a publicação de obras anti-clericais visando atingir diretamente os ensinamentos católicos romanos. Eis algumas delas : O Padre, a Mulher e o Confessionario, O Convento Desmascarado.

²⁵SERRÃO, Antonio Lopes. Apontamentos para a História da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Francisco do Sul, 1950

der mais bíblias. Uma trama desleal foi preparada contra Malaquias e para o prejuízo do seu trabalho. Um preto conhecido por " Alexandre de Caetana", depois de desrespeitar o templo católico foi dizer ao delegado que tais desmandos tinham sido feitos pelo "negro de óculos", que não era outro senão o colportor Malaquias. Com esta calúnia o vendedor de bíblias tomou três dias de prisão. Mas a atitude de Malaquias e o seu zelo em distribuir a bíblia, contribuíram para levar o sr. Antônio Lopes Serão e toda a sua família congregar-se com o grupo presbiteriano.

Em fevereiro de 1896 o licenciado em teologia Francisco Lotufo visitou São Francisco do Sul e fez uma série de conferências religiosas, despertando o interesse de muitos e incentivando-os a dar início a um trabalho continuado de evangelização e propagação dos ensinamentos presbiterianos. A presença de Lotufo foi passageira, porém, deixou entusiasmo ao pequeno grupo que começou a pensar em expandir o trabalho e a organizar uma igreja.

No mesmo ano de 1896 o reverendo George A. Landes, pastor da Igreja Presbiteriana de Curitiba, visitou a cidade de São Francisco do Sul e colheu os primeiros frutos, batizando nove pessoas adultas e quatro crianças. As primeiras famílias presbiterianas foram : Serão, Barreto, Mendonça, Serapião e ainda outras.

O grupo presbiteriano não dispunha de local para se reunir a não ser as casas dos participantes. A - através da amizade com o professor Joaquim Antônio Santiago, foram conseguidas as dependências da Escola para as reuniões e ali começou a tomar corpo o trabalho presbiteriano. No dia 18 de dezembro de 1900, por determinação do Presbitério de São Paulo, a comissão nomeada e composta pelo reverendo Roberto Frederico Lenington e o presbítero Alberto Bardall, organizou a primeira Igreja Presbiteriana em Santa Catarina, localizada na cidade de São Francisco do Sul.

3.5 PRESBITERIANISMO EM FLORIANÓPOLIS

Em 1886 o reverendo George W. Chamberlain visitou a cidade de Desterro, hoje Florianópolis, e proferiu cinco conferências no Teatro Álvaro de Carvalho. A presença de Chamberlain tinha como propósito principal o contato com o professor Francisco Rodrigues Santos Saraiva²⁶, para que voltasse a lecionar na Escola Americana em São Paulo, mais tarde conhecido como Mackenzie College.

²⁶ A indicação do nome de Santos Saraiva, como professor, foi feita pelo Imperador D. Pedro II, quando o missionário Chamberlain o visitou. Santos Saraiva era profundo conhecedor das línguas latina, grega, hebraica e anglo-saxônica. Ele já havia colaborado como substituto do professor Rangel Pestana na Escola Americana. Devido a uma crise de saúde Santos Saraiva retirou-se para a região rural de Picadas em São José (SC) onde Chamberlain veio encontra-lo (SANTOS SARAIVA, Eliezer. O sábio das picadas. RIHGSC relata a vida de seu pai.)

Na Província de Santa Catarina o missionário Chamberlain causou impacto e conquistou a amizade de muitas pessoas, inclusive do coronel Fausto de Souza, que ocupava posição política destacada e se tornou o Presidente da Província nos anos 1888-1889²⁷. Como tradutor da obra "Cristo é tudo", e também o autor de uma biografia sobre José Manoel da Conceição²⁷, o coronel Fausto de Souza manifestava amizade e apoio ao trabalho presbiteriano, embora a reação católica romana fosse forte.

Desterro, a capital da Província de Santa Catarina, recebeu a influência da colonização açoriana, que aqui se fixou entre os anos 1748-1753 com a vinda de 1.178 casais num total de 6492 pessoas. Os ilhéus viveram restritos a uma situação economicamente estagnada, sobrevivendo da pesca diária, da pequena lavoura e da indústria da farinha, em pequena escala, para o próprio consumo.²⁸

²⁷ Fausto de Souza ainda quando Major recebeu o reverendo José Manoel da Conceição na enfermaria militar de Campinho, na véspera do natal de 1873. A morte serena do pastor Conceição impressionou tanto o Major Fausto ao ponto de interessar-se por sua vida, escrevendo a sua biografia (LESSA, Vicente T. op.cit. p. 341). O Coronel Fausto presidiu a Província de Santa Catarina no período de 1888-1889 (CABRAL, Oswaldo Rodrigues. op.cit. p. 169).

²⁸ Detalhes sobre a colonização e desenvolvimento econômico, político e social de Santa Catarina podemos encontrar nas obras de CABRAL, Oswaldo Rodrigues. História de Santa Catarina; PAULI, Evaldo. A Fundação de Florianópolis.

Na época da chegada dos presbiterianos a partir de 1896 e mais precisamente em 1898, a Capital catarinense vivia momentos políticos agitados. Ela sofreu o envolvimento da Revolução Federalista de 1893 com o sacrifício de 185 prisioneiros do alto escalão militar e civis de tradicionais famílias, na Fortaleza de Santa Cruz em Anható-Mirim, por ordem de Antonio Moreira César²⁹.

Serenados os ânimos, o grupo federalista se tornou vitorioso e a cidade-capital anteriormente denominada Desterro recebeu o nome de Florianópolis em 1895, em homenagem ao marechal Floriano Peixoto³⁰. Passados os efeitos da revolução foi eleito Governador o Dr. Hercílio Pedro da Luz para o quadriênio 1894-1898. Durante rápidos impedimentos teve a substituí-lo o Vice-Governador Dr. Polidoro Olavo S. Thiago. No final do seu mandato o Dr. Hercílio entregou a administração ao novo governador eleito, o major Felipe Schmidt, que liderou o Estado de Santa Catarina até 1902. Durante o seu governo Hercílio Luz empreendeu obras de remodelação da Capital, inclusive do Palácio do Governo, que tomou o seu aspecto atual. A questão de limites com o Paraná foi encarada com o fim de lhe dar uma solução definitiva, tendo o Go-

²⁹ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. op. cit. p.275

³⁰ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. op. cit. p.278; IBGE. Enciclopédia dos municípios brasileiros, 1959. p.116

vernador chamado para patrocinar os direitos de Santa Catarina o Conselheiro Manoel da Silva Mafra. Também no mesmo período foram criadas a bandeira e as armas do Estado³¹

No aspecto religioso o ambiente de Florianópolis era de tradição fortemente católico-romana. Em 1895 D. José de Camargo Barros, bispo de Curitiba, visitou a Ilha. Ele foi recebido festivamente e, tendo-se paramentado na Igreja de N. Sra. do Parto, em procissão, sob o púlpito, cujas varas foram destinadas às mais altas autoridades, fez sua solene entrada na Matriz a 6 de maio³². Em 1896 foi chamado por Dom José de Camargo Barros, para ser o vigário da paróquia de Nossa Sra. do Desterro o padre Francisco Xavier Topp. Atendeu também as paróquias de S. Sma. Trindade, Lagoa e Ribeiro. Na Matriz da Trindade fez construir três altares e mandou vir imagens para adorná-los: o grupo da Santíssima Trindade, Sagrado Coração de Jesus e Imaculada Conceição. Também fez instalar o Colégio Coração de Jesus pelas Irmãs da Divina Providência e cooperou intensamente para a criação do Ginásio Santa Catarina, hoje o Colégio Catarinense. O padre Topp teve uma atuação muito intensa em Florianópolis³³ e foi um dos responsáveis diretos pela criação do Bispado Florianopolitano.

³¹ CABRAL, Oswaldo R. op.cit. p. 278

³² PIAZZA, Walter Fernando. A Igreja em Santa Catarina: notas para sua história. Florianópolis, Ed. Governo do Estado de S. Catarina, 1977 p.150

³³ *Ibid* p.150 e 154

A população de Florianópolis apresentava o seguinte quadro estatístico, comparado com o Estado:³⁴

	Florianópolis	Estado
1890	30.687	283.769
1900	32.220	320.289
1920	41.338	668.743
1940	46.771	1.178.340

A população era na sua grande maioria católica romana com excessão de um grupo pequeno de imigrantes alemães que constituia a comunidade luterana na Capital. Outros grupos religiosos menores não são mencionados³⁵. O grupo presbiteriano chegava para representar mais uma corrente de pensamento teológico numa época de grande euforia católica romana com a presença do padre Francisco Xavier Topp na implantação de paróquias e colégios e ainda na expectativa da criação do Bispado de Santa Catarina. As reações contrárias que o grupo presbiteriano sentiu e enfrentou foram normais, dentro do contexto histórico da época.

O início do trabalho presbiteriano em caráter permanente está ligado à presença do missionário

³⁴PAULI, Evaldo. op.cit. p. 162.

³⁵CABRAL, Oswaldo Rodrigues. op.cit. p. 288. O autor limita-se a mencionar a presença dos luteranos, e suas comunidades em Florianópolis e cidades próximas.

J.B. Rodgers. Em setembro de 1898 o missionário fez uma série de conferências religiosas no Teatro Álvaro de Carvalho, notando-se as reações mais diferentes possíveis, desde a simpatia e aceitação até o ataque e zombaria. Na primeira conferência um grupo de moços levou um pobre louco para interromper o orador. Este fato correu para aumentar o número de ouvintes nas conferências posteriores porque a população em geral reprovou o ato deprimente daquele grupo e procurou demonstrar apoio e simpatia para com o visitante e conferencista .

Alguns dias após o missionário alugou uma sala num sobrado da rua Jerônimo Coelho nº 1, onde estabeleceu a sede do trabalho. Em seu relato histórico o reverendo Roberto Frederico Lenington faz referências ao início do trabalho presbiteriano em Florianópolis, nestes termos:

"O reverendo J.B.Rodgers que nos últimos sete anos tem estado a trabalhar no Rio de Janeiro ou em suas cercanias, foi fixar residência na cidade do Desterro, na ilha de Santa Catarina para levar a efeito uma obra evangelica. Há certo numero de protestantes mas não ha um trabalho organizado, embora o reverendo George A.Landes, assim o cremos tenha organizado uma congregação em Sao Francisco, no mesmo Estado. O reverendo J.B.Rodgers foi o primeiro ministro presbiteriano naquela Ilha, sendo transferido para as Filipinas logo depois."³⁶

³⁶ LENINGTON, Roberto Frederico. op.cit. p. 7

Uma conquista para o incipiente trabalho em Florianópolis foi a adesão do sr. Joaquim Martins Batista, natural do Ribeirão da Ilha. O sr. Batista tornou-se ardoroso pregador e propagandista da nova doutrina. Desde os 10 anos de idade Joaquim interessou-se vivamente pela leitura de um Novo Testamento que fora vendido ao seu pai. A sua mãe queria impedir que ele o lesse, mas o seu pai o incentivava à leitura porque considerava um livro bom e verdadeiro. Em 1899 o sr. Joaquim conseguiu adquirir uma Bíblia através do colportor Antônio Barbosa, que costumava vender biblias e literatura evangélica no Mercado Público. Devido o interesse demonstrado pelo sr. Batista a respeito da Bíblia, o sr. Barbosa se ofereceu a dar-lhe mais explicações, na casa do próprio interessado. O sr. Batista aceitou a sugestão e recebeu pela primeira vez em sua casa um protestante. Alguns dias depois o colportor Barbosa voltou à casa do sr. Batista, agora acompanhado do missionário Rodgers. Após demorada conversa sobre a Bíblia e esclarecimentos por parte do pastor, o sr. Batista resolveu aceitar as doutrinas presbiterianas e ingressar no novo grupo religioso que começava a surgir³⁷.

³⁷ CAMARGO, Isaar. Subsídios para o Estudo da História da Igreja Presbiteriana de Florianópolis, contribuição para o Primeiro Congresso de História Catarinense, comemorativo ao Bicentenario da Colonização Açoriana, 1948 p. 3

Outras famílias estavam sendo atendidas pelo missionário e o interesse pelo estudo da Bíblia aguçou o espírito de muitas pessoas porque não era comum a colocação de bíblias nas mãos do povo. A permanência de Rodgers em Florianópolis foi muito curta, pois em fins de 1899 foi transferido para as Filipinas.

Com a saída de Rodgers, foi transferido para Florianópolis o casal Addie-Roberto Frederico Lenington³⁸ que estava em Guarapuava, Estado do Paraná. O reverendo Lenington chegou em Florianópolis no dia 10 de janeiro de 1900 e deu continuidade aos trabalhos iniciados no sobrado da rua Jerônimo Coelho. Durante um mês o novo obreiro dirigiu os trabalhos e depois voltou a Guarapuava para buscar a sua mudança e fixar residência em Florianópolis. No período de ausência do pastor, os cultos continuaram a ser realizados com regularidade, sob a liderança do colportor Antônio Barbosa que lia a Bíblia e o sr Joaquim Batista que lia os sermões de Ashbel Simonton.

³⁸ Roberto Frederico Lenington era filho do missionário Roberto Lenington que pastoreou a Igreja Presbiteriana de Guarapuava (PR), Rio Claro (SP) e outras. Roberto Frederico nasceu em Rio Claro e fez seus estudos teológicos nos Estados Unidos. Foi consagrado como ministro presbiteriano em 17 de maio de 1896. Exerceu o seu primeiro pastorado na cidade de Guarapuava, no período de 1896 a 1900 e de lá veio para Florianópolis. (CAMARGO, Isaar, op. cit. p. 2)

O reverendo Lenington imprimiu um ritmo acelerado aos trabalhos. Realizava cultos todos os domingos pela manhã e à noite e visitava os interessados durante a semana, aproveitando para distribuir literatura evangélica através de folhetos. Certa noite, durante o culto, foram atiradas contra o pregador algumas pedras e uma moeda de duzentos reis, por um grupo de desordeiros. Lenington aproveitou a oportunidade e, para não distrair a atenção dos ouvintes, disse: "já temos as primeiras pedras e a primeira oferta para a construção de nosso futuro templo!" As manifestações contrárias à presença do pregador presbiteriano, de início, eram esporádicas, mas depois começaram a manifestar-se sistematicamente.

A reação católica quanto à presença presbiteriana na Ilha começava a manifestar-se com intensidade. Em outros estados brasileiros o problema já havia surgido e não foi surpresa a repetição do ataque polêmico entre católicos e presbiterianos.

A reação católica tinha raízes históricas e muitas vezes, eram provocadas pelos próprios protestantes, como explica William Read:

No decurso de várias décadas, durante o estágio de pioneirismo das missões protestantes, o ataque principal da mensagem evangélica era de natureza anti-católica, dirigido contra a teologia e metodologia romanistas. Não é que os primeiros missionários evange-

licos não pegassem o evangelho. Bem pelo contrário, sentiam profundamente que a mensagem da salvação, mediante a fe em Cristo, era o de que mais precisavam as populações da América Latina. No entanto, sobrestimaram a extensão em que os latino-americanos compreendiam e abraçavam os ensinamentos católicos. Pensavam que a única maneira de conquistar os sul-americanos era combater os erros católicos romanos. O resultado disso foi a oposição e a perseguição movida pelos católicos romanos, cuja lealdade a sua religião era principalmente emotiva." 39

O missionário Lenington iniciou o seu trabalho em Florianópolis em tom polêmico e por isso contribuiu para criar um clima de tensão religiosa. Em outras regiões brasileiras o problema era semelhante com ataques mútuos entre católicos e protestantes. É certo que o novo grupo presbiteriano em Florianópolis provocou uma reação por parte dos católicos, mas o agravamento da situação se intensificou devido as atitudes polêmicas dos líderes, missionário Lenington de um lado e o padre Francisco Xavier Topp, do outro.

Eles provocaram duas polêmicas religiosas abordando os temas : biblias falsificadas e o culto das imagens. O líder católico manifestou-se agressivamente denunciando os ensinamentos de Lenington como sendo falsos

³⁹ READ, William. O Crescimento da Igreja na América Latina S. Paulo, Ed. Mundo Cristão, 1969. p.384

e perigosos. Por sua vez o missionário revidou e desafiou o padre a comprovar suas afirmações publicamente, colocando as duas bíblias em confronto. Este episódio encontramos narrado no relatório do missionário:

"O vigário, padre Topp, instava com o povo a que não assistisse aos cultos visto que ali se usava uma bíblia falsa. Eu levei a Bíblia usada nos cultos ao editor do "Diário Oficial" e através dele desafiei o padre Topp a trazer a Bíblia verdadeira e, perante uma comissão de Juizes do Tribunal do Estado, bem como advogados e professores das melhores instituições de ensino, a provar sua asserção. O padre recusou expressamente a fazê-lo. Esta atitude, bem como a vida dissoluta do vigário, fez com que muita gente se pusesse a examinar a Bíblia. 40

O combate do padre Topp não era dirigido somente aos presbiterianos, ainda um pequeno grupo. A maior polêmica aconteceu com os Maçons, através da imprensa. O jornal maçônico "Regeneração" publicava constantemente críticas severas ao procedimento do vigário. Vejamos dois comentários do jornal:

"O padre Topp, vigário desta Capital costuma de vez enquando atirar do alto do púlpito suas verrinas cas-sanges sobre a nobre maçonaria e seus diletos filhos. Lamentamos sinceramente este procedimento demais incorreto do sr. Topp que se afasta completamente da norma de conduta de seus colegas, que primam por um proceder mais serio, e mais confor-

⁴⁰ FERREIRA, Júlio A. op.cit. p.384

me com os ditames da Igreja Romana. Pode o sr. Topp, a vontade de nos criminalar de adeptos de Lucifer e fazer cair sobre nos e à nossa ordem a sua colera mal contida, pelo seu carater um tanto duvidoso, que sabemos repelir com honrabilidade os seus ataques rabinos.⁴¹

Em outra edição o jornal "Regeneração" volta com a mesma carga:

No dia 21 de outubro do corrente ano intransigente como se tem mostrado em todos os seus atos revestidos embora desta máscara de hipocrisia que caracteriza o verdadeiro tipo do jesuita, o sr. Topp casou religiosamente, contra a disposição de nossas leis e contra mesmo a ordem do sr. Camargo Barros bispo desta diocese, sem que lhe fosse apresentada a certidão do ato civil, o sr. Bernardo Evaristo da Silva com d. Hermelinda Viana Beirão. Apesar de sermos odiados pelo sr. Camargo, todavia pedimos, providencias energicas contra a má fe e perversidade do representante da Igreja Romana nesta Capital, que acostumado a desrespeitar nossas leis civis e sociais já vinha também faltando com o respeito, até contra as leis emanadas dos seus superiores. ⁴²

As críticas duras e impiedosas da maçonaria atingiam o caráter e o procedimento do padre Topp, o que levava a uma polêmica agressiva e desumana. Por outro lado o vigário não poupava termos ofensivos chegando a chamar os católicos maçons de "filhos de Lucifer". A diver-

⁴¹Editorial . Regeneração , Florianópolis, ag. 1901, p.1

⁴²Ibid , dez. 1901 p.1

gência não era doutrinária mas uma reação contra a intolerância do guia espiritual e a falta de um espírito conciliador. Era um problema interno de liderança da própria Igreja Católica Romana.

É interessante notar que não há nenhuma crítica maçônica ao trabalho presbiteriano que se desenvolvia na mesma época das acirradas polêmicas com a liderança católica. Podemos deduzir que a mesma atitude anticlerical dos missionários presbiterianos tornou-se a causa comum dos maçons e presbiterianos na réplica dos ataques desferidos pelo padre Topp. Também o uso da Bíblia, a defesa dos direitos do cidadão perante as leis brasileiras, a conquista da liberdade religiosa e a guerra declarada contra o inimigo comum - o catolicismo - fizeram dos presbiterianos e maçons amigos e irmãos diante da influência política, social e religiosa da Igreja Católica Romana.

Enquanto a maçonaria constituiu barreira para a Igreja Católica, não aconteceu o mesmo com relação à Igreja Presbiteriana, por algumas razões que passamos a expor. O pai do reverendo Lenington, que foi pastor em Guarapuava(PR), teve grande apoio dos maçons e fundou o trabalho presbiteriano na casa de um deles, o tenente Pletz. Aqui em Florianópolis havia uma aproximação declarada entre maçons e presbiterianos. O mesmo jornal que atacava violentamente o Catolicismo, apresentava uma nota

ta convidando os florianopolitanos para assistirem, na Igreja Presbiteriana, as conferências religiosas do pastor maçom, André Lino da Costa. Eis a nota do jornal:

"Deverá chegar a esta Capital até o dia 15 do próximo mês de janeiro o nosso ilustre e poderoso irmão reverendo Lino da Costa, que vem fazer conferências evangélicas nesta cidade. Sucesso fara com certeza nesta Capital a palavra bela, burilada do distintíssimo pregador brasileiro ⁴³

Este convite revela a amizade dos dois grupos e o apoio que Lenington dava aos pastores presbiterianos maçons com suas campanhas anti-clericais.

O reverendo Lino da Costa aqui realizou as conferências religiosas, todas elas voltadas para os assuntos do momento e para combater as críticas do padre Topp, visto que Lino da Costa era ex-padre e de vasta cultura. Os assuntos de suas conferências ressoaram longe e incentivou o espírito polêmico. Ele abordou temas candentes como: O clero, o clericalismo, o papado, a confissão e o pecado, a confissão auricular, o celibato clerical, a Reforma e o Romanismo.⁴⁴ Mais tarde o reverendo Lino da Costa ocupou o pastorado da Igreja Presbiteriana de Florianópolis, como veremos mais adiante.

⁴³ REGENERAÇÃO. Florianópolis, dez. 1901, p.3

⁴⁴ As conferências foram publicadas em 1913 pelo seu filho o reverendo Tancredo da Costa com o título: Conferências Religiosas. Rio de Janeiro, Ed. Martins de Araujo, 1913.

Os primeiros frutos do trabalho começavam a aparecer. A persistência do sr. Joaquim Batista foi um impulso para o novo grupo. Ele distribuía jornais e folhetos evangélicos e insistia com os amigos para que seguissem o seu exemplo e tomassem uma decisão religiosa, com relação à Bíblia Sagrada e a Jesus Cristo. O esforço continuado do missionário Lenington, aliado ao zelo ardoroso dos neo-converos, deu oportunidade para o surgimento do primeiro grupo que, mais tarde, iria se transformar na Igreja Presbiteriana.

O reverendo Lenington no dia oito de abril de 1900 recebeu o primeiro grupo significativo de pessoas por "profissão de fé em Cristo", como sinal de adesão à doutrina presbiteriana. As pessoas foram intruídas antecipadamente quanto às doutrinas e deveres de cada membro da Igreja. Em 13 de maio de 1900

O trabalho prosseguia com entusiasmo e o número dos novos convertidos somava 28 em fins de 1900, além de interessados e daqueles que se preparavam para o "batismo e profissão de fé em Cristo". Todos os membros comungantes e não-comungantes eram arrolados na Igreja Presbiteriana de Curitiba pois o trabalho em Florianópolis ainda era considerado inicial, categoria de congregação de Igreja.

Estava chegando o momento de pensar-se na

organização de uma comunidade mais sólida e com administração própria. O grupo de Florianópolis, como congregação, dependia eclesiasticamente da Igreja de Curitiba para qualquer decisão espiritual ou administrativa, o que dificultava muito o trabalho devido as longas distâncias e a morosidade dos meios de comunicação.

A necessidade de organizar a Igreja vinha ao encontro do objetivo missionário no sentido de abrir frentes de evangelização e esforçar-se para que os grupos atinjam vida própria, com liderança local e auto-suficiência financeira.

Tudo estava caminhando rapidamente para o surgimento da Igreja Presbiteriana de Florianópolis e por isso a organização eclesiástica da comunidade foi um fato marcante na vida dos presbiterianos ilhéus.

4. A IGREJA PRESBITERIANA EM FLORIANÓPOLIS

4.1 ORGANIZAÇÃO DA IGREJA

Alcançados os primeiros sucessos, o reverendo Lenington pensou em expandir o trabalho presbiteriano. Os novos convertidos eram acrescentados com bastante rapidez e isto entusiasmava a todos. Em fins de 1900 o grupo já congregava 28 pessoas como membros, além de outros que se preparavam para a "profissão de fé".

Como congregação que era, o grupo de Florianópolis não podia deliberar sem consultar a Igreja Presbiteriana de Curitiba, à qual estava subordinado. A distância entre as duas cidades e a necessidade de uma estruturação própria do trabalho, foram motivos para que o Presbitério de São Paulo¹ deliberasse em favor da organização de uma igreja presbiteriana em Florianópolis. Nomeou-se uma comissão composta dos senhores reverendo Lenington e o presbítero Alberto Barddal, da Igreja Presbiteriana de Curitiba, para que desse os passos necessários à organização da nova comunidade. A congregação foi previamente orientada pelo pastor a respeito dos privilégios e responsabilidades de uma igreja organiza -

¹O Presbitério de São Paulo jurisdicionava o trabalho presbiteriano no sul do Brasil. Em 3 de julho de 1901 foi organizado o Presbitério do Sul com a responsabilidade de supervisionar o trabalho nos estados do Parana, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

da. Os privilégios se traduziriam em oportunidades de tomar suas próprias decisões e formar uma liderança local participante através da eleição de presbíteros e diáconos. As responsabilidades significariam a subordinação espiritual ao Presbitério e a observação da disciplina e governo eclesiásticos que seriam aplicados pelos oficiais da Igreja, isto é, os presbíteros que comporiam o Conselho.

Após as medidas eclesiásticas preliminares, procedeu-se a organização no dia 6 de janeiro de 1901, num domingo de manhã às onze horas, no limiar do século vinte. A comissão organizadora relacionou os nomes dos membros professos ou comungantes e os convidou publicamente a fazerem parte da nova igreja. Constaram no rol, como membros fundadores:

- Alferes Diomedes S.Pereira de Souza
- Albina Ramos de Souza
- Getúlio Luigi Bráglia
- Maria Cavalcanti Bráglia
- Alferes Matheus Evangelista de Carvalho
- Alferes Francisco de Arruda Camera
- Alferes Januário Augusto de Abreu e Silva
- Alferes Ildefonso Gomes Jardim
- Alferes Antonio Rodrigues de Albuquerque
- Joaquim Martins Batista
- João David Télemberg
- Antônio Aurino Nunes

Antônio Schlingk
 Edmundo Trompowski
 Adolpho León Salles
 Amélia de Souza Salles
 Amaro Joaquim de Vargas
 Paulina Maria de Andrade Vargas
 Gervásio Pereira da Luz
 José de Senna Pereira
 Hercílio dos Santos Souza
 Thomaz Antônio Ferreira
 Pedro Nolasco
 Walter Gassenfeld
 Maz Gassenfeld
 John Max Cormack
 Alfredo Vieira da Silva
 Hermínia Veiga Vieira da Silva

No mesmo dia fizeram a sua "pública profissão de fé em Cristo", como ingressantes da nova igreja os seguintes membros :

Maria Paulina de Valgas -
 Bemvinda do Carmo Ferreira Barbosa
 Elisa Chaves Jardim
 Romão Martins Barbosa
 Ricardo da Costa Ortiga
 Júlio da Costa Dutra
 Epiphânio José da Cunha²

²LIVRO DE ATAS. Igreja Presbiteriana de Florianópolis.
 Volume I. p. 1-3

Uma vez relacionados e convocados pessoalmente, todos os membros responderam a pergunta constitucional, perante a comissão organizadora:

"Prometeis e pactuais solenemente, confiados no poder de Deus, viver juntos como Igreja organizada, conforme os princípios de fe e ordem da Igreja Presbiteriana e quanto estiver da vossa parte, conservar a pureza e harmonia de toda a corporação?"³

Ouvindo a resposta afirmativa, o presidente da comissão organizadora, constituiu eclesiasticamente uma igreja, com estas palavras :

"Agora eu vos declaro constituídos em Igreja, segundo a Palavra de Deus e a fe e ordem da Igreja Presbiteriana, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amem." ⁴

Após a organização passou-se a eleição dos oficiais da Igreja que, juntamente com o pastor, dirigiriam a nova comunidade. Todos os membros, conforme o sistema de Governo Presbiteriano, poderiam votar e serem votados, por escrutínio direto e secreto. Procedida a eleição, a responsabilidade do cargo de presbítero recaiu sobre Adolpho León Salles e Romão Martins Barbosa; para diáconos a escolha indicou os nomes de Ricardo da Costa Or

³CAMARGO, Isaar. Igreja Presbiteriana de Florianópolis - contribuição para o 1º Congresso de História Catarinense. Florianópolis, 1948. p.6

⁴CAMARGO, Isaar. op.cit. p.7

tiga e João David Telemberg. Os oficiais eleitos foram consagrados e instalados em suas respectivas funções perante a Igreja, com a imposição das mãos do pastor presidente e o presbítero que fazia parte da comissão organizadora. No dia 21, quinze dias depois, o número de diáconos foi ampliado e foram eleitos os senhores Getúlio Luigi Bráglia, Hercílio Santos Souza e Antônio Auri no Nunes.

A eleição de oficiais na nascente Igreja Presbiteriana significou um elemento novo no contexto da vida religiosa de Florianópolis. O leigo passou a fazer parte ativa na vida da comunidade presbiteriana, não só como auxiliar do pastor, mas principalmente como aquele que dava o seu voto nas decisões de assembleias da igreja local. O pastor não era o único líder, com poderes plenos, pois ele dependia do Conselho da Igreja onde os presbíteros participavam das decisões. A responsabilidade do leigo foi destacada e a presença dele valorizada dentro da comunidade. Ele tinha a responsabilidade de escolher os oficiais dentre os membros da igreja local e também assumia o compromisso de prestar obediência e submissão aos mesmos no que tange aos deveres religiosos. Portanto, era um privilégio que se tornava grande responsabilidade pois uma escolha impensada e mal orientada podia transtornar a vida da comunidade local.

Este sistema de governo eclesiástico tem si

do contestado muitas vezes porque permite a interferência dos leigos na direção da igreja local. Principalmente as igrejas que adotam o sistema episcopal, vêem o leigo por outro prisma, e o consideram como um auxiliar dos ofícios religiosos e não como um elemento de poder decisório. Há exemplos históricos e isolados da participação leiga em outras igrejas, mas como excessão e não trabalho contínuo⁵.

A Igreja com vida própria, agora seria dirigida por seu Conselho para tomar as medidas de caráter espiritual e administrativo. A Igreja Presbiteriana também se reunia em Assembléia Geral, devidamente convocada pelo Conselho, para eleger os oficiais ou deliberar sobre assuntos que envolvessem o patrimônio da Igreja. De todos os assuntos tratados no Conselho eram lavradas atas para que ficassem devidamente registrados. A orientação quanto à lavratura de atas era dada pelo Presbitério do Sul, através do seguinte regulamento:

- "As atas das igrejas terão as seguintes declarações na ordem em que são mencionadas:
- 1º-Dia, hora e lugar da reunião da Sessão.
 - 2º-Nome dos pastores e presbíteros presentes e declaração dos que não tiverem comparecido a Sessão.
 - 3º-Quando houver mais de um pastor, a declaração o

⁵PIAZZA, Walter Fernando. A Igreja em Santa Catarina; notas para sua história. Florianópolis, Ed. Governo do Estado de Santa Catarina, 1977 p.86-88

- qual deles tomou a cadeira de moderador, se foi aberta a Sessão com oração e quem a fez.
- 4º-Declaração de ser lida e aprovada a ata da Sessão anterior, ou de ser dispensada esta leitura.
- 5º-Nomes das pessoas que compareceram a Sessão para serem examinadas sobre o seu conhecimento da Escritura e experiência cristã, e declaração de serem ou não recebidas para fazerem profissão pública de sua fé.
- 6º-Declaração do dia e lugar em que se tiver celebrado a Ceia do Senhor, nome do ministro ou ministros celebrantes; nomes das pessoas que tiverem feito sua profissão pública de fé com a declaração de terem sido batizadas nessa ocasião ou na infância.
- 7º-Nomes das crianças batizadas com a declaração do dia e lugar do batismo, filiação e nome do celebrante. No caso de ser ignorada a data do nascimento mencionar-se a idade presumível.
- 8º-Declaração da falta por que qualquer irmão tiver sido acusado, chamado a justificar-se ou disciplinado.
- 9º-Quando não tiver sido possível observar qualquer disposição do nosso livro de Ordem, declaração dos motivos que tiverem justificado essa omissão.
- 10º-Quando entre os presbíteros regentes não houver pessoa idônea para escrever as atas, o pastor as escreverá e assinará, ajuntando a sua assinatura as palavras, Moderador e Se-

cretário da Sessão. Havendo presbítero secretário, só ele assinará.

- 11º-As atas das reuniões de Assembleias Gerais da Congregação serão enviadas a Sessão da Igreja e transcritas textualmente em suas atas (aquelas que tratam da eleição de pastor, eleição de presbíteros e diaconos, aquisição de bens e modificações de Estatuto da Igreja).
- 12º-As atas serão escritas sem abreviaturas, entrelinhas, ou emendas. Se na ata tiver havido algum erro ou omissão, o secretário lavrará, em seguida a ata, o auto de emenda ou acréscimo.
- 13º-Declaração da hora do encerramento da Sessão e de quem tiver feito a oração final.
- 14º-O livro em que foram escritas as atas não servirá para outros assentos.⁶

A primeira sessão do Conselho foi realizada no dia 21 de janeiro com a finalidade de registrar os atos de organização da Igreja, em livro próprio. No dia 23 de março o Conselho realizou a primeira reunião de caráter deliberativo. Na ocasião foram examinados novos candidatos à "profissão de fé em Cristo", através de arguição quanto ao conhecimento das doutrinas bíblicas e motivos da mudança de atitude religiosa. Em muitas ocasiões o Conselho não aprovava os candidatos por insuficiência de conhecimento bíblico ou por situação

⁶Regulamento para lavratura de atas aprovado pelo Presbiterio do Sul em 1901, em sua primeira reunião.

conjugal irregular. A Igreja Presbiteriana somente admitia como membros aquelas pessoas casadas segundo as leis brasileiras ⁷.

O Conselho também exercia a função disciplinar para manter a observância das leis eclesiásticas e os princípios bíblicos aceitos pelos presbiterianos. Levado por um espírito conservador e rigoroso, o Conselho disciplinava as pessoas que praticavam atitudes consideradas escandalosas ou contrárias ao ensino da Igreja. Primeiramente havia exortação pessoal para persuadir o infrator a abandonar sua atitude, e no caso de rebeldia, era o mesmo convidado através de uma carta, a comparecer perante o Conselho para expor as razões de suas atitudes. Algumas pessoas não compareciam, mesmo convocadas duas vezes, e por isso eram disciplinadas por insubordinação, como encontramos este registro:

"tendo sido avisado pela segunda vez, em cujo aviso se fez a observação ordenada pelo capítulo 6º artigo 35 da segunda parte do Livro de Ordem - não se achava presente, a Sessão resolveu em conformidade com o artigo 51, capítulo 7º, segunda parte do referido Livro de Ordem - suspendê-lo dos sacramentos da Igreja por contumacia e tempo indeterminado. Os delitos de que é acusado o referido irmão são: bebedice, espancamento de

⁷ LIVRO DE ATAS. Igreja Presbiteriana de Florianópolis.
Volume I, p. 14 e 39

sua mulher e ausência sistemática dos cultos.⁸

Em outras ocasiões o acusado atendia a convocação e comparecia perante o Conselho para defender-se, como diz outro registro:

"achando-se presente o irmão foi argüido sobre os fatos que lhe são imputados, os quais constituem escândalo para a Igreja de Nosso Senhor. Pelas respostas dadas pelo irmão a Sessão convenceu-se que o seu procedimento "casando-se na Igreja Romana e assinando uma declaração de que os seus filhos se Deus os der, serão educados, segundo o ensino dela, foi fraqueza, por isso resolveu suspendê-lo dos sacramentos da Igreja pelo tempo de seis meses a fim de que o referido irmão tenha oportunidade de mostrar pela sua vida futura que esta arrependido do seu pecado e que quer continuar a viver como cristão, obedecendo e guardando os Mandamentos da Lei de Deus, auxiliado pelo Espírito Santo"⁹

O Conselho exercia grande vigilância sobre os membros da Igreja, o que era possível, visto que a comunidade era pequena. As medidas rigorosas tomadas afastaram algumas pessoas mas em contrapartida criaram o senso de responsabilidade na vida dos membros. A vida

⁸ LIVRO DE ATAS. Igreja Presbiteriana de Florianópolis. Volume I p.14

⁹ Ibid - p.20

cristã não era somente assistir aos trabalhos da Igreja, mas antes de tudo era uma vivência diária de acordo com os princípios bíblicos, enfatizados pelos presbiterianos.

A disciplina eclesiástica abrangia medidas de exortação para que o infrator tomasse nova atitude ou, quando a falta era considerada mais grave, a pena implicava na suspensão dos sacramentos por um prazo determinado. O ato de exclusão ou excomunhão só acontecia depois de esgotadas todas as tentativas de aconselhamento e acompanhamento do infrator para removê-lo da situação problemática. O excluído perdia todos os seus direitos de participação na vida religiosa da comunidade, todavia poderia ser readmitido caso o desejasse e demonstrasse o seu arrependimento da vida anterior. O processo de readmissão seguia os mesmos passos da admissão de um novo membro, isto é, o candidato apresentava-se perante o Conselho da Igreja e era argüido quanto às suas convicções religiosas e conhecimento bíblico.

Todo o processo disciplinar era encaminhado pelo próprio Conselho até o seu parecer final. Os assuntos da comunidade local somente subiam aos concílios superiores quando o infrator impetrava um recurso ou quando o Conselho não conseguia um acordo comum sobre o assunto. As pessoas eram convocadas a depor diante do Conselho, mediante denúncia pessoal ou por escrito. Uma vez apurados os fatos a pessoa era disciplinada ou conside -

rada inocente e o assunto arquivado.

O regime eclesiástico disciplinar adotado pela Igreja Presbiteriana, não só em Florianópolis, mas em todo o Brasil, foi impedimento para o acesso de muitas pessoas que de um modo geral tinham simpatia pelo trabalho e acompanhavam-no com interesse. O rigor no abandono aos vícios de fumar, tomar bebidas alcoólicas, a exigência em ser frequentador assíduo das reuniões regulares da Igreja, o acompanhamento vigilante do Conselho quanto à vida particular e familiar dos membros, tornava o sistema presbiteriano pouco aceitável, visto que as igrejas católica romana e luterana eram mais liberais quanto ao modo individual de vida.

Apesar de todo o rigor aparente a disciplina não era aplicada com muita frequência porque o pastor e os oficiais visitavam constantemente os membros da Igreja procurando sanar os problemas por persuasão verbal e amigável. Somente quando a pessoa resistia ao aconselhamento que o caso era encaminhado ao Conselho.

4.2 PRIMEIRO JORNAL PRESBITERIANO

O reverendo Lenington teve dois colaboradores no início do trabalho : James Theodore Houston¹⁰ e

¹⁰Houston trabalhou no Brasil de 1874 a 1885 e regressou aos Estados Unidos. Em 1900 veio colaborar com o reverendo Lenington em Florianópolis e ficou mais dois anos no Brasil.

John Benjamin Kolb¹¹.

Houston veio para Florianópolis em fins de 1900 para trabalhar com Lenington que era o seu sobrinho e genro. Ficou como colaborador um pouco mais de um ano e depois retirou-se para os Estados Unidos definitivamente.

John Benjamin Kolb marcou uma presença mais atuante. Chegou em Florianópolis em 1902 para substituir a Houston. Durante a permanência de Kolb em Florianópolis três fatos importantes aconteceram para a vida da Igreja Presbiteriana : edição de um jornal, a fundação de uma escola e a organização das sociedades internas da Igreja. Começava uma nova fase do trabalho presbiteriano com uma visão mais ampla. Enquanto Lenington se destacava como evangelista por excelência por meio de viagens e visitas aos trabalhos das cidades vizinhas, o missionário Kolb estava mais preocupado com a estrutura do trabalho em Florianópolis.

O primeiro jornal presbiteriano em Florianópolis surgiu em 17 de outubro de 1903 com o título de " A Vida" . A parte doutrinária do jornal estava sob a orientação dos reverendos Lenington e Kolb e a responsabilidade da redação com os senhores Matheus de Carvalho

¹¹Kolb esteve em Salvador(BA),foi professor no seminário presbiteriano em São Paulo e capelão do Mackenzie College, antes de vir para Florianópolis. Ao sair de Florianópolis foi para a cidade de Guarapuava , no Parana, e depois para Ponta Grossa, onde faleceu em 1921.

e Arruda Camera, dois alferes do Batalhão sediado em Florianópolis.

O jornal tinha publicação quinzenal e apresentava como propósito básico a proclamação da mensagem evangélica através de artigos, notícias do protestantismo mundial, nacional e o desenvolvimento dos trabalhos presbiterianos em Santa Catarina. O jornal se caracterizava por um tom polêmico com o intuito de defender-se das acusações da Igreja Católica Romana e ao mesmo tempo atacá-la em suas doutrinas e práticas.

Na primeira edição do jornal encontramos o início da polêmica com o jornal católico romano denominado "A Verdade", que tinha publicado em série, as "Cartas de um ministro da Igreja Evangélica por um neófito protestante". O jornal "A Vida" em diversos números apresenta a sua defesa e aponta o verdadeiro autor do documento em questão. As cartas não eram de um neófito que havia se tornado presbiteriano, mas procediam de um padre que tentava colocar em dúvida as doutrinas e propósitos dos missionários no estabelecimento de um trabalho em Florianópolis. O autor das cartas foi identificado através da revista A Província, ano XXI, número 229, editada em Pernambuco, onde o autor das cartas diz que se tratava de um anonimato necessário. Eis as palavras textuais do Frei Celestino de Pedavolli:

"credo, credo, sr. crente evan-

gético que a autoria do livro das perguntas que ainda hoje vos terroriza, espanta e causa tanto desespero, pertence a mim exclusivamente. O dr. Collaço foi apenas encarregado da revisão das provas e da impressão do livro na tipografia do Correio do Recife. Tratava-se de um anonimato necessário e o mencionado doutor é ra amigo dos frades da Penha 12

Em maio de 1904 o jornal "A Vida" volta a esclarecer o público leitor sobre as notícias tendenciosas que foram divulgadas pelo seu congênere opositor, com o título " bíblias truncadas". O jornal católico levantou o problema da veracidade da bíblia usada pelos presbiterianos e por isso implicava no futuro do próprio trabalho. Colocar em dúvida o livro usado como texto fundamental seria colocar em dúvida as doutrinas e princípios ensinados. Para rebater as acusações o jornal " A vida" debateu o assunto e redigiu a sua defesa nestes termos:

outra vez esta calúnia, colosal! Sabendo que o vigário desta Capital fugiria vergosamente, pela segunda vez, se fosse chamado a provar a asserção caluniosa de que nos usamos uma Bíblia truncada, convidamos ao publico sensato e culto deste Estado que talvez seja engodado pela calunia, a visitar a sala de cultos evangelicos desta Capital. Ali acharão sobre a mesa as Bíblias usadas no

¹² LENINGTON, Roberto Frederico. Cartas de um ministro da Igreja Evangelica a um neófito protestante. A Vida, Florianopolis, out. 1903 p.1

púlpito da Igreja Evangélica e também a Bíblia da Igreja Romana. Poderão examiná-las e conferi-las nas terças, quintas e domingos a noite, ou em qualquer outra ocasião, e se vencerão que a calúnia d'A Verdade é uma triste mentira e falsidade. Que ironia sobre o título do jornal.¹³

Outra polêmica levantada através da imprensa foi a questão maçônica que favoreceu a separação da liderança da Igreja Presbiteriana do Brasil em dois grupos distintos, na reunião sinodal de 1903. Embora aqui em Florianópolis o assunto não tivesse produzido eco, a notícia foi publicada pelo jornal "A Verdade", como um furo de reportagem e isto obrigou a Igreja Presbiteriana local a levar o assunto ao conhecimento do público para os devidos esclarecimentos. O jornal "A Vida" publicou o seguinte artigo :

"Historiemos rapidamente a questão da relação do crente evangélico com a maçonaria. Há cinco anos mais ou menos que se discute esta questão na Igreja Presbiteriana do Brasil. Na reunião do Sínodo desta Igreja, Sínodo este composto dos ministros e presbíteros das Igrejas do Amazonas a Santa Catarina, realizado em Campinas em 1900, depois de longa discussão foi adotado o seguinte parecer: os símbolos e o Livro de Ordem na maçonaria ou de qualquer sociedade secreta, e, portanto é permitido a um membro da Igreja ser

¹³ LENINGTON, Roberto Frederico . Biblias truncadas. A Vida , Florianópolis, maio, 1904 p.1

maçon se a sua própria consciência não o proíbe, mas o Sinodo não o julga necessário. Em 1903 levantou-se o problema novamente e o Sinodo não julgou conveniente legislar sobre o assunto. Dos 72 participantes, 16 resolveram retirar-se do Sinodo espontaneamente em sinal de desacordo a medida tomada e formaram a Igreja Presbiteriana Independente .14

Outra polêmica jornalística entre católicos e presbiterianos, que merece destaque, foi a publicação de uma série de artigos denominados "As cartas abertas". O redator do jornal "A Vida", tenente Arruda Camera, refutou as acusações do padre João Baptista Peters ao proferir conferências na Igreja Matriz, intitulando os protestantes de herejes e destruidores dos bons costumes. O redator Arruda Camera argumentou:

Assisti com bastante interesse e profundo respeito, como convem a um bom cristão, a alguma de vossas conferências na Matriz desta Capital. Começastes o vosso sermão rasgando diversos papéis tirados de um livro, querendo ilustrar a expurgação que o protestantismo há feito em diferentes épocas de certas doutrinas que, encaixadas criminosamente no seio do Cristianismo, vinham desvirtua-lo por completo.

Refuta o sr. Camera:

"O trabalho do protestantis

¹⁴ LENINGTON, Roberto Frederico. Maçonaria e o Cristianismo. A Vida, Florianópolis, jul. 1904. p.1

mo, ilustre reverendo, não foi de destruição mas de conservação, trabalho certamente que merecera os vossos mais calorosos aplausos na qualidade de ministro da Igreja de Cristo. O protestantismo tem restaurado ao seu primitivo brilhantismo o Catolicismo, solícita e amorosamente libertando-o dos cipos das invenções humanas que pretendem invalidar o mandamento de Deus ¹⁵

Os ataques abertos e ofensivos ocupavam as páginas dos jornais, cada um no interesse de defender os seus princípios religiosos ou filosóficos. Tanto o jornal "A Verdade", de orientação católica, como o jornal "A Regeneração", de orientação maçônica, e ainda o jornal "A Vida" de orientação presbiteriana, não poupavam críticas e comentários desairosos. Também os jornais de circulação nacional como "O Puritano" da Igreja Presbiteriana do Brasil e "O Apóstolo" da Igreja Católica Romana, também usavam o mesmo expediente de críticas mútuas. Na realidade a imprensa era o meio de comunicação mais direto e que atingia a população.

4.3 A ESCOLA EVANGÉLICA

Outra realização importante da Igreja Presbiteriana de Florianópolis foi a fundação da Escola Evangélica. Os pastores, preocupados com a instrução religiosa

¹⁵ CÂMARA, Arruda. Cartas Abertas. A Vida, Florianópolis, nov/dez. 1904. p.1 e 3

das crianças, resolveram iniciar uma escola que desse oportunidade para educar e transmitir os ensinamentos presbiterianos, ao mesmo tempo. Esta técnica da propaganda indireta era usada também por outros grupos religiosos, inclusive pelos jesuitas desde o século XVI.

A tendência dos missionários em abrir escolas refletia a estratégia de ação adotada desde o início do trabalho no Brasil. É bem verdade que o Colégio Internacional fundado em Campinas(S.Paulo), em 1869 e a Escola Americana fundada na cidade de São Paulo em 1870, eram de iniciativa particular, porém, liderados por missionários. No Colégio Internacional estudaram filhos da alta aristocracia paulista, tais como: Júlio de Mesquita Carlos de Campos e J.Pereira de Queiroz. Na Escola Americana em São Paulo estudaram altas personalidades como d. Henriqueta Soares de Couto, uma das mais altas damas da sociedade da época. Também alguns professores ilustres ocuparam cadeiras na Escola Americana, tais como: o jornalista Rangel Pestana, do jornal o Estado de São Paulo, o poeta Teófilo Dias e a senhora Henrique Soares de Couto que dirigiu o internato da Escola. Outra figura de destaque foi o professor Santos Saraiva, recomendado pelo próprio Imperador D.Pedro II.

Em Florianópolis a Escola Evangélica também alcançou os filhos de ilustres famílias que não pertenciam à Igreja Presbiteriana. Entre os membros da comu-

nidade presbiteriana encontravam-se militares graduados e funcionários públicos, que prestigiavam a Escola enviando seus filhos. Podemos ainda mencionar os filhos do redator-proprietário do jornal "Correio do Povo" e do Dr. Augusto Fausto de Souza, também matriculados na Escola Evangélica.

Em Florianópolis, na mesma época, havia outra escola protestante denominada Escola Alemã, pertencente à Igreja Evangélica Luterana, porém oferecia algumas limitações para quem não fosse germânico. A Escola Alemã foi fundada em 1868 por um grupo de emigrantes alemães, com o objetivo de preservar a cultura e dar condições de estudos aos filhos, sem sofrer a influência da Igreja Católica Romana. Quando a Escola foi fundada, com o apoio do Club Harmonie, em 1º de abril de 1868, ainda não havia um clima de oposição por parte do catolicismo, porém os professores protestantes das escolas públicas sofriam algumas restrições. O diretor do Liceu Dr. Becker e mais os professores Bukart e Müller eram importunados pela imprensa da época pelo simples fato de serem protestantes. O Dr. Roberto Avé-Lallemant, que visitou Desterro nessa época, anotou em seu relatório o seguinte:

"Encontrei alguns cientistas alemães, professores do Liceu. O diretor era o Dr. Becker, com os seus professores Bukart e Müller, todos os tres límpidos e fortes caracteres alemães, de bons conhecimentos, em cuja

companhia sempre me sentia bem. Exatamente nestes dias de minha permanencia em Desterro a imprensa azedava-lhes a vida. Acontece que eles são protestantes! e havia quem achasse sua influencia perigosa para a juventude. Primeiro não os querem deixar o Evangelho e depois querem tirar-nos ainda o nosso saber. Não podemos ficar tranquilos, francamente não creio que os tres jornais de Desterro "Argos", "St. Elmo" e "Cruzeiro", por mais importantes que sejam possam deter o progresso no nosso seculo. 16

A história da Igreja Luterana em Florianópolis está ligada à presença de Carl Max Gruel, pastor e filósofo alemão que chegou em Desterro em setembro de 1868. Não havia ainda nenhuma igreja protestante para os imigrantes. O Club Harmonie fundado em 1860 era a única sociedade que reunia a colonia alemã para as festas tradicionais e os encontros comuns da comunidade. Contudo, faltava uma instituição que unisse o povo espiritualmente visto que todos aceitavam os mesmos ensinamentos religiosos. Com esta finalidade veio o pastor dr. Gruel. Ele foi bem sucedido porque soube aproveitar a situação para sugerir três aspectos de uma vida comunitária que se tornavam indispensáveis na colonia alemã: igreja, escola e cemitério. A igreja para congregar os fiéis e mantê-los

¹⁶ FLOS, Max Heirinch. Unsere Vatter-nossos pais. São Leopoldo, Ed. Rotermond, 1966 p. 125

unidos para conservar os princípios de fé da Reforma Luterana; a escola para proporcionar aos filhos dos imigrantes um ambiente mais propício, visto que a grande maioria ainda tinha dificuldade de expressar-se na língua portuguesa; o cemitério porque havia restrições por parte da Igreja Católica Romana em receber os luteranos nos cemitérios particulares localizados geralmente atrás dos templos católicos.

A Escola Alemã iniciou suas atividades em 1869 com 25 alunos, sob a orientação do pastor Gruel . Os filhos dos colonos imigrantes tinham preferência na matrícula e deveriam ser admitidos na Escola em qualquer época do ano. A Escola preencheu a sua finalidade e atendeu a Comunidade Alemã daquela época. As atividades continuaram até os dias da Segunda Guerra Mundial, quando a Escola foi fechada e o patrimônio desapropriado por decreto do presidente Getúlio Vargas.

A Escola Alemã oferecia limitações àqueles que não eram germânicos, como dissemos, porque as aulas eram ministradas na língua alemã. Segundo as informações que recebemos da ex-aluna Frida Manger d'Ávila, até os próprios professores vinham da Alemanha, com excessão, é claro , daquele que lecionava a gramática da língua portuguesa. Esta dificuldade encontrada pelos presbiterianos para encaminhar os seus filhos numa escola evangélica, levou os missionários a pensar na fundação de uma ou

tra escola que atendesse as demais crianças de idioma português .

A Escola Evangélica dirigida pela Igreja Presbiteriana teve o seu início no dia 18 de março de 1903 com a matrícula inicial de 24 alunos. Suas atividades se desenvolveram no mesmo salão onde se realizavam os cultos, à rua Jerônimo Coelho. A primeira professora foi a senhorita Eugênia França, cedida pelo diretor da Escola Americana de São Paulo, o Dr. Horácio Lane¹⁷. Recebemos informações de uma das primeiras alunas da Escola, hoje com 86 anos, a senhora Maria Henriqueta Barbosa Schneider e também de sua irmã Carmen Barbosa¹⁸, que a Escola Americana dava grande apoio ao trabalho em Florianópolis através da cessão de professores. Mais tarde vieram as professoras Josephina Paixão, Maria Ovídia e Elvira Gomes, que projetaram o nome da Escola Evangélica devido os métodos de ensino empregados.

A Escola Evangélica seguia os mesmos propó -

¹⁷Horace Lane assumiu a direção da Escola Americana em São Paulo em 1884. A Escola teve a sua origem em 1870 quando Mrs. Chamberlain missionária norte-americana, iniciou na sua residência um pequeno grupo para meninas impossibilitadas de frequentar escolas públicas por causa da intolerância religiosa. O reverendo Chamberlain ampliou o plano e abriu uma escola. Em 1894 foi lançada a pedra fundamental para a construção do Mackenzie College no bairro de Higienópolis, São Paulo (GARCEZ, Benedito. Mackenzie. São Paulo, Ed. Presbiteriana, 1970 p.22

¹⁸As duas ex-alunas da Escola Evangélica são filhas do primeiro presbítero da Igreja Presbiteriana de Florianópolis, o sr. Romão Martins Barbosa.

sitos das escolas presbiterianas congêneres em São Paulo, fundada em 1870 e também a de Curitiba fundada em 1892. O objetivo de todas era servir como oportunidade de estudo para qualquer pessoa. Havia escolas de bom nível de ensino e muito prestigiadas,¹⁹ mas que se tornavam impedimento por razões financeiras ou preferencia religiosa. Tanto católicos como luteranos primavam por apresentar os melhores métodos de ensino.

A Escola Evangélica elegeu como objetivos de sua presença em Florianópolis os seguintes itens: abrigar todas as crianças, sem distinção de raça, cor, sexo ou religião; não fazer propaganda religiosa proselitista mas apoiar-se na moral cristã, tendo como livro básico a Bíblia Sagrada. A imparcialidade quanto ao ensino religioso nem sempre se fazia sentir, embora fosse objetivo da Escola. Havia um culto diário com leitura bíblica, o que não deixava de ser uma propaganda presbiteriana para os católicos e de outros grupos religiosos. Os professores eram todos presbiterianos e o pastor da Igreja local era o diretor da Escola. Além do mais, as aulas eram ministradas nas mesmas salas onde durante à noite e nos fins de semana se reunia a Igreja Presbiteriana para os seus atos religiosos. Toda esta vinculação colocava a Escola num ambiente estritamente presbiteriano.

¹⁹ Florianópolis contava nessa época com dois bons colégios católicos: Colégio Coração de Jesus e o Colégio Catarinense.

Os métodos de ensino usados pela Escola Evangélica eram os mesmos aplicados na Escola Americana de São Paulo, agora o Mackenzie College, pois as professoras que foram enviadas a Florianópolis tinham a formação pedagógica daquele Colégio. Os métodos educacionais, portanto, eram norte-americanos contendo características revolucionárias para o ensino ministrado no Brasil até aquela época. O ensino decorado e pronunciado em voz alta foi substituído pelo estudo indutivo e silenciosa. Desprezou-se o sistema do "debucho" pelo qual o professor escrevia a lápis para o aluno recobrir com tinta. Também banuiu-se o castigo físico que apavorava a criança, sempre às voltas com o nada simpático mestre-escola, fruto do Brasil colonial²⁰.

A Escola Evangélica em Florianópolis primou pelos objetivos adotados pelas demais escolas em outras cidades e assim a Igreja Presbiteriana progrediu não apenas propagando seus ensinamentos religiosos mas também instruindo o povo ilhéu. Em outubro de 1903 o jornal "A Vida" publicava esta nota:

A Escola diária já está funcionando com duas aulas; uma primária, outra secundária. Com o seu funcionamento de cinco meses tem se matriculado 63 crianças de ambos os sexos." 21

²⁰ GARCEZ, Benedito Novaes. op.cit. p.22

²¹ LENINGTON, Roberto Frederico. Escola Evangélica. A Vida Florianópolis, out. 1903, p. 3

A Escola ofereceu três cursos a partir de 1904: primário, secundário e superior²², dirigidos pelas professoras Eugênia França, Brízida de Oliveira e Isabel Whilters. Segundo informações de ex-alunos, que contraditam os jornais da época, a Escola possuía os cursos: primário, intermediário e secundário, o que admitimos ser o mais razoável e certo pois não há nenhum registro que confirme a existência de curso superior nessa época, em Florianópolis. As matérias básicas da Escola eram: português, francês, inglês, caligrafia, música vocal, geografia, história sagrada, história universal e aritmética.

Em setembro de 1904 o Diretor da Instrução Pública do Estado visitou a Escola Evangélica e assim comentou o jornal "Correio do Povo" :

"O sr. Horácio Nunes, zeloso e ativo Diretor da Instrução Pública do Estado visitou hoje a Escola Evangélica na ocasião em que tinha lugar a abertura das aulas.

O sr. Diretor da Escola, J. B. Kolb, que se achava presente, e bem assim as senhoras professoras, ministraram ao sr. Diretor da Instrução todas as informações relativas ao ensino e que julgaram necessárias, dispensando ao mesmo tempo as maiores provas de deferência e excelente acolhimento, ao distinto funcionario, que também foi calorosamente saudado pelo grande numero de alunos.

Segundo nos informaram, a

²² LENINGTON, Roberto Frederico. Escola Evangélica .
A Vida. Florianópolis, out. 1903 p.1

impressão recebida durante a visita pelo sr. Diretor da Instrução, já quanto aos métodos de ensino, já quanto a excelente ordem mantida nos trabalhos escolares, foi a mais lisonjeira possível externando-se S.S. francamente nesse sentido.

É o caso de felicitar - mos ao digno Diretor e exmas. professoras da Escola Evangélica pela boa impressão recebida pelo sr. Diretor da Instrução, o que denota que os esforços daquelas dedicadas preceptoras da infancia catarinense vão sendo recompensadas 23

A boa aceitação da Escola Evangélica e o apoio do Mackenzie College não conseguiram superar as dificuldades financeiras e a falta de professores disponíveis e por isso em 1911 deixava de funcionar uma importante obra presbiteriana em Florianópolis.

4.4 SOCIEDADES INTERNAS DA IGREJA

A estratégia de ação evangelística resultou na fundação do jornal "A Vida", e da Escola Evangélica, como vimos. Na verdade ambos eram instrumentos de propaganda evangélica para alcançar as pessoas que não teriam contato direto com a Igreja Presbiteriana. Foram duas realizações que marcaram a presença dos missionários na Capital catarinense.

²³ CAMARA, Arruda. Escola Evangélica. Correio do Povo, Florianópolis, set.1904. p.2

Agora o plano se volta para a vida interna da Igreja no sentido de serem criadas Sociedades Internas com o objetivo de dinamizar as pessoas dentro de sua área de interesse. Toda a pessoa devia sentir-se parte da Igreja e desafiada a cooperar para atender as necessidades da comunidade e entender que a fé cristã envolve a pessoa em coisas concretas da vida comunitária. Fé não significa apenas crer, mas é agir e viver - ciar o mandamento divino " ama ao teu próximo como a ti mesmo". Dentro desse espírito as Sociedades Internas deram grande impulso ao desenvolvimento do trabalho presbiteriano.

A Sociedade de Senhoras foi organizada em 30 de janeiro de 1903 com o propósito de reunir as senhoras presbiterianas ou interessadas em trabalhos beneficentes, e também prestar orientação às mães quanto à educação dos filhos e à vida familiar. Os líderes da Igreja reconheciam a importancia do lar e o cuidado da educação dos filhos, principalmente a parte religiosa. A Sociedade de Senhoras era uma agremiação própria para esse fim por isso foi muito útil na expansão do trabalho. Ela se desenvolveu rapidamente, conforme relata o jornal " A Vida", alguns meses depois da organização do grupo feminino:

'A Sociedade de Senhoras está trabalhando com muito entusiasmo. As reuniões são bem concorridas. Já conta com

umas 40 sócias. Esta Sociedade conserva seis crianças pobres na escola diária. ²⁴

A "escola diária" mencionada na citação refere-se à Escola Evangélica mantida pela Igreja Presbiteriana. Costumeiramente chamava-se "escola diária" porque a Igreja mantinha a "escola dominical", outra organização interna da qual falaremos oportunamente. A Sociedade mantinha 6 crianças na Escola Evangélica com ensino gratuito através de bolsa de estudo, e isto significava na época 25% das crianças. Era o nobre espírito cristão e grande sensibilidade para com os problemas familiares e educacionais da Sociedade nascente.

A Sociedade era uma força viva da Igreja no atendimento das necessidades materiais dos membros mais pobres e também na promoção da fraternidade através de reuniões festivas.

A Escola Dominical foi outro departamento da Igreja de vital importância para a consolidação do trabalho presbiteriano. A organização de uma escola aos domingos, daí o nome "escola dominical", visava instruir a Igreja a respeito das doutrinas presbiterianas e preparar os membros para saberem responder as indagações ou ataques quanto à vida religiosa. A Igreja Presbiteriana sempre defendeu o princípio democrático da participação dos membros na vida total da comunidade, obedecidos os prin-

²⁴ KOLS, John B. Sociedade de Senhoras. A Vida. Florianópolis, out. 1903. p.2

cípios doutrinários e éticos aceitos pela própria Igreja. Para uma participação consciente e proveitosa, a instrução bíblica sólida se tornava indispensável. A Escola Dominical ampliava os conhecimentos religiosos e dava oportunidade para que as pessoas, desde as crianças até os idosos, pudessem ter sua classe própria de ensino bíblico.

A Escola Dominical é uma organização das igrejas evangélicas com o objetivo de dar mais instrução religiosa aos seus membros. Originou-se na Inglaterra em 1755 sob a iniciativa de Roberto Raikes, que resolveu dar instrução religiosa a algumas crianças pobres. As igrejas adotaram o método e começaram aplicá-lo entre os membros da própria comunidade para ministrar um ensino bíblico dominical e sistemático, sempre visando atingir as pessoas em grupos, conforme suas faixas etárias.

No Brasil a primeira experiência de Escola Dominical aconteceu em 1836 com o reverendo J. Justin Spaulding, da Igreja Metodista. Foi uma experiência efêmera porque o regresso do missionário norte-americano em 1841 provocou a extinção da escola. Em 1855 o médico e missionário Roberto Kalley iniciou em Petrópolis (RJ), o movimento de Escola Dominical com apenas cinco crianças, mas foi a semente permanente do trabalho que hoje atinge todas as igrejas evangélicas brasileiras.

Em Florianópolis a Escola Dominical nasceu

com o próprio trabalho presbiteriano. A Igreja Luterana não adotava esse método no início. Apenas bem mais tarde em 1965, que ela organizou um trabalho de instrução religiosa dominical para as crianças. Os missionários presbiterianos sempre usavam o método de instrução bíblica através da Escola Dominical, para atingir também as crianças e jovens na preparação e organização de uma futura igreja. Nota-se que em muitos lugares a Escola Dominical precedeu a organização do próprio trabalho local. A Escola era sempre uma reunião mais informal, enquanto as reuniões de cultos exigiam liderança mais preparada.

A Escola Dominical em Florianópolis recebeu grande impulso com a presença do reverendo Kolb, que preocupou-se com o ensino bíblico através de métodos pedagógicos. Ele ampliou a Escola Dominical na Igreja subdividindo em seis classes para atender as pessoas de acordo com a idade. As pessoas eram colocadas nas classes segundo o interesse da faixa etária. A Escola contava com o concurso das professoras da Escola Evangélica que, durante o domingo, colaboravam e ministravam conhecimentos bíblicos para as crianças. Em seu relatório de 1904 o Presbitério do Sul fazia o seguinte registro a respeito do trabalho do reverendo Kolb:

A Escola Dominical reformada e dirigida pelo Dr. Kolb é frequentada por uma média de 70 pessoas, sendo portanto um elemento para o pro

gresso da vida cristã²⁵

Outra atividade importante da Igreja Presbiteriana foi a Sociedade de Propaganda²⁶ que tinha por objetivo divulgar a literatura evangélica, fazer convites para que as pessoas comparecessem aos cultos. Também a visitaçãõ nos lares para esclarecer pontos bíblicos e incentivar aqueles que começavam a demonstrar interesse pelo trabalho presbiteriano, eram objetivos da nova sociedade interna da Igreja.

A Sociedade de Propaganda estava preocupada com os novos adeptos e desejava instruí-los visto que a Igreja Católica Romana também visitava as pessoas em suas casas e procurava dissuadí-las do interesse pelas pregações presbiterianas. O reverendo Roberto Frederico Lenington deixou transparecer esta preocupação ao registrar em seu relatório:

O trabalho da Capital torna-se cada vez mais difícil. O Ginásio Estadual entregue aos Jesuitas serve de tropeço ao nosso trabalho visto prender de certa forma a mocidade. A Igreja Romana mudou de tática. Não fala tanto e trabalha mais. Enviados a ordem superior, visitam todos os que assistem as conferências evangélicas e por pretensa amizade procuram afastá-los de tão perigoso,

²⁵ PRESBITÉRIO DO SUL. Relatório Anual, julho 1904

²⁶ Em 1941 a Igreja Presbiteriana de Florianópolis fez reviver os mesmos objetivos da Sociedade de Propaganda através da organização da Sociedade Missionária.

para eles, ensino²⁷

A atitude da Sociedade de Propaganda, tida como proselitista, procurava orientar as pessoas a respeito do ensino bíblico de acordo com o ponto de vista presbiteriano e por isso a controvérsia com os jesuitas foi reativada. A tendência de apontar erros do lado oposto era uma atitude normal tanto de presbiterianos como de católicos. Todos pensavam ter diretos e razões suficientes para defenderem suas idéias e convicções baseadas na Bíblia Sagrada, que servia ao mesmo tempo de ataque e defesa de ambos os grupos.

4.5 ALCANCE DO TRABALHO MISSIONÁRIO

Desde 1901, período de organização da Igreja, até 1914 quando se retirou o último pastor missionário norte-americano de Florianópolis, o trabalho presbiteriano experimentou uma fase de expansão. Os pastores procuraram divulgar as mensagens bíblicas por todos os meios possíveis como a imprensa, a escola, a visitação intensiva de famílias nos mais remotos recantos do litoral catarinense, bem como outras cidades que eram incluídas no roteiro das longas viagens missionárias. Os pastores faziam um revezamento no atendimento das igrejas não só para amenizar a tarefa mas também para am -

²⁷ LENINGTON, Roberto Frederico. Relatório Pastoral, 1908

pliar o trabalho com mais rapidez. Enquanto um descansava atendendo a Capital e lugares mais próximos, o outro pastor se dirigia para o sul, oeste ou norte do Estado para visitar as famílias que tinham ingressado no grupo presbiteriano. Esta é a razão ponderável que justificava a presença constante de dois pastores em Florianópolis, desde o período inicial do presbiterianismo. O grupo na Capital era pequeno e não exigia atendimento pastoral que envolvesse tempo integral de dois homens. Porém, as longas viagens e ausência prolongada do pastor diante da comunidade trazia problemas de liderança. Daí a necessidade do revezamento entre os pastores o que permitia que a Igreja em Florianópolis tivesse sempre o seu líder para orientar o jornal "A Vida", a Escola Evangélica e os trabalhos normais e continuados da sede e de lugares circunvizinhos. Do relatório de Lenington extraímos estas anotações :

"Passei os meses de agosto e setembro em Florianópolis e em 6 pontos de pregação perto da Capital; em outubro fiz uma viagem a São Francisco do Sul; em dezembro tive o privilégio de ir a Laguna no sul do Estado onde nunca se pregara o Evangelho; nos meses de janeiro, fevereiro, março de 1903 passei em Florianópolis e nos lugares circunvizinhos; os meses de abril, maio e parte de junho gastei numa longa viagem pelo interior e sul do Estado. Preguei em Lages, São Joaquim, Orleans,

Imbituba, Tubarão e Laguna²⁸

Podemos perceber pelo exposto como o missionário distribuía o seu tempo durante o ano. Passava 6 meses na Capital e os meses restantes viajava pelo litoral sul e interior do Estado na intenção de visitar as famílias já conhecidas ou abrir novos pontos de evangelização. Era impossível permanecer um só pastor num campo tão vasto para cumprir um plano tão arrojado.

A Igreja Presbiteriana de Florianópolis teve uma constante assistência pastoral durante os seus 14 primeiros anos de vida. Ainda quando estava o pioneiro Rodgers, chegou Lenington para auxiliá-lo e substituí-lo. Em 1900 retirou-se Rodgers e veio Houston para auxiliar Lenington. Em 1902 Houston foi para os Estados Unidos e veio Kolb para cooperar com Lenington. Em 1905 o reverendo Lenington foi para os Estados Unidos em período de estudos e veio Lino da Costa para auxiliar Kolb. Em 1908 o reverendo Kolb retirou-se e Lenington voltou a cooperar no litoral catarinense para auxiliar Lino da Costa. Em 1910 a Igreja recebeu os cuidados pastorais de George Anderson Landes que veio substituir Lino da Costa. Em 1912 Lenington deixou o litoral catarinense e veio o reverendo Ashman Salley para auxiliar Landes. Salley chegou a Florianópolis com um objetivo bem definido pelo

²⁸ LENINGTON, Roberto Frederico. Relatório Pastoral, 1903.

próprio Presbitério do Sul: atender a Igreja e dedicar-se na campanha de construção de um templo²⁹. Este objetivo foi plenamente alcançado, como veremos mais tarde.

Durante os primeiros 14 anos a Igreja Presbiteriana de Florianópolis recebeu a colaboração de seis missionários norte-americanos e de um pastor brasileiro. A presença de pastores brasileiros se tornava difícil não apenas por falta de obreiros, mas principalmente por motivo financeiro. A Igreja em Florianópolis não possuía recursos próprios suficientes para arcar com a responsabilidade de manter um pastor. Quando Lino da Costa foi convidado em 1905, o sustento pastoral foi levantado de diversas fontes, conforme a decisão da Assembléia da Igreja :

Ficou deliberado que se consultasse o reverendo Lino da Costa se lhe convém transferir-se para esta cidade mediante a gratificação mensal de 160\$000, sendo 130\$000 contribuição da Igreja e 30\$000 pela Escola, ficando outrossim a Igreja na obrigação de, por intermédio do Presbitério, pedir das Missões Nacionais o auxílio de 40\$000 mensais. 30

Percebe-se a dificuldade da Igreja local em manter um obreiro nacional devido o pequeno número de membros participantes. A presença de Lino da Costa obrigava a Igreja a buscar 40% dos recursos financeiros de

²⁹ PRESBITERIO DO SUL. Relatório Anual, 1912

³⁰ LIVRO DE ATAS. Igreja Presbiteriana de Florianópolis. Volume I, p.50

outras fontes: Escola Evangélica e Missões Nacionais . Essa difícil experiência levou a Missão a continuar com os missionários por mais algum tempo até que a Igreja local pudesse levantar os seus próprios recursos.

A primeira tentativa em transferir a liderança da Igreja para um pastor brasileiro não foi bem sucedida. André Lino da Costa era um homem capacitado e de indiscutível liderança, mas precisaria depender dos recursos financeiros da igreja local, o que dificultou o plano e não permitiu a sua continuidade em Florianópolis. Enquanto os missionários encontravam facilidade para conseguir recursos de sustento próprio e expansão dos planos evangelísticos, porque as Missões Estrangeiras davam a cobertura completa, os pastores brasileiros não encontravam a mesma condição e lutavam com muita dificuldade para levantar o seu próprio sustento nas igrejas locais.

O levantamento de recursos financeiros para o sustento do obreiro causou certa estranheza, de início. O pastor Lino da Costa iria receber ajuda em 60 % da igreja local e os restantes 40% seriam supridos pelas Missões Nacionais e pela Escola Evangélica.

Era lógico e normal que a Igreja em Florianópolis fosse socorrida pelas Missões Nacionais pois elas se propunham a auxiliar as igrejas nascentes que apre-

sentavam insuficiência de recursos financeiros. Mas é de se estranhar que a Escola Evangélica tivesse se comprometido com a verba mensal de 20% para o sustento pastoral. A questão ficava em aberto perante presbiterianos e católicos: é lícito usar os recursos da Escola para promover proselitismo e sustentar um trabalho estritamente eclesiástico, visto que a grande maioria dos alunos não era presbiteriana? Deve o ensino promover a igreja ou a igreja tem o dever de promover o ensino? Diante dessas indagações tem-se a impressão que os objetivos da própria Escola Evangélica foram desvirtuados. A Igreja Presbiteriana usaria o dinheiro do povo, arrecadado indiretamente através da Escola, para sustentar o seu pastor? Bem, se isto acontecesse os próprios católicos estariam promovendo, indiretamente, o desenvolvimento do presbiterianismo.

Contudo uma análise mais ponderada justifica a inclusão da Escola Evangélica como mantenedora parcial do pastor brasileiro. Os pastores missionários sempre colaboraram com a Escola na qualidade de professores e diretores, sem ônus, por não haver necessidade de sustento pastoral para si mesmos. As Missões Estrangeiras além de sustentarem integralmente os seus obreiros ainda dispunham de verbas para manter a publicação do jornal presbiteriano e o funcionamento da escola. Agora a Igreja Presbiteriana estava diante de uma situação nova e a Escola

também. O pastor brasileiro precisava ser sustentado através da prestação de serviço e por isso a Escola não estava ajudando a Igreja no sentido de promover o trabalho presbiteriano, mas estava pagando um funcionário seu que, por coincidência, era pastor da mesma igreja responsável pela manutenção dos professores e diretor da referida Escola.

O período inicial do presbiterianismo em Florianópolis, que contou com a colaboração dos missionários, foi penoso devido às longas e difíceis viagens, mas foi um desafio para os grupos presbiterianos que iam surgindo em diferentes lugares. Esses grupos nascidos espontaneamente viviam e se desenvolviam sem um atendimento pastoral sistemático. Eles sobreviviam pelo simples zelo de seus membros. Os líderes locais e espontâneos assumiam o compromisso de dirigir as reuniões, ler e explicar as passagens bíblicas, para que o trabalho não fosse descontinuado e nem o ânimo do grupo enfraquecido. Esta foi a razão da sobrevivência de muitos pontos de evangelização em Santa Catarina. Por outro lado a ausência prolongada dos pastores, ou as visitas escassas, desestimularam aqueles grupos onde não surgiram líderes locais para manter acesa a chama da fé dos novos adeptos. Na localidade de Jordão, município de Biguaçu, o trabalho prosperou a tal ponto que em 1908 foi organizada uma igreja com 66 membros adultos e mais 44

crianças. Era o primeiro fruto concreto no interior, compensando o trabalho missionário.

O plano de expansão trouxe mais resultados positivos do que fracassos. Todo o esforço missionário de interiorização do presbiterianismo redundou, mais tarde, em frutos para as igrejas em Florianópolis³¹. Em nossos dias encontramos nas igrejas presbiterianas de Florianópolis muitas famílias vindas de Tijucas, Tijuchinhas, Ganchos, Jordão, Biguaçu, São Miguel, outrora campos missionários. O êxodo rural tem sempre fortalecido as igrejas citadinas, não só presbiterianas, mas também outros grupos religiosos.

O trabalho missionário procurou em pouco tempo atingir muitas localidades. Todos os pastores se esforçavam para atingir o alvo comum: expansão presbiteriana. Entre os obreiros destaca-se a figura de Lenington, o que mais tempo ficou em Florianópolis e no litoral catarinense e foi o responsável direto pela organização da primeira igreja na região. Ele como desbravador e peregrino vencer as distancias longas e estafantes para visitar o Estado de norte a sul, de leste a oeste.

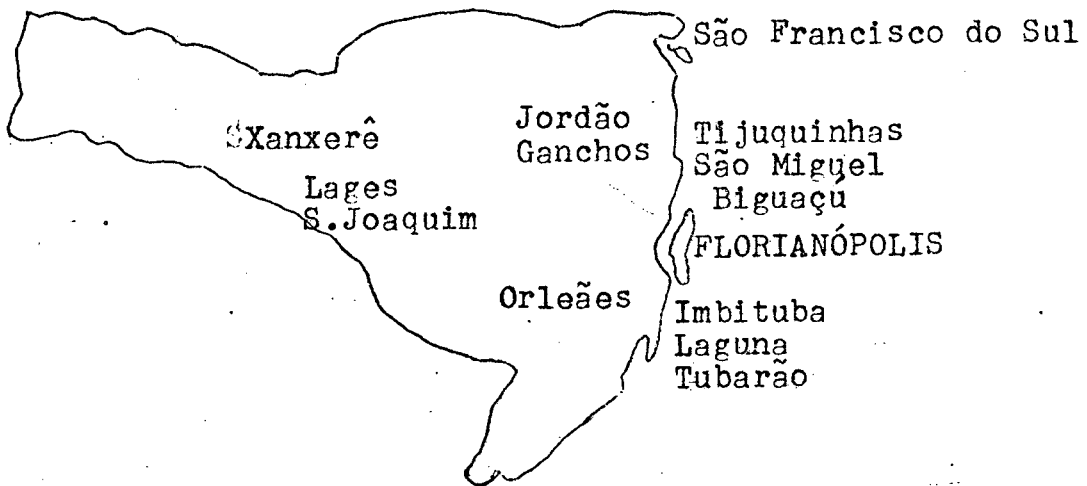
Para um melhor entendimento da expansão inicial do trabalho presbiteriano e suas raízes verifiquemos o mapa de localização dos trabalhos e alguns dados estatísticos. As observações se restringem ao período de

³¹ Em Florianópolis existem atualmente três igrejas presbiterianas organizadas e pontos de pregação.

1898 a 1907 porque abrange a época da presença do pioneiro Rodgers até a organização da Igreja em Jordão, o primeiro fruto concreto da expansão.

MAPA nº 1

IGREJA PRESBITERIANA E OS LOCAIS DE
EXPANSÃO EM SANTA CATARINA (1898-1907)



FONTE: Relatório pastoral de Lenington

Todas as cidades apontadas foram visitadas por Lenington e constam em seu relatório pastoral³², com exceção de Xanxerê que foi alcançada pelo trabalho realizado por pastores do Paraná, conforme referência anterior. A maior preocupação era pelo litoral catarinense

³² LENINGTON, Roberto Frederico. Relatório pastoral, 1905

por isso visitava constantemente as localidades próximas de Florianópolis como : Biguaçu, São Miguel, Tijuquinhas, Saco dos Ganehos, Jordão. Esteve duas vezes no sul do Estado e fez trabalhos nas cidades de Laguna, Orleães, Imbituba e Tubarão. Também em 1903 fez a primeira investida em direção ao oeste chegando até Lages e São Joaquim.

QUADRO ESTATÍSTICO nº 1

IGREJA PRESBITERIANA DE FLORIANÓPOLIS:
RECEPÇÃO ANUAL DE MEMBROS (1898-1907)

	ADULTOS		CRIANÇAS	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
1900	11	2	3	3
1901	29	15	11	6
1902	26	19	21	10
1903	13	15	9	7
1904	20	20	12	12
1905	12	11	11	13
1906	10	12	12	11
1907	5	4	6	6
Totais	126	98	85	69

FONTE: LIVRO DE ATAS da Igreja Presbiteriana de Florianópolis, Volume I

Com este quadro verifica-se que a recepção de adultos foi bem maior do que a de crianças, um fato

não muito comum nas igrejas em geral. Pode-se levantar algumas hipóteses a respeito: seriam as famílias pequenas naquela época ; os pais resistiam em rebatizar seus filhos visto que a Igreja Presbiteriana não aceitava o batismo da Igreja Católica Romana e vice-versa. Estas indagações merecem um estudo mais demorado para detectar as causas possíveis, o que no momento não podemos fazê-lo

Outra observação do quadro apresentado é a grande diferença entre adultos masculinos e femininos . A maior aceitação estava entre o elemento masculino, o que vem contrariar a idéia tão comum de que a mulher é mais religiosa e acessível a novos grupos. Por outro lado deve-se lembrar que a conversão do marido à nova religião não implicava forçosamente na conversão da esposa porque a decisão sempre era considerada espontânea e individual. Pode-se, portanto, deduzir-se que muitos maridos se converteram e suas esposas não, o que ajuda a entender porque as crianças também não foram batizadas. Falta a união espiritual no lar e por certo a mãe influenciava muito quanto à decisão de batismo dos filhos . Admite-se o fato de que , se a mãe não era presbiteriana também não fazia questão e nem força para que seus filhos o fossem.

Ainda nota-se no quadro em estudo um rápido crescimento nos anos 1900-1902 com o impacto dos missio-

nários pioneiros e o início do trabalho. No período de 1903-1904 ainda perdurou o crescimento, por certo impulsionado com a criação da Escola Evangélica e do jornal "A Vida". Nos anos seguintes houve uma sensível queda na recepção de membros, tanto masculinos como femininos.

QUADRO ESTATÍSTICO nº 2

IGREJA PRESBITERIANA: RECEPÇÃO DE MEMBROS
ADULTOS POR LOCALIDADES (1898-1907)

	1900		1901		1902		1903		1904		1905		1906		1907	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
1.	11	2	24	12	14	11	3	5	18	19	4	6	4	3	2	3
2.									1	1						
3.					1	2										
4.			1	1												
5.					3	3	2	5			7	4	6	9	3	1
6.			4	3												
7.					8	3	4	1	1							
8.							4	4			1	1				

Fonte: LIVRO DE ATAS DA Igreja Presbiteriana de Florianópolis, Volume I. Levantamento de fichas individuais. Identificamos 1. Florianópolis; 2. Alto Biguaçu; 3. Biguaçu; 4. Fortaleza Santa Cruz; 5. Jordão; 6. São Miguel; 7. Tijuquinhas; 8. Ganchos.

O quadro nº 2 permite verificar que a recepção de membros em Florianópolis era sempre constante

e nas localidades do interior era irregular. No interior a visita pastoral era espaçada e nem sempre alcançava todas as famílias presbiterianas ou de interessados, por isso a expansão foi mais lenta.

Em 1901 começaram a aparecer os primeiros frutos no interior, mas sempre com certa inconstância porque eram algumas famílias que se convertiam influenciadas por parentes ou incentivadas por visita pastoral. A partir de 1902 na localidade de Jordão o trabalho começou a se desenvolver lento e constante, para figurar em 1907 como a primeira igreja interiorana resultante do trabalho missionário. Verifica-se em 1904 que a recepção de membros foi representativa em Florianópolis mas inexpressiva no interior, quase nula, com apenas três membros. Pode-se atribuir esta situação à concentração de atenção dos pastores Lenington e Kolb com a Escola e o Jornal que estavam dando os passos iniciais e por isso a visitação pastoral pelo interior ficou prejudicada.

O quadro nº 2 também mostra que o crescimento dos grupos presbiterianos em diferentes localidades foi muito inexpressivo, se comparado com o crescimento populacional. Nota-se maior recepção de membros em períodos especiais, como por exemplo no início do trabalho, na organização da igreja local ou fundação da escola. Nos anos 1900 a 1902 o crescimento foi normal porque a

própria presença de um novo grupo religioso despertou a atenção de todos no sentido de apoiar ou criticar. O grupo foi impulsionado pela expectativa de uma nova experiência e a busca de uma vida diferente, segundo os princípios presbiterianos. Em 1904 o aumento na recepção de membros deveu-se ao fato da organização da Escola Evangélica e a fundação do jornal "A Vida". Houve nesse época uma intensificação na divulgação do presbiterianismo tendo como resultado a adesão de um bom grupo. Nos demais anos o movimento foi até decepcionante porque a população continuava crescendo e a Igreja ficou estagnada.

Por quê a Igreja Presbiteriana teve uma queda na recepção de membros justamente quando recebeu o primeiro pastor brasileiro? Será que foi mudança de método de trabalho ou problema de liderança? Bem, a presença do pastor nacional obrigou a comunidade presbiteriana a assumir pesado ônus financeiro significando uma participação direta dos membros através de suas contribuições. A preocupação com o levantamento do sustento levou a Igreja a diminuir o ritmo de propagação evangelística. Não houve nenhuma divergência entre o missionário e o obreiro nacional durante todo o período. O trabalho do missionário Kolb não interferiu na atuação do reverendo Lino da Costa. O primeiro preocupava mais com a Escola e o Jornal enquanto o segundo dedicava-se mais ao atendimento dos trabalhos da própria comunidade presbiteriana.

QUADRO Nº 3

IGREJA PRESBITERIANA : RECEPÇÃO DE
CRIANÇAS POR LOCALIDADES(1898-1907)

	1900		1901		1902		1903		1904		1905		1906		1907	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
1.	3	3	9	5	13	5	5	4	9	11	4	5	10	7	2	2
2.					2	2	2									
3.									1	1						
4.					1	2	3	3	2		5	6	2	4	2	2
5.															2	2
6.			1	1	4	1										
7.																

FONTE : LIVRO DE ATAS da Igreja Presbiteriana de Florianópolis, Volume I . Identificamos: 1. Florianópolis; 2. Biguaçu; 3. São Francisco do Sul; 4. Jordão; 5. Ganchos 6. São Miguel; 7. Tijuquinhas.

O quadro nº 3 apresenta a mesma situação analisada no quadro 2. Em Florianópolis a recepção de crianças foi constante enquanto no interior foi esporádica, dependendo sempre das visitas pastorais. Em 1905 e 1906 a recepção de crianças em Florianópolis apresentou maior número do que a de adultos, porém, o mesmo não aconteceu em Jordão. Não há razão plausível para essa ocorrência. A única probabilidade viável é o fato do ingresso de um elevado número de adultos no mesmo período donde se de -

duz que as crianças pertenciam às mesmas famílias.

Durante o período de expansão do presbiterianismo a Igreja em Florianópolis ocupou lugar estratégico e foi a incentivadora dos novos pontos de pregação nas localidades do interior. Chegava o momento de se pensar num pastor nacional para liderá-la e este também era o pensamento dos missionários, como revela George Landes em seu relatório:

" A Igreja de Florianópolis está numa condição e circunstâncias que ela necessita os serviços de um ministro constantemente para animá-la e levá-la ao ponto de chamar o seu próprio pastor. Sugerí a ideia de chamar o seu próprio pastor aos membros mais interessados na prosperidade da igreja, mas todos manifestaram um desejo forte de edificar um templo antes de pensar em chamar o seu pastor." 33

Realmente duas coisas se faziam necessárias para a Igreja Presbiteriana em Florianópolis: construir um templo para a sua sede própria e convidar um pastor brasileiro com tempo integral.

A ideia de construir um templo nasceu em 1900 quando no dia 10 de maio foi organizada uma comissão para levantar fundos pró construção. No dia 13 de dezembro do mesmo ano a comissão adquiriu um terreno pela importância de 217\$000 à rua Visconde de Ourto Preto

onde hoje está o templo . A pedra fundamental foi lançada no dia 7 de agosto de 1912. Dentro de uma urna colocada ao lado da pedra fundamental, foram depositados: 200 reis e algumas pedras atiradas no salão de cultos por ocasião do período polêmico do início do trabalho presbiteriano; também foram colocados exemplares dos jornais da época : O Dia, Correio do Povo, Clarão e várias moedas de prata de uso corrente; um histórico da Igreja desde os primórdios até o momento da cerimonia; a Bíblia que o reverendo Rodgers usou pela primeira vez quando iniciou o trabalho em Florianópolis em 1898. No dia 6 de julho de 1913 o sonho se concretizou e todos puderam adentrar no novo templo como o lugar definitivo de cultos e reuniões.

A construção do templo foi fator importante para a pequena comunidade presbiteriana de Florianópolis com apenas 200 membros. A obra construída representava esforço e espírito de união do grupo porque estava legando às futuras gerações um patrimônio apreciável.

A Igreja também almejava a presença de um pastor brasileiro com tempo suficiente para atender as necessidades locais e não apenas um missionário, que estava sujeito a viagens constantes e ausências prolongadas, no propósito de ampliar o trabalho. No dia 28 de junho de 1914 o plano se concretizou e a Igreja recebeu o reverendo Tancredo da Costa, como pastor residente .

O plano de consolidação da Igreja atingia os seus objetivos e os missionários resolveram retirar - se para assumir outros campos evangelísticos.

5. LIDERANÇA NACIONAL

A Igreja Presbiteriana em Florianópolis, em princípios de 1914 chegava ao clímax de uma situação almejada desde o início do trabalho : templo construído , liderança local estável e condições financeiras suficientes para convidar um pastor brasileiro.

O período compreendido entre 1914 a 1928 abrangeu aspectos importantes da comunidade presbiteriana na Capital. A retirada definitiva dos missionários exigiu da igreja local aceitar a responsabilidade de dar continuidade à obra de manutenção e expansão do presbiterianismo na Capital e litoral catarinense. A liderança nacional presidida por Tancredo da Costa encontrou dificuldades , mas também foi incentivada pelo espírito de equipe de seus membros. Os presbíteros da Igreja assumiram uma liderança decisiva e mantiveram o ritmo dos trabalhos, mesmo quando a comunidade ficou sem pastor residente por um período de dezoito meses .

5.1 RETIRADA DOS MISSIONÁRIOS

A nacionalização das igrejas presbiterianas brasileiras era um objetivo previsto e, até mesmo desejado pelos próprios missionários. Porém, por mais sinceros que fossem os propósitos dos missionários, não pas -

saram de simples desejo, muitas vezes em contradição com os próprios interesses do trabalho estabelecido pelas Missões que os mantinham no Brasil. Eles temiam que a emancipação fosse prematura e prejudicial para a continuidade do trabalho. Todavia, a razão emotiva de tudo era o receio de perder a liderança de campos abertos com sacrifício e perigo de vida tanto nas cidades como no interior. Eles eram tidos como pais e mestres espirituais das igrejas nascentes e por isso temiam ficar sujeitos ao programa e liderança dos brasileiros, seus filhos espirituais e discípulos.

Alguns missionários ocuparam o lugar de líderes absolutos exercendo papéis dominantes no estabelecimento de normas eclesiásticas. Os pioneiros imprimiram em suas igrejas tal liderança que o trabalho ficou marcado por longos anos, por suas atitudes e hábitos pessoais, no tocante à liturgia do culto, comportamento social ou familiar. Algumas igrejas, inclusive catarinenses, ainda conservam hábitos deixados pelos missionários pioneiros. Por exemplo, vamos encontrar diferenças de comportamento entre as igrejas quanto ao hábito de fumar, o uso da moda feminina, a frequência às praias ou o modo de observar a guarda do domingo.

Verifica-se ainda hoje os resquícios de tais procedimentos ao comparar-se as igrejas presbiterianas do litoral e do oeste catarinense. A influência da colo-

nização européia no oeste moldou os grupos presbiterianos com um estilo mais liberalizante, enquanto no litoral nota-se a predominância de costumes mais rígidos com tendências ao moralismo. É bom notar que as igrejas presbiterianas estabelecidas no litoral onde há forte presença germânica, como Blumenau e Joinville, a grande maioria, para não dizer a totalidade dos membros são oriundos de outras cidades próximas e não são descendentes de grupos alemães.

A tarefa do missionário consistia, muitas vezes, em reproduzir a igreja presbiteriana norte-americana da qual ele fazia parte em sua terra natal. Muitos costumes e atitudes foram transferidos a situações latino-americanas sem adaptações necessárias e sem distinguir o que era ensino bíblico ou tradição cultural. Como analisa a equipe do Instituto de Crescimento de Igrejas¹, o trabalho dos missionários na América Latina:

Essas pretensões de mistura com um amor paternal e um interesse genuínos, além de ansiedades pessoais por parte dos missionários, tem resultado na super-proteção das igrejas menores, desde o início. Esta atitude subtende quer seja isso verdade, quer não, que os nacionais nem são capazes de arcar com responsabilidades nem são suficientemente sábios devido a sua maturidade a fim de discernirem a vereda, certa para o futuro de sua pró-

¹O Institute of Church Growth and School of World Mission of Theological Seminary designou uma equipe para fazer uma pesquisa sobre o crescimento das igrejas na América Latina.

pria igreja:²

O aparecimento das tensões entre missionários e pastores brasileiros não surpreendeu a ninguém, porque em outros países o problema era idêntico. Geralmente os missionários e os obreiros nacionais trabalhavam juntos em situações semelhantes. O surgimento de uma liderança brasileira mais intransigente e com outra estratégia de ação levantou o problema da participação do missionário nas decisões conciliares e organização do trabalho presbiteriano local.

O relacionamento entre missionários e pastores nacionais vinha sendo discutido há muitos anos no Brasil e chegou a ser um dos motivos que dividiu a Igreja Presbiteriana em 1903. Naquela época a proposição do grupo mais nacionalista sugeria o afastamento definitivo dos missionários:

Que os secretários permanentes dos diversos presbiterios passem cartas demissórias aos missionários dos Boards para quais quer presbiterios dos Estados Unidos indicados pelos mesmos; e, caso não peçam as ditas cartas no prazo de noventa dias, sejam eliminados do rol dos respectivos presbiterios.³

²READ, William. op.cit. p.353

³LESSA, Themudo Vicente. op.cit. p.662

O Sínodo da Igreja Presbiteriana reunido em 1903 não aprovou a proposição mencionada, apresentada pelo reverendo Eduardo Carlos Pereira, o que ocasionou uma cisão na Igreja nacional. Também a questão maçônica e o ensino teológico⁴, contribuíram para o afastamento do grupo liderado pelo reverendo Eduardo Carlos Pereira. Em 1903 nascia a Igreja Presbiteriana Independente. Naquela ocasião o Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil declarou que os missionários continuariam a ser necessários como membros efetivos dos concílios para promover o desenvolvimento da causa evangélica no Brasil .

Embora os missionários norte-americanos tivessem recebido o apoio da maioria dos membros da Igreja Presbiteriana na Assembléia Geral de 1903, a crise interna serviu para questionar a validade do trabalho deles no Brasil. Algumas igrejas aderiram logo ao movimento separatista , que fundou a Igreja Presbiteriana Independente, sob a liderança de Eduardo Pereira.

O clima de tensão criado entre missionários e o grupo nacional parece que precipitou a colocação de um pastor brasileiro em Florianópolis em 1905. Embora Florianópolis fosse uma das poucas cidades do sul do Brasil, não atingidas pelo movimento separatista, nota-

⁴LESSA, Vicente Themudo. op.cit. p.662 analisa o problema da separação como um todo .

va-se uma preocupação da Missão Estrangeira em definir logo o futuro do trabalho missionário e o modo de cooperar no Brasil. Embora a tentativa da colocação do obreiro nacional fosse uma precipitação devido a insuficiência de recursos financeiros da comunidade local, serviu como teste e desafio para que a Igreja Presbiteriana de Florianópolis desse o importante passo no atingimento da sua autonomia financeira.

Em 1915 a South Brazil Mission, que mantinha os missionários em Santa Catarina, apresentou à Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil um plano de retirada dos missionários, conforme a política sugerida pelo próprio Board de Nova York. À medida que fossem entrando pastores nacionais para o Presbitério iriam saindo os missionários. Eis o texto do documento:

"Logo que haja número suficiente de ministros brasileiros para garantir o "quorum" do Presbitério, todos os missionários se retirem, pedindo cartas demissórias aos Presbitérios na América do Norte. 5

Deduz-se do plano exposto que a tarefa dos missionários consistia em equipar a igreja local com uma força humana capaz de expandir-se, multiplicar as suas congregações e atingir a estabilidade financeira,

⁵ FERREIRA, Júlio Andrade. op.cit. Vol.II p. 157

com uma liderança própria. Os missionários deveriam preparar as igrejas para que os pastores nacionais pudessem ser mantidos por elas.

A Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil reunida em Valença(RJ) decidiu pelo princípio da divisão de trabalhos entre Presbitérios brasileiros e Missões americanas, através de um acordo. A divisão do trabalho se faria preliminarmente por uma separação entre campos missionários economicamente ainda não auto-suficientes e que assim ficariam a cargo das organizações americanas e seus agentes, e de outro lado comunidades capazes de por si mesmas proverem as necessidades de seu desenvolvimento e dependentes da Igreja Presbiteriana do Brasil. Sempre que uma comunidade criada pelos missionários se tornasse suficientemente forte para garantir por si mesma a sua subsistência, passaria para a dependência de um Presbitério.

O acordo entre missionários e pastores nacionais ainda determinava que nenhum dos obreiros da Igreja Presbiteriana do Brasil ou das Missões poderia pertencer, ao mesmo tempo, a estes dois trabalhos. Nenhum missionário poderia servir como pastor de uma igreja do Presbitério e também atender um trabalho missionário. Em casos especiais poderia haver um acordo mútuo por um prazo definido⁶.

⁶LÉONARD, Émile. op.cit. p. 162

Em Florianópolis tivemos duas situações diferentes quanto à presença de pastores nacionais que vieram substituir os missionários. Em 1905 o primeiro pastor brasileiro assumiu a direção da Igreja da Capital e trabalhou cooperando com o missionário, que permaneceu no trabalho voltado mais para a edição do jornal e a direção da escola. A presença do reverendo André A. Lino da Costa como pastor residente trouxe dificuldades financeiras para a igreja local no tocante à manutenção do obreiro, mas não houve nenhum problema de relacionamento entre missionário e pastor brasileiro.

A primeira experiência de trabalho com um pastor nacional demonstrou que a Igreja Presbiteriana em Florianópolis ainda não estava preparada para assumir o compromisso financeiro para a manutenção de um obreiro. Portanto, a entrega abrupta do trabalho missionário para o Presbitério do Sul criaria, por certo, uma crise administrativa e, conseqüentemente, espiritual por falta de liderança.

A outra experiência aconteceu com o segundo obreiro nacional que assumiu o pastorado da Igreja em 1914, o reverendo Tancredo da Costa. Nove anos após a primeira experiência a Igreja recebeu outro pastor nacional que, por coincidência, era filho do reverendo André Lino da Costa. Agora a situação era outra e Tancredo da Costa não precisou enfrentar as dificuldades financeiras

encontradas por seu pai. A Igreja agora estava mais consolidada, com o seu templo construído e um bom número de membros para garantir a manutenção do pastor.

As igrejas presbiterianas lutavam para conseguir independência financeira e por isso muitas delas adotaram a prática do dízimo (entrega por parte do membro de 10% dos seus rendimentos à Igreja local)⁷. A Igreja Presbiteriana de Florianópolis também foi beneficiada por esta medida e conseguiu angariar recursos para fazer face às despesas com a manutenção de um obreiro nacional.

A saída dos missionários de Florianópolis não significou nenhuma crise interna ou problema de relacionamento com o Presbitério do Sul, segundo o ponto de vista de Salley, o último missionário que trabalhou na Capital catarinense. Ele explicou o motivo de sua retirada :

“Entreguei o trabalho ao reverendo Tancredo da Costa em conformidade com as instruções que recebi do Presbitério. Entreguei-o com alegria porque me dava mais tempo para desenvolver o trabalho em outros lugares muito necessitados: 8”

⁷ LÉONARD, Émile. op.cit. p.161

⁸ SALLEY, Ashman. Relatório pastoral, 1914

A saída do missionário Salley foi apenas o cumprimento da política adotada pelo Board de Nova York que se propôs afastar os obreiros daquelas regiões onde surgisse uma liderança local com estabilidade financeira. Esta intenção ficou bem clara no ofício que o Board enviou à Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil em 1915, conforme referencia anterior.

O trabalho presbiteriano catarinense ainda continuou a contar com a colaboração dos missionários por longo tempo. Em Lages, Bickerstaph cooperou com o trabalho local e o plano de expansão para o oeste catarinense desde 1917 até 1928. Outros missionários também colaboraram até 1969⁹.

A Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil, reunida em Valença(RJ) em 1917, definiu a situação dos missionários que ainda cooperavam no Brasil, aprovando um documento com o seguinte teor :

A divisão do trabalho se fará preliminarmente por uma separação entre campos missionários economicamente ainda não auto-suficientes e que ficam a cargo das organizações americanas e seus agentes; de

⁹ Entre os missionários que cooperaram em Santa Catarina temos: Adam Martin, Lathan E. Wright, Harry Midkiff, Hersehey Julien, Donald Reasoner, Chalmers Browne, Olson Pemberton Junior, Robert Evans, Floyd B. Sovereign, Richard Smith, Robert E. Dodson, que foi o último a retirar-se em 1969. A atuação dos missionários se concentrou mais na região do planalto e oeste do Estado. Salvo raras exceções, cooperaram no litoral onde o trabalho já estava mais estruturado.

outro lado, comunidades capazes de por si mesmas proverem as necessidades de seu desenvolvimento e dependentes da Igreja Presbiteriana do Brasil. Sempre que uma comunidade criada pelos missionários se tornar suficientemente forte para garantir por si mesma a sua subsistência passará para a dependência do Presbiterio.¹⁰

Este documento esclarece com mais detalhes as razões porque os missionários saíram de Florianópolis e ainda continuaram cooperando na região catarinense.

QUADRO ESTATÍSTICO Nº 4

IGREJA PRESBITERIANA DE FLORIANÓPOLIS RECEPÇÃO ANUAL DE MEMBROS (1908-1914)

	CRIANÇAS	ADULTOS
1908	1	9
1909	6	9
1910	10	2
1911	5	2
1912	3	7
1913	14	9
1914	11	27
Totais	50	65

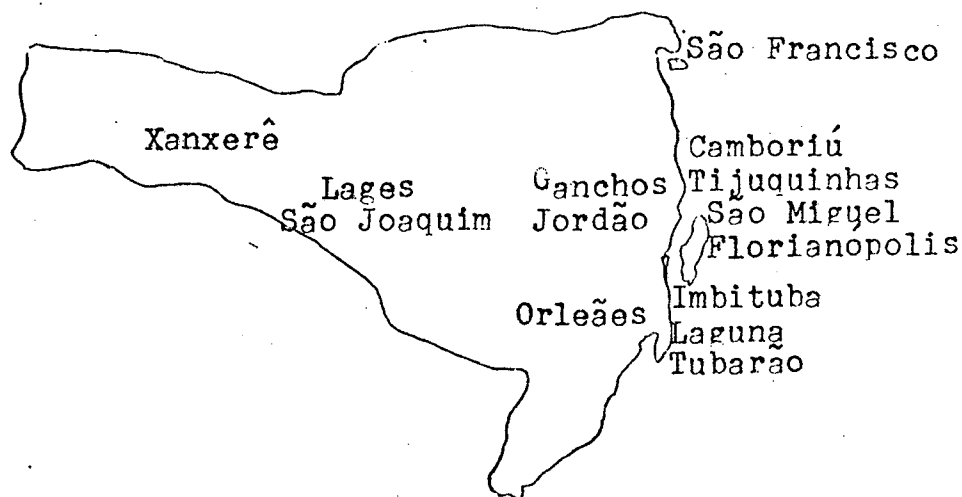
Comparando o quadro acima com o período de 1900-1907 verifica-se uma diminuição marcante. A Igreja recebeu 154 crianças e 224 adultos no período de

¹⁰ LÉONARD, Émile. op.cit. p.162

1900-1907, comparados com 50 crianças e 65 adultos no período de 1908-1914. A baixa repentina de recepção deve-se atribuir à constante descentralização do trabalho com organização de novas igrejas como aconteceu com Jordão e Camboriú. No início todo o trabalho presbiteriano do litoral, com excessão de São Francisco do Sul, estava ligado à Igreja Presbiteriana de Florianópolis. Com o desmembramento de comunidades do interior o número de registros diminuiu porque os novos comungantes passaram a ser arrolados nas novas igrejas organizadas.

MAPA Nº 2

IGREJA PRESBITERIANA E LOCAIS DE
EXPANSÃO EM SANTA CATARINA(1908-1914)



Segundos os relatórios pastorais que registram os lugares visitados, existiam ainda outros lu-

garejos que recebiam assistência espiritual. Nesse período foi organizada a Igreja Presbiteriana de Camboriú, e mantidos os pontos de pregação já existentes.

5.2 PASTORES NACIONAIS

A transferência da liderança dos trabalhos para os pastores nacionais sempre foi o objetivo último das Missões Estrangeiras. O desejo de emancipação que eclodiu no seio das igrejas presbiterianas não significou desprezo ao esforço missionário, mas uma consequência natural do surgimento de uma liderança local mais atuante e também o crescente número de pastores nacionais. O educador e pastor presbiteriano Erasmo Braga fez a sua crítica histórica quanto à presença do trabalho missionário no Brasil, ao afirmar :

No que respeita à relação entre o trabalho missionário e as comunidades nacionais estas tem caráter permanente, consubstanciam-se com a vida da nação. O trabalho missionário visa ao início da propaganda e seu amparo até que se tenha nacionalizado o movimento, e então, terão cessado a razão de ser e a necessidade das Missões oriundas de outras terras. Materialmente falando a ambição máxima do missionário evangélico e a criação, no mais breve tempo possível, de uma comunidade evangélica nacional, autônoma, apta para se manter expansiva, aparelhada para levedar toda a vida nacional e para irradiar para

horizontes mais vastos.¹¹

A transferência da liderança pastoral para obreiros nacionais se concretizou em Florianópolis de maneira permanente a partir de 1914. Agora a Igreja tinha uma nova responsabilidade com implicações financeiras e de liderança. Além da manutenção do seu próprio pastor, a Igreja devia continuar a expansão local e dar assistência aos trabalhos já existentes nas localidades próximas. Realmente era um desafio porque a Igreja além de ficar somente com um pastor (até o período de 1914 sempre contou com dois), ainda precisaria atender os trabalhos das congregações presbiterianas já existentes.

A presença do reverendo Tancredo da Costa foi marcada por um período curto porque em princípio de 1917 ele foi transferido para outra igreja, no Estado do Rio de Janeiro. No período de permanência em Florianópolis, destacamos como suas realizações: organização da Sociedade Auxiliadora de Moços e a publicação do jornal "A Reforma".

5.2.1 SOCIEDADE DE MOÇOS

A Sociedade Auxiliadora de Moços foi organizada em quatro de julho de 1915 sob a liderança e incentivo do professor Gustavo Dias Assunção. Todavia o

¹¹BRAGA, Erasmo. Pan-americanismo. citação de Domingos Ribeiro. op.cit. p.87

professor Assunção logo a seguir transferiu residência para São Paulo e a liderança do trabalho jovem ficou sob a responsabilidade do presbítero Romão Martins Barbosa , desde 1916 até 1923. A primeira diretoria eleita ficou assim constituída:

Presidente: Frederico Navarro Lins
 Vice-Pres. Alice Barbosa
 1a.Secret. Nila Pickering Batista
 2a.Secret. Antônio Fleury Barbosa
 Tesoureiro: Francisco Anderson
 Oradora : Maura de Senna Pereira.

A Sociedade dinamizou a juventude da Igreja através da distribuição de tarefas para várias comissões de expediente, tais como: sociabilidade, culto, visitas, vigilância, além daquelas que cuidavam dos assuntos da Igreja, do Seminário Presbiteriano e da imprensa. Os ideais da Sociedade foram inspirados no movimento Esforço Cristão¹².

O objetivo do grupo jovem era tornar a Igreja uma força viva para manter a sua espiritualidade e transformar em realidade o espírito missionário que de -

¹²O movimento Esforço Cristão teve origem com o jovem pastor Francis Clark , da Igreja de Willistown, Estados Unidos, que organizou a primeira sociedade de Esforço Cristão em 2 de fevereiro de 1881. O movimento alastrou-se pelo mundo e chegou ao Brasil no início de nosso século. O dr. Eliezer Santos Saraiva foi o propagador e Secretario Geral do movimento no Brasil.

via caracterizá-la . Unir os membros jovens para serem uma força contra as reações contrárias à divulgação dos princípios presbiterianos, consistia outro alvo da Sociedade.

Em julho de 1904 quando o dr. Eliezer Santos Saraiva visitou Florianópolis na qualidade de secretário da Junta Nacional de Esforço Cristão, fez um apelo à juventude catarinense presbiteriana:

Mocidade evangélica arregimentai-vos no seio das vossas igrejas sob a bandeira auri-verde do Esforço Cristão do Brasil, constituindo uma só milícia, conhecida por um só nome - o de Esforçadores Cristãos , para que os inimigos não se possam jactar-se de que sois divididos; opõe uma resistência a todos os poderes das trevas que se coligam para a ruína da Pátria. 13

O movimento da juventude nas igrejas evangélicas sempre visava conduzir o ideal jovem para o lado construtivo , patriótico e, acima de tudo, bíblico. As sociedades de moços presbiterianos sempre congregavam um grande número, motivado pela amizade, programas diferentes e debates acalorados sobre assuntos da época .

A Sociedade de Moços procurou cumprir a sua finalidade perdurando até 1923. A partir de 1923 surgiu

¹³SARAIVA, Eliezer Santos. Esforço Cristão. A Vida, Florianópolis, ago. 1904, p.2

um novo grupo denominado "Atalaia" que exerceu grande influência na vida dos jovens.

5.2.2 JORNAL PRESBITERIANO "A REFORMA"

Outra realização importante da Igreja Presbiteriana foi fazer ressurgir um órgão de imprensa para divulgar as doutrinas presbiterianas e manter os membros da comunidade informados a respeito dos movimentos nacional e mundial do trabalho presbiteriano.

A publicação do primeiro exemplar do novo jornal "A Reforma", ocorreu em 2 de outubro de 1916 estampando na primeira página os artigos do pastor da Igreja Presbiteriana local, reverendo Tancredo da Costa, e do jornalista Laércio Caldeira de Andrada, residente em São Paulo, porém muito ligado a Florianópolis por laços familiares. Como editorial justificando o nome do jornal, encontramos estas palavras :

O nome do jornal que fazemos circular é a síntese do programa que desejamos com o auxílio de Deus, seguir. "A Reforma" esta inteiramente ligada ao grande movimento reformador que, em todos os seculos tem se revelado no seio das igrejas cristãs. Procurara o jornal a disseminação mais intensa e extensa dos princípios evangelicos. Os grandes problemas sociais serão considerados sob o ponto de vista moral do Evangelho. "A Reforma" como um órgão cristão promoverá os interesses vitais do indivíduo, da família, da

Pátria e do Reino de Deus.¹⁴

Os redatores ainda justificaram o aparecimento do jornal como sendo um ressurgimento da imprensa evangélica em Florianópolis:

'Certamente o aparecimento de "A Reforma" não é outra coisa senão o ressurgimento da imprensa evangélica nesta cidade. Os reverendos Lenington e Kolb fundaram "A Vida", primeiro jornal evangélico que em Florianópolis até então tinha existido. "A Vida" cumpriu o seu dever e desapareceu e agora surge "A Reforma" sobre quem pesam as mesmas responsabilidades.¹⁵

O jornal "A Reforma" circulava quinzenalmente com a publicação de artigos dos pastores presbiterianos de Santa Catarina, especialmente de Tancredo da Costa e Júlio Camargo Nogueira. Muitos artigos sobre doutrinas e a história da Reforma Religiosa do século XVI ocupavam as páginas do jornal.

O objetivo de "A Reforma" era semelhante ao anterior, "A Vida", pois tinha o propósito de levar ao público florianopolitano a mensagem bíblica enfatizada pela Igreja Presbiteriana. Também trazia em suas páginas um tom polêmico e anti-clerical como um instrumento de defesa e ao mesmo tempo de contestação aos outros jor -

¹⁴COSTA, Tancredo da. Editorial. A Reforma, Florianópolis, out. 1916 p.1

¹⁵Ibid. p.1

nais sectários da época.

O jornal presbiteriano não fez nenhuma referência crítica à Igreja Luterana porque as relações eclesiásticas foram sempre amistosas e de respeito mútuo visto que as ênfases doutrinárias eram semelhantes. O fato da Igreja Luterana manter a tradição dos cultos em língua alemã impedia maior aproximação com os presbiterianos.

Em dezembro de 1916 o jornal "A Reforma" tomou o formato de revista¹⁶. Não encontramos nenhuma referência sobre as razões do seu desaparecimento tão rápido. Foi um jornal de curta duração, apenas alguns meses. A saída do pastor da Igreja Presbiteriana e a impossibilidade de se conseguir um substituto também impediu a continuidade do jornal. Desde o início de 1917 até meados de 1918 a Igreja ficou sem pastor residente e todos os trabalhos foram dirigidos pela liderança leiga. Absorvidos pelas responsabilidades de direção dos trabalhos da Igreja, os líderes acharam por bem suspender a publicação do jornal.

O ano de 1917 foi difícil para os protestantes em Florianópolis, tanto luteranos como presbiterianos. A Igreja Luterana sofria os reflexos da Primeira Guerra Mundial e a vida religiosa da comunidade foi abalada devido ao clima de tensão e ameaças por parte de popula-

¹⁶A Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina só tem cinco exemplares do jornal "A Reforma" publicados de outubro a dezembro de 1916. Em formato de revista só existe um exemplar.

res. Quando o Brasil declarou guerra à Alemanha houve forte reação dos brasileiros contra a Igreja Luterana local. De outubro de 1917 até março de 1918 houve hostilidade e ameaça com depredação das janelas do templo e também da casa pastoral. Os cultos foram suspensos temporariamente em virtude da hostilidade e não por proibição do Governo Brasileiro. Em março de 1918 a Igreja voltou a realizar os cultos com a pregação em língua portuguesa, embora a liturgia continuasse em língua alemã. Para aqueles que não podiam entender a língua portuguesa era permitido trazer o sermão dominical para a língua alemã¹⁷.

A Igreja Presbiteriana de Florianópolis a partir de 1917 experimentou um período crítico com a saída do reverendo Tancredo da Costa. Ela ficou 18 meses sem a liderança contínua de um pastor residente. Era a primeira vez que tal fato ocorria desde a organização do trabalho em 1898. Foram longos os meses para os oficiais da Igreja que nunca tinham ficado sozinhos na liderança. A Igreja, nesse período, recebeu raras visitas pastorais, o que ocasionou a diminuição de reuniões de caráter administrativo e atos pastorais. Por exemplo, durante o ano de 1917 só houve uma reunião do Conselho da Igreja, por ocasião da visita do reverendo Júlio Camargo Nogueira¹⁸.

¹⁷ Evangelische Kirche Florianópolis, 1913-1918, p. 16.

¹⁸ As reuniões do Conselho da Igreja precisam ser presididas por um pastor presbiteriano para que as decisões tenham validade eclesiástica. O reverendo Júlio Camargo Nogueira foi designado pelo Presbitério do Sul para dar assistência pastoral a Igreja Presbiteriana de Florianópolis.

A atuação dos presbíteros foi sempre vital na continuidade dos trabalhos da Igreja, mormente quando não havia pastor residente. Em Florianópolis o líder dos presbíteros, nesse período, foi Romão Martins Barbosa como o mais velho e o primeiro oficial desde a fundação da Igreja. Ele assumiu a responsabilidade, apoiado pelos outros oficiais, e desempenhou o trabalho à contento. Isto testemunha o registro feito mais tarde com referência à sua liderança:

Com a retirada do reverendo Tancredo da Costa, a atuação do consagrado presbítero Romão Martins Barbosa excedeu a toda expectativa. Durante 19 longos meses esteve a Igreja privada de seu pastor residente, regando sobre o prezado irmão o pese de quase todo o trabalho. Nesse período tão longo não deixou a Igreja de realizar um só culto, de comemorar uma só data, enfim de cumprir o seu dever. 19

Em agosto de 1918 a Igreja recebia novamente a liderança de um pastor residente através do reverendo Júlio Camargo Nogueira. Ele foi recebido pelo Presbitério do Sul em 31 de janeiro de 1915 e logo assumiu o pastorado da Igreja Presbiteriana de Camboriú. Em 1918 veio para Florianópolis onde permaneceu até 1923. Em seu pastorado a Igreja recebeu como membros, vindos transferidos da Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo, o pro-

¹⁹ ROSA, João Teixeira. Romão Barbosa. A Reforma, Florianópolis, nov. 1929 p.1

fessor Laércio Caldeira de Andrada e sua esposa Josephina Paixão Caldeira de Andrada. D. Josephina já tinha sido professora da Escola Evangélica em Florianópolis em 1908, por indicação do Mackenzie College. Era um casal dinâmico com grande experiência, o que veio enriquecer a liderança da Igreja e também influenciar os seus destinos até 1929. Em fevereiro de 1919 o professor Laércio foi eleito presbítero e tornou-se um líder destacado no campo educacional do Estado e na educação religiosa da Igreja Presbiteriana.

5.2.3 CONVENÇÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS

Na área de educação religiosa o acontecimento digno de destaque foi a realização, em Florianópolis, da Primeira Convenção de Escolas Dominicais de Santa Catarina,²⁰ nos dias 7 a 10 de setembro de 1922, em comemoração do centenário da Independência do Brasil.

A Igreja Presbiteriana sempre enfatizou a necessidade da educação cristã na vida integral da pessoa humana. A Igreja admite que desde a tenra idade a criança precisa aprender a andar com Deus até a vida mais idosa, para compartilhar as experiências acumuladas, pois tudo significa um patrimônio espiritual, que deve ser usufruí-

²⁰ Após 50 anos realizou-se a Segunda Convenção no ano de 1972, em Florianópolis. Ainda compareceram alguns participantes da Primeira Convenção, como convidados especiais: Oravia Serrão Money, Carmen Barbosa, Nila Pickering Batista.

do com carinho. A Escola Dominical é um instrumento útil para o atingimento desse alvo porque proporciona a todas as idades, um ambiente adequado para o estudo bíblico. A origem das igrejas evangélicas sempre traz em seu bojo uma escola dominical.

A idéia da Convenção em Santa Catarina, surgiu do Superintendente da Escola Dominical de Florianópolis, o presbítero Gervásio Pereira da Luz, que logo recebeu o apoio de todos os líderes da Igreja. A realização de congressos e convenções de escolas dominicais ultrapassavam as fronteiras brasileiras. Diversas igrejas promoviam tais encontros no sentido de incentivar o ensino religioso aplicado àquelas pessoas, principalmente crianças, que não obtinham muito aproveitamento dos cultos públicos.

Em Santa Catarina a realização da Convenção acontecia pela primeira vez. O motivo cívico que inspirou o conagraçamento dos professores de ensino religioso foi a comemoração do centenário da Independência do Brasil. O motivo religioso foi a busca de métodos mais práticos e eficientes para transmitir as mensagens bíblicas.

A participação das igrejas presbiterianas catarinenses foi representativa e contou com vinte e dois delegados de seis escolas dominicais: São Francisco do Sul, Tijuquinhas, Tijucas, Caiéiras, Jordão e Florinó

polis. Os temas abordados foram sugestivos e importantes dentro do objetivo de oferecer metodologia e conteúdo para as aulas bíblicas. Eis os temas e os palestrantes:

- Objetivos da Escola Dominical
rev. Júlio Camargo Nogueira
- Departamento Primário
Profa. Josephina Caldeira de Andrada
- A Classe Organizada
Rogério Vieira
- A Organização da Escola Dominical
Célio Vieira
- A Influência da Escola Dominical sobre a Igreja.
Cid Vieira
- O Departamento do Lar
Nila Pickering Batista
- O que é minha Escola
Orávia Serrão
- O Ensino nas Classes Primárias
Profa. Josephina Caldeira de Andrada
- A Literatura da Escola Dominical
Prof. Laércio Caldeira de Andrada
- A Influência da Escola Dominical sobre o indivíduo.
Maura Senna Pereira
- A Influência da Escola Dominical sobre a família
Nair Vieira
- O que é a minha Escola
Gervásio Pereira Luz.

A Convenção foi presidida pelo sr. Gervásio Pereira da Luz e secretariada pelo professor Laércio Caldeira de Andrada. Coube a presidência de honra ao pastor da Igreja Presbiteriana local, reverendo Júlio Camargo Nogueira.

O tema de cada conferência²¹, identifica os objetivos centrais da Convenção, quais sejam: demonstrar aos professores a oportunidade de atingir o indivíduo e a sua família através da ministração dos ensinamentos bíblicos; demonstrar a importância de uma Escola Dominical bem organizada para o desenvolvimento do trabalho local; chamar a atenção para o lugar de cada departamento de ensino religioso na Igreja, desde a infância até o idoso, para que toda a família seja envolvida no trabalho; demonstrar o lugar da Escola Dominical como parte integrante da Igreja com a finalidade de atingir o mesmo objetivo, isto é, fortalecer os membros na fé bíblica presbiteriana e procurar atrair novos adeptos. O entrosamento entre a Escola Dominical e a Igreja se tornou explícito no alvo proposto: " toda a Escola Dominical na Igreja e toda a Igreja na Escola Dominical."

Os reflexos da Convenção na Igreja Presbiteriana de Florianópolis foram imediatos e salutares. As

²¹ Todas as conferências foram publicadas no livro "Primeira Convenção das Escolas Dominicais de Santa Catarina", Florianópolis, Tipografia Escola de Aprendizes Artífices, 1922.

classes da Escola Dominical tomaram outro impulso e dinamizaram a Igreja. A Classe "Mensageiras", que agrupava moças, e a Classe "Atalaias", que reunia os moços, foram as forças vivas na expansão do trabalho presbiteriano em Florianópolis. Os futuros líderes da Igreja surgiram nessa época. Havia debates sobre assuntos científicos, cívicos, políticos e doutrinários, concursos sobre conhecimento de conteúdo bíblico, campanhas para trazer visitantes para a Igreja, além de outros movimentos. Segundo o testemunho de pessoas entrevistadas²², que lideraram o trabalho nessa época e outras que tiveram boa participação, os dias de reunião na Igreja eram aguardados com expectativa e surpresa, tal era o entusiasmo reinante entre eles.

O presbítero Gervásio Pereira da Luz, Superintendente da Escola Dominical e o presbítero Laércio Caldeira de Andrada, professor da Classe "Atalaias", foram grandes incentivadores da dinamização da Escola Dominical em Florianópolis. Os dois líderes colaboraram intensamente como professores, sempre incentivados pelo pastor, que considerava um alto privilégio a participação na Escola Dominical. Eis as suas palavras textuais:

Evidencia-se o alto privilégio da posição do professor da Escola Do

²² Entrevistamos as seguintes pessoas: João Teixeira da Rosa Junior, João Jose Mendonça, Gillette Caldeira de Andrada, Nila Pickering Batista, Carmen Barbosa, Arony Natividade da Costa, Manoel Felix Cardoso. Obtivemos informações verbais de: Dalmiro Caldeira de Andrada, João Acelino Senna, Gustavo Zimmer e Luiza Maria Silva.

minical em face das possibilidades e do incalculável alcance dos seus ensinamentos e da sua influência pessoal na formação mental e no plasmar dos caracteres dos seus discípulos, pois grande parte do que tenho sido na vida devo-o a influência do que nela aprendi. 23

Em nossa caminhada histórica chegamos em fins de 1923 quando Júlio Camargo Nogueira deixou Florianópolis a procura de terras mais propícias para a sua saúde. Ele havia contraído malária em 1914 quando visitou Camboriú pela primeira vez. A crise se repetiu cinco vezes depois. Os problemas de saúde foram fortes motivos para que ele deixasse Santa Catarina com destino a Minas Gerais 24.

No período de 1924 a 1928 assumiram o pastorado da Igreja Presbiteriana de Florianópolis os reverendos Palmiro Ruggeri e Nelson Omegna.

Nelson Omegna permaneceu apenas um ano em Florianópolis. Veio no início de 1925 como licenciado em teologia e foi ordenado e consagrado pastor em julho do mesmo ano. Apesar de privilegiada cultura e mente brilhante, não permaneceu no pastorado. Durante a sua atuação na Capital, dinamizou muito a Escola Dominical, que já vinha recebendo os efeitos da Primeira Convenção realizada em 1922. Omegna incentivou a frequência dos mem-

²³ NOGUEIRA, Júlio. Meu Testamento Ministerial. Rio de Janeiro, Ed. 1938 p.28

²⁴ Ibid. p.16

bro da Igreja à Escola Dominical. Ele colocou alvos animadores no sentido de tornar cada membro um aluno da Escola e fazer com que toda a família participasse dos trabalhos. Os alvos foram superados e assim a matrícula de 166 em 1924 passou para 245 alunos em 1925. Com o afastamento de Omega, o reverendo Palmiro Ruggeri assumiu o pastorado da Igreja.

O pastor Ruggeri já havia colaborado com a Igreja em Florianópolis em 1924 por ocasião da saída do reverendo Nogueira. Agora Ruggeri voltou para assumir a liderança e permaneceu até 1928. Ele encontrou em Florianópolis uma Igreja bem atuante com o grupo jovem se destacando nos planos de expansão do presbiterianismo. Dois acontecimentos marcaram a presença do reverendo Palmiro na Capital: organização da classe dos jovens, denominada "Atalaias" e a fundação do jornal "O Atalaia".

5.2.4 CLASSE ATALAIAS

O presbítero Laércio Caldeira de Andrada gozava de prestígio e respeito como jornalista e professor, dentro e fora da Igreja Presbiteriana. Ocupava os cargos de diretor do Ginásio Brasilício e também secretário da Associação Catarinense de Educação. Aproveitando o entusiasmo da juventude presbiteriana, sugeriu que fosse organizada uma classe de Escola Dominical, especialmente composta de jovens, para debater assuntos de natureza social

política ou econômica à luz da Bíblia. No dia 14 de julho de 1923 a idéia se concretizou e foi organizada a Classe Atalaia. O nome que identificava o grupo foi extraído da Bíblia. O atalaia era um mensageiro que levava a proclamação do rei e, aplicado no sentido espiritual, significava o proclamador das notícias vindas de Deus. No mesmo mês de julho, dia 31, a primeira diretoria tomou posse sob a presidência do jovem João Teixeira da Rosa Junior .

No primeiro relatório de atividades, entregue ao Conselho da Igreja, a Classe enumerou os objetivos eleitos pelo grupo:

O estudo da Bíblia, a salvação de almas, promoção de sociabilidade cristã, auxílio mútuo e cooperação na extensão do reino de Cristo por todo o mundo 25

No dia da posse da primeira diretoria o professor Laércio explicou a mensagem do hino oficial que o grupo escolheu como o grito de guerra, convocando os jovens à luta espiritual. As palavras significavam um desafio de fé e união do grupo para a conquista do bem e da juventude para os princípios cristãos. O hino traduzia os próprios ideais do grupo:

²⁵ ROSA JUNIOR, João Teixeira . Relatório . O Atalaia , Florianópolis, mar.1924 p.2

Eia avante, oh! mocidade !
 Por Jesus vamos lutar.
 A peleja é gloriosa
 Deus nos há de auxiliar.
 Eia avante, oh! atalaias
 De olhos postos em Jesus,
 Caminhemos destemidos,
 Avancemos para a luz.

Côro

Por Jesus com zelo santo
 Vinde, oh! jovens combater
 O pendão do Evangelho
 Defendei até morrer.

Eia avante, oh! mocidade !
 Nunca, nunca recuar.
 Só há um, um só caminho
 Eia oh! jovem, avançar.
 Eia avante, oh! atalaias
 Soem tal como um clarim
 As palavras de combate:
 Vinde todos, vinde a mim.

Eia avante, oh! mocidade
 Confiando no Senhor
 Onde há fé ninguém vacila
 Haja vida, luz, vigor.
 Eia avante, atalaias
 Sempre unidos a lutar
 Sempre unidos na esperança
 Sempre unidos a avançar.²⁶

²⁶ ANDRADA, Laércio Caldeira. Hino Oficial . O Atalaia ,
 mar. 1924 p.3

A letra do hino oficial revela o espírito cívico aliado ao religioso. Aliás, é comum nos hinos das igrejas evangélicas este teor combativo na luta do bem contra o mal. Deus é sempre apresentado como o Chefe ou Comandante diante de um exército espiritual que quer conquistar o terreno perdido e dominado pelos não cristãos, identificados como agentes do mal. Esta é a razão da ênfase do hino dos Atalaias. O espírito de luta somado a uma vida disciplinada e abstêmica transformou os jovens da Igreja Presbiteriana de Florianópolis em porta-vozes do idealismo cristão, expresso nos moldes presbiterianos.

5.2.5 JORNAL " O ATALAIA "

A Classe Atalaia, almejando divulgar as suas programações, pensou em editar um jornal que explicitasse seus ideais e anseios. Com o apoio do jornalista Laércio, os jovens se movimentaram e em março de 1924 saía a primeira edição do jornal " O Atalaia ", com publicação mensal. Os redatores, todos jovens, procuravam interpretar o pensamento do grupo e solicitavam artigos produzidos ou pesquisados, que divulgassem os princípios espirituais. No primeiro número publicado, a redação do jornal explicou os seus objetivos :

Levanta-se hoje no seio da mocidade da Igreja Presbiteriana de Florianópolis "O Atalaia", órgão da Classe Organizada que lhe deu o nome. Mais uma voz ergue-se apontando aos moços o caminho da

realização do mote atalaia: "Por Cristo e pela Pátria." 27

Agora a Classe e o jornal caminhavam juntos, não apenas porque tinham o mesmo nome, mas acima de tudo porque buscavam os mesmos ideais. Os jovens escudados pelo jornal encetaram várias campanhas. Vamos lembrar algumas.

No ano de 1925 a ênfase foi a conscientização da juventude e divulgação da proposta política de restringir-se a liberdade religiosa, segundo o projeto de Plínio Marques, na Câmara Federal. Vários jornais evangélicos do País levantaram a voz de alerta e também "O Atalaia" acompanhou a campanha de conscientização do povo, colocando manchetes em várias publicações com este lema: "Pela liberdade de consciência". O projeto de Plínio Marques visava introduzir o ensino religioso obrigatório nas escolas públicas, adotando-se as doutrinas e princípios católicos.

O jornal também divulgou e deu ampla cobertura em julho de 1927 ao programa da Classe Atalaia na promoção da "Semana da Mocidade". Compareceram ilustres conferencistas como Altino Flores, jornalista e secretário da Academia Catarinense de Letras, e o jornalista José de Diniz, dentre outros. A imprensa local ajudou a divulgar

²⁷BRÁGLIA, Adalberto. Editorial . O Atalaia, Florianópolis mar. 1924 p. 1

o programa, tecendo comentários favoráveis, como aconteceu com os jornais "O Estado" e "A República". Os jovens atalaias receberam das autoridades o apoio e congratulação. O Governador do Estado, Dr. Adolpho Konder, assim se expressou em ofício enviado:

"Congratulo-me meu prezado conterraneo pelo êxito "Semana da Mocidade" que acompanhei com mais vivo interesse e que veio afirmar os sãos e elevados objetivos da esforçada Associação de Moços Atalaias. Campanhas benéficas como que vem de terminar marcam sulcos apreciáveis para a renovação social e são sempre agradáveis aos governos, como preciosos colaboradores na obra do engrandecimento da pátria comum. 28

Também o Secretário do Interior, Dr. Cid Campos, enviou uma mensagem congratulatória:

"Desde o seu início acompanhei com interesse o programa que hoje termina da "Semana da Mocidade", organização de notável significação no momento que atravessamos para o levantamento das qualidades físicas e morais da juventude brasileira, obra que reputo de grande alcance patriótico. 29

Além das campanhas cívicas na defesa de valores morais e espirituais, como ocorreu na "Semana

²⁸ KONDER, Adolpho. Ofício do Governador. O Atalaia, Florianópolis, jul. 1927, p. 2

²⁹ CAMPOS, Cid. Telegrama. O Atalaia, Florianópolis, jul. 1927. p. 2

da Mocidade"; os atalaias promoviam as campanhas de temperança combatendo os prejuízos dos vícios e do álcool . Foram vários programas de "Semanas anti-alcoólicas" com palestras e debates para conscientizar os jovens a respeito da degradação do caráter, causada por tais vícios. O êxito dos jovens presbiterianos em suas campanhas no combate ao vício se evidenciou no apoio recebido pelas autoridades políticas do Estado e também pelos resultados obtidos com a adesão de muitos jovens no grupo atalaia .

O período de 1914 a 1928 , como afirmamos no início, foi uma experiência construtiva para a Igreja em Florianópolis porque marcou uma época de consolidação e o surgimento de uma liderança estável em sua história. O reverendo Palmiro Ruggeri que conviveu com a Igreja no período de 1924 a 1928 deixou registrado em seu relatório pastoral esta observação:

'Esta é a mais numerosa e mais prospera Igreja do Estado de Santa Catarina. Tem um excelente corpo de presbíteros e dedicados diaconos. Este feito explica o porque de sua prosperidade. 30

Em janeiro de 1928 o Presbitério do Sul resolveu transferir Palmiro Ruggeri para outro campo eclesiástico e designou o reverendo Anibal Nora para assumir

³⁰ RUGGERI, Palmiro .Relatório Pastoral. O Atalaia, Florianópolis, 1928.

o pastorado da Igreja Presbiteriana em Florianópolis. A presença do novo pastor determina o início de uma nova fase na vida da Igreja Presbiteriana de Florianópolis , objeto de nossas considerações no próximo capítulo.

6. CRISE INTERNA NA IGREJA

O período correspondente aos anos de 1928 a 1930 marcou profundamente a Igreja Presbiteriana de Florianópolis. Tudo o que parecia bom e sinais de progresso, veio eclodir numa crise interna irremediável, a ponto de separar um grupo representativo.

A presença do reverendo Anibal Nora foi a causa primeira de tudo. Os novos métodos de trabalho apresentados pelo pastor, bem como a sua visão de expansão da comunidade local, vieram sacudir e transformar o trabalho metódico e metuculoso dos antigos presbíteros.

A crise começou com o choque de mentalidade quanto à razão de ser da própria Igreja. O pastor era de opinião que o grupo presbiteriano deveria desapegar-se dos métodos tradicionais e sair das quatro paredes do templo para buscar adeptos, mesmo que tivesse de enfrentar a oposição do clero católico romano. Para os presbíteros, a Igreja Presbiteriana estava cumprindo a sua finalidade através de promoções e campanhas evangelísticas para atrair pessoas, evitando-se choques públicos com grupos religiosos contrários. O pastor Anibal Nora queria buscar as pessoas onde elas estavam, enquanto os presbíteros insistiam em atrair as pessoas para o templo presbiteriano.

Duas perspectivas diferentes que aguçaram as divergências entre os líderes ocasionando a separação do pastor e os que o apoiaram, e de outro lado os presbíteros, seus familiares e mais alguns amigos.

Vamos abordar os antecedentes da crise interna da Igreja, os principais motivos da divergência da liderança local e a organização do novo grupo que denominou-se Igreja Presbiteriana Independente.

6.1 ANTECEDENTES

A Igreja Presbiteriana de Florianópolis experimentou grande entusiasmo durante vários anos num crescendo de realizações. A liderança marcante de três homens definia o trabalho, não só porque eram presbíteros da Igreja, mas também porque exerciam importantes cargos na vida pública da Capital. A história da Igreja está intimamente ligada às vidas e personalidades de Rômão Barbosa, Gervásio Pereira Luz e Laércio Caldeira de Andrada. Rômão foi professor efetivo do Estado e contador dos Correios e Telégrafos; na sua vida política militou no partido liberal no tempo do Império e nos partidos federalista e democrático, na República. Gervásio foi sub-diretor do Tesouro do Estado e Laércio foi jornalista e professor. Este último fundou e dirigiu o Ginásio José Brasilício e foi secretário da Associação Catarinense de Educação.

Os pastores que conviveram com estes homens foram beneficiados com a dedicação e zelo que eles demonstraram em prol da consolidação do trabalho presbiteriano. Romão Barbosa participou da vida da Igreja desde os primórdios de sua organização em 1901 e também na mesma época fora eleito presbítero, tal era o prestígio que desfrutava junto à comunidade presbiteriana. Gervásio, membro fundador da Igreja também teve uma liderança destacada e foi eleito presbítero em 1913, para compor o Conselho ao lado de Romão Barbosa e Adolpho Salles. O professor Laércio ingressou na Igreja em 1918 e em 1919 fora eleito presbítero e passou a exercer forte liderança como homem de invejável cultura. Junto com os dois outros presbíteros, Laércio formou o trio tradicional da Igreja, com uma liderança muito dedicada, bastante personalista e até mesmo intransigente.

Até 1928 o trabalho presbiteriano em Flórida teve um ritmo normal de desenvolvimento, como comunidade religiosa. Houve momentos especiais, como já foram enfatizados, pois tanto o jornal "A Vida", substituído mais tarde pelo congênere "A Reforma", bem como a Escola Evangélica, contribuíram para a expansão e aceitação dos princípios presbiterianos. Toda a organização interna da Igreja funcionou com normalidade, destacando-se a cooperação mútua e harmônica entre presbíteros e pastor na composição do Conselho da Igreja. Todos os movi -

mentos encetados pela Igreja local foram bem aceitos , como aconteceu com a Convenção das Escolas Dominicais , a organização da Classe Atalaia, a publicação do jornal, bem como as campanhas promovidas pelos jovens sob a liderança do Conselho da Igreja. Este clima de prosperidade e colaboração perdurou até 1928, quando a Igreja recebeu um novo pastor e com ele surgiram os métodos que revolucionaram a vida da Igreja.

A partir de 1928 a comunidade presbiteriana de Florianópolis passou a viver uma nova experiência com a presença do reverendo Anibal Nora. A chegada do novo pastor trouxe ânimo e expectativa para toda a Igreja. Era um homem com boa vivência pastoral e ótima folha de serviço. A cidade de Presidente Soares (MG) era testemunha da transformação que Anibal Nora causou nos vinte anos de ministério pastoral naquela região. Quando iniciou o trabalho encontrou somente duas igrejas presbiterianas organizadas e ao sair deixou 15 igrejas na região, sendo 13 delas fundadas e organizadas por ele. Tudo isto significava a soma de mais de duas mil "profissões de fé" ministradas , o que equivale dizer que cem membros novos eram acrescentados por ano, como fruto do pastor Nora.

Quando ele chegou em Florianópolis para assumir o pastorado da Igreja Presbiteriana, foi logo de início desafiado por uma nova situação e um povo com mentalidade diferente. Um dos líderes jovens da Igreja co -

mentou a presença do pastor como um desafio e um privilégio:

'Desse feliz consórcio de um pastor abençoado e trabalho com uma Igreja trabalhadora há de nascer a notícia alvissareira de que a Igreja Presbiteriana de Florianópolis tem o seu campo distendido por toda a nossa encantadora Ilha. A Igreja não pode limitar o seu trabalho dentro do templo, mas tem o dever de cumprir a ordem de Cristo" ide e pregai.

Ainda comenta o articulista, lançando veemente desafio ao novo pastor:

A Ilha num brado altissonante clama pelo Evangelho; a superstição campeia; os vícios pululam; os maiores absurdos, a moral mais avessa vem sendo praticados; Urge combater o mal; A vos, prezado pastor; cabe esse dever; começai, pois. A Igreja vos acompanhara. ¹

O articulista divisava um novo período para a Igreja Presbiteriana, que não devia limitar-se às paredes do templo mas tinha o dever de sair a campo para cumprir a ordem de Cristo do "ide e pregai o evangelho". Esta era a primeira observação crítica feita ao trabalho presbiteriano em Florianópolis, durante esse período. Alguns membros queriam um trabalho mais agressivo para atingir a Ilha toda, no afã de conquistar novas pessoas

¹ ROSA JUNIOR, João Teixeira. Saudação ao novo pastor. O Atalaia, Florianópolis, abr.1928 p. 3

para os arraiais presbiterianos. No entender de alguns , a encantadora Ilha cheia de belezas naturais, estava perdida moral e religiosamente. Tinha-se a impressão que tudo estava perdido e que foram nulos todos os esforços de outros grupos religiosos, ligados ao Cristianismo, no sentido de libertar o povo da superstição e do vício. Este espírito sectarista foi que desencadeou o movimento proselitista, com prejuízos para a Igreja Presbiteriana na sua vida interna como também na sua expansão em outros lugares.

O desafio era grande para um obreiro da tempera de Anibal Nora, com ardor evangelístico intenso. Todavia ele estava diante de um sério dilema: dar continuidade aos trabalhos da Igreja e manter o ritmo estabelecido pela liderança anterior ou aceitar o desafio e sair das quatro paredes do templo para anunciar o Evangelho onde as pessoas se encontravam. Não era apenas uma questão de desafio mas, acima de tudo, uma estratégia de ação para a expansão do presbiterianismo. Para Anibal Nora, a Igreja precisava sair para propagar a fé cristã em qualquer lugar ou condição, sem recear os imprevistos ou barreiras. Ele aceitava literalmente a ordem de Jesus:

'Ide, fazei discipulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado; E eis que estou convosco todos os dias ate a consumação dos

séculos²

A vivência pastoral de duas décadas no trabalho desbravador e evangelístico fazia de Anibal um pastor dinâmico que não podia acomodar-se com os trabalhos tradicionais da uma igreja.

A ênfase do novo pastor era sair o mais depressa possível para conquistar novos lugares, sair para propagar os princípios presbiterianos com mais rapidez. Para ele a finalidade da Igreja Presbiteriana em Florianópolis não se limitava às reuniões aos domingos e alguns dias da semana. Para ele a Igreja era uma força viva que não podia limitar-se a programas e métodos pré-estabelecidos. A Igreja Cristã, de raiz apostólica, era aquela que sabia enfrentar as situações em nome de Deus e que não se intimidava com as ameaças de qualquer ordem. Todas estas idéias começaram a revolucionar o ambiente presbiteriano na Capital Catarinense.

Por outro lado a liderança da Igreja, na pessoa dos presbíteros, estava acostumada ao trabalho metódico e bem programado com a realização de conferências religiosas e estudos especiais. O templo era o lugar de convergência de todos os presbiterianos que se esforçavam para trazer personalidades ilustres da vida social e polí-

²JESUS CRISTO. Evangelho de Mateus capítulo 28, versos 18 a 20

tica da Capital para proferirem palestras. Os presbíteros primavam por atividades que projetassem o nome da Igreja Presbiteriana e a envolvesse em programas cívicos e de preservação dos valores morais. Entre as muitas atividades da época destacamos a participação da Igreja na "Semana anti-alcoólica" promovida pela Liga Brasileira de Higiene Mental e pelo Governo Estadual, realizada nos dias 15 a 21 de outubro de 1928. A Igreja tomou parte ativa nessa semana especial porque o presbítero Laércio era o secretário regional da Liga Brasileira, em Santa Catarina. Todas as escolas públicas e particulares participaram da programação e coube à Igreja Presbiteriana oferecer o seu templo para duas conferências. No programa oficial constava este item:

"Na Igreja Presbiteriana, 5ª. feira, dia 18 e domingo dia 21 as 19,30 hs. do púlpito serão feitas exortações de finalidade anti-alcoólica. As 17 horas do dia 21 a Sociedade Presbiteriana organizará uma grande reunião de guerra ao álcool considerando-se o tema: A atitude do moço cristão ante o problema do alcoolismo. 3

O pastor da Igreja Presbiteriana, reverendo Anibal Nora, embora apoiasse as programações desenvolvidas pelos jovens, sob a orientação dos presbíteros, resolveu imprimir um novo ritmo para promover um trabalho

³Convite. O Atalaia, Florianópolis, out. 1928, p. 3.

mais agressivo, expandindo o presbiterianismo pelos bairros da Capital e lugarejos do interior da Ilha de Santa Catarina. Assim, pois, os dois pontos de vista começavam a se antagonizar no seio da Igreja.

6.2 DIVERGÊNCIAS NA LIDERANÇA

O reverendo Anibal Nora exerceu liderança incostentável na região de Minas Gerais onde trabalhou durante 20 anos. Ele estabeleceu igrejas e expandiu o presbiterianismo impondo o seu estilo de vida e métodos de ação. As lideranças das igrejas novas reconheciam-no como o líder nato e pai espiritual, apoiando seus métodos de trabalhos, pelos quais tinham sido beneficiados espiritualmente. Por longos anos Anibal liderou a região com grande predomínio do presbiterianismo, o que tornava o seu trabalho um pouco mais ameno.

Em Florianópolis a situação era bem diferente da experiência em Minas Gerais. Aqui a Igreja, desde a sua organização, ficou envolvida com pessoas representativas da sociedade, pois o Conselho representava uma elite social e cultural. A liderança já tinha um posicionamento definido e, portanto, não iria aceitar facilmente novos planos e métodos de trabalho, sem antes discutí-los e ponderar sobre as possíveis consequências. Se em Minas Gerais, Anibal Nora contava com

uma liderança pacata e dócil a novos métodos, aqui em Florianópolis ele encontrou uma liderança antiga e resistente a inovações.

A divergência entre o Pastor e o Conselho foi, antes de tudo, consequência dos métodos de expansão sugeridos pelo reverendo Anibal Nora. Enquanto o Pastor incentivava o método do culto ao ar livre com a finalidade de atrair as pessoas em qualquer lugar para ouvirem a mensagem bíblica, o Conselho fazia sérias restrições temendo a má repercussão que poderia causar devido os imprevistos da reação popular.

Em alguns lugares o culto ao ar livre ocorria normalmente e atingia muitas pessoas, como aconteceu com a experiência na Lagoa da Conceição, conforme o relato de João Guedes:

Depois de perfazermos a pé a distância de dois quilômetros distribuimos folhetos em todas as casas que ficam a margem da estrada; detivemo-nos em frente a uma venda não muito longe de uma Capelina da Igreja Católica Romana. Começamos a cantar hinos e convidar pessoas que iam chegando para o culto, que pretendíamos realizar. O reverendo Anibal Nora usou da palavra fazendo uma solene explicação do Evangelho a mais de duzentas pessoas que ouviram atentamente. Após a pregação reuniu ele todas as crianças presentes e fez-lhes varias perguntas do catecismo, explican

do a todos os princípios cristãos⁴

Em outros lugares do interior da Ilha, bem como no bairro do Estreito houve manifestações contrárias a esse tipo de reunião . Em tais circunstâncias a Força Pública precisou intervir para garantir a ordem e a segurança do grupo presbiteriano. Assim comentava o jornal "O Atalaia", um episódio tumultuado no Estreito:

"Tendo de realizar-se no dia 25 do corrente nossa pregação ao ar livre em lugar conveniente, fomos a presença do Exmo.Sr.Dr. Chefe de Polícia e participamos a S.Excia. pedindo garantias porque sabíamos que era pretensão de um grupo impedir-nos, havendo o mesmo assalariado do pessoal que foi visto reunido e pronto para a façanha. O Dr. Chefe de Polícia ordenou ao Dr. Delegado Auxiliar que nos desse garantias, sob as condições de não impedirmos o trânsito e não injuriarmos ninguém na pregação."⁵

Comentando o fato depois, Anibal Nora relata que o Delegado Auxiliar compareceu no local , mas nada pôde fazer porque o tumulto irrompeu e prejudicou o trabalho programado:

Surgiu o grupo de "Filhas de Maria" no meio do qual se salientava a presença de duas i

⁴GUEDES, João. Evangelização. O Atalaia, Florianópolis , jan.1929 p. 3

⁵NORA, Anibal. Culto ao ar livre. O Atalaia, Florianópolis jul. 1928 p.1

lustres professoras. O referido grupo desobedeceu a ordem do Dr. Delegado, interrompendo o trânsito, e aproximando-se e mesmo internando-se entre nosso grupo gritando um hino e davam vivas ao papa, a Igreja Romana e a Virgem Maria.⁶

Por certo Anibal Nora tinha provocado o grupo católico romano do bairro do Estreito em ocasiões anteriores, pois desta vez a reação foi agressiva. Não era comum entre presbiterianos e católicos romanos a troca de elogios e cordialidades, mas sim críticas azedas e intermináveis. O grupo "Filhas de Maria", representando a Igreja Católica, ao darem vivas ao Papa, e à Virgem Maria, por certo queriam desfazer os pronunciamentos do pastor presbiteriano a respeito do assunto, levantando dúvidas quanto aos dogmas aceitos.

A polêmica pública que já tinha ocorrido no início do trabalho presbiteriano na Capital, novamente começava a manifestar-se. A polêmica religiosa sempre criava um clima irritante para o grupo ofendido. Os presbíteros não consideravam ser de bom alvitre provocar a reação popular contra o grupo presbiteriano que se encontrava a essas alturas bem postado e usufruindo de certos privilégios no conceito social e político da Capital. As campanhas que a Igreja promovia sempre tinham boa acolhida, pois o templo ficava cheio e, em algumas ocasiões a Igreja recebeu congratulações do próprio Governo, reconhe-

⁶NORA, Anibal. Culto ao ar livre. O Atalaia, Florianópolis, jul.1928 p.1

cendo a presença presbiteriana na Ilha. O pastor Anibal Nora estava utilizando um método de trabalho que não era comum na igreja local, embora fosse empregado em outros lugares por grupos presbiterianos.

O incidente no Estreito não intimidou o afoito pastor que prosseguiu utilizando os mesmos métodos de trabalho. Em muitos outros lugares foram usados o método de culto ao ar livre e de visitação nas residências, resultando provocações polêmicas. O grupo presbiteriano fazia a propaganda religiosa no pátio de uma casa, debaixo de uma árvore, à beira-mar, numa praça ou esquina de uma rua, pois o local era indiferente tendo em vista o objetivo do alcance das pessoas.

O grande ponto de discórdia entre o pastor e os presbíteros era de fato o culto ao ar livre, pois a incidência de atritos públicos estava se repetindo. O Conselho não apoiou as atitudes de Anibal Nora, embora este continuasse insistindo e realizando cultos em qualquer lugar. O articulista Gaio, pseudônimo do presbítero Gervásio Pereira Luz, interpretou o pensamento dos presbíteros, seus colegas, ao escrever para o jornal "A Reforma", logo após a separação do grupo discordante da política da ação pastoral. Ele apontou as razões da divergência e a impossibilidade de haver aproximação de pensamento entre os presbíteros e o pastor. Comentando sobre

o culto ao ar livre, disse ele:

"Há métodos de trabalho que, não raro, fracassam na propagação do Evangelho por falta daquele cuidado necessário a adaptação ao meio. O culto ao ar livre é aconselhável em vários lugares sob condições especiais, mas desordenadamente feito resulta sempre em fracasso. Há entre - tanto quem o justifique "a tempo e fora de tempo" com o exemplo de Cristo que pregou mais ao ar livre que nas sinagogas e no Templo." 7

Logo a seguir o articulista citado procurou justificar o seu posicionamento afirmando que para a realização de um culto ao ar livre é necessário escolher o lugar certo:

"Se se conhece forte reação contrária de elementos de outra religião, manda o bom senso que se repute o lugar, por enquanto, impróprio a pregação ao ar livre. Fazê-lo e despertar a animosidade, provocar a reação violenta, prejudicar o trabalho já feito. Repetir e ser interrompido, tornar a fazê-lo amparado em baionetas da Força Pública, podera ser método de evangelização que mereça aplausos, menos os nossos." 8

Ainda o articulista comentou que o pregador deve estar preparado para dirigir-se ao público e saber

⁷ LUZ, Gervásio Pereira. Evangelização. A Reforma, Florianópolis, mai. 1929 p.2

⁸ Ibid. p.2

transmitir uma mensagem adequada . Falar ao público é uma grande responsabilidade e requerer cautela e bom senso :

No culto ao ar livre o fator homem tem preciosíssima importância. Requer-se voz e até a aparência, além de boa dicção e correção de linguagem. Leitura tropeçante, troca de vocábulos corriqueiros como saudá, teor, rdina, etc. símiles literários aberrantes, deficiência de memória ou arrojado de erudição, embora o orador não se envergonhe do Evangelho dele se envergonha. 9

Estas críticas diretas e pessoais ao trabalho de Anibal Nora revelam o clima de tensão criado dentro do próprio Conselho da Igreja. O grande problema é que as duas partes permaneciam irredutíveis, apontando várias razões para assim procederem, cada qual entendendo estar certa e defendendo seus direitos. Por certo o reverendo Anibal Nora não estava acostumado a sofrer pressão desse tipo e nem receber críticas tão francas e públicas a respeito de seu trabalho pastoral. Abordando o outro lado da questão, os velhos e tradicionais presbíteros acostumados a liderar a Igreja por longos anos, já mais viram um pastor insistir tanto em defesa de seus métodos de trabalho que estavam criando polêmica e atrito tanto dentro como fora da Igreja Presbiteriana.

⁹LUZ, Gervásio Pereira . op.cit. p.2

A situação crística se definiu mais claramente quando , numa reunião do Conselho da Igreja, as divergências extravasaram e os presbíteros resolveram proibir o pastor de continuar e seu trabalho evangelístico de pregações ao ar livre. A histórica reunião do dia 17 de novembro de 1928 foi o estopim da divergência e da crise interna. Recordemos a decisão do Conselho:

O pastor não pode fazer pregação ao ar livre na Capital e no Es-treito, por ser inconveniente tal método de trabalho nesses centros e porque nesses lugares as pregações vem sendo feitas no templo e em casas particulares 10

Este posicionamento tão rígido dos presbíteros levou Anibal Nora a tentar vencer a barreira por outro meio, isto é, conduzir ao Conselho outros elementos com outra mentalidade e que apoiassem os métodos evangelísticos. Porém os presbíteros perceberam logo a intenção do pastor e negaram-lhe a solicitação de convocar uma assembleia geral da Igreja para a eleição de mais três novos presbíteros. A negativa dos presbíteros efetivos demonstrou claramente a divergência de opinião e também a intenção de limitar a atuação do pastor.

O argumento de Anibal Nora ao solicitar mais três presbíteros revelava a necessidade da Igreja em ter uma liderança mais atuante uma vez que Romão Barbosa se

¹⁰ LIVRO DE ATAS. Igreja Presbiteriana de Florianópolis .
Volume II, p.8

encontrava enfermo por algum tempo e Gervásio Luz viaja - va algumas vezes pelo interior do Estado, impedindo que o Conselho pudesse reunir-se quando necessário, por falta de "quorum". Porém o argumento não convenceu os presbíteros e todos se manifestaram contentes com a situação alegando que estavam desempenhando bem suas funções e não haveria necessidade de acrescentar o número de membros do Conselho.

O ano de 1928 teve um fim dramático e extremamente difícil para a Igreja Presbiteriana de Florianópolis, que estava na eminência de perder a liderança dos presbíteros ou do seu pastor. Diante de tamanha pressão o reverendo Anibal Nora manifestou a intenção de renunciar o pastorado, caso persistisse o impasse. Agora a esperança de se encontrar uma solução viável ficaria condicionada à próxima reunião do Presbitério do Sul, que aconteceria em janeiro de 1929, em Ponta Grossa(PR).

O Presbitério do Sul examinou todas as atas do Conselho da Igreja Presbiteriana de Florianópolis e, diante dos fatos registrados, anotou algumas observações posicionando-se favoravelmente às atitudes do reverendo Anibal Nora, quanto ao problema do culto ao ar livre. Eis o texto do parecer do Presbitério:

"Quanto ao parecer do Conselho a respeito de pregar ao ar livre, conforme a ata 233, o Presbitério julga que não era necessário o Pastor consultar o Conselho sobre isso, visto ser uma coisa tão patente. Não somente

o artigo 67 do Livro de Ordem nada tem contra um tal trabalho, mas o exemplo do Senhor Jesus que pregou mais ao ar livre do que dentro de edifícios." 11

Também o Presbitério se pronunciou quanto ao problema de acrescentar o número de presbíteros no Conselho, manifestando-se favoravelmente à posição do pastor Nora. Eis o parecer do Presbitério:

"Quanto à questão de mais presbíteros, conforme a ata 233, o Presbitério nota que a conveniência de haver mais é provada pelos fatos registrados nas atas 231 e 234 (ausência dos presbíteros às reuniões.) bem como a ausência de um presbítero representante da Igreja no Presbitério. 12

As resoluções do Presbitério do Sul, embora favoráveis ao pastor Anibal Nora, não concorreram para a solução das divergências. As incompatibilidades se avolumaram pois agora o pastor contava com o respaldo do Concílio superior.

Aconteceu o inevitável, a crise eclodiu. No primeiro dia de fevereiro de 1929 os dois presbíteros, Gervásio Pereira Luz e Laércio Caldeira de Andrada¹³, en

¹¹ LIVRO DE ATAS. Igreja Presbiteriana de Florianópolis. Volume II, p.12

¹² Ibid. p.13

¹³ O presbítero Romão Martins Barbosa se encontrava enfermo e ausente do Conselho nessa ocasião.

caminharam ao reverendo Anibal Nora uma carta expondo os motivos da discordância de pontos de vista e pedindo o afastamento das funções de presbítero. Este foi o teor da solicitação:

"Julgando-nos incompatibilizados de manter relações eclesiásticas com V.Reverendíssima e não sendo possível obter carta de demissão por não haver aqui outra igreja presbiteriana e não ter de se ausentar desta cidade; solicitamos o nosso desligamento da Igreja sob o vosso pastorado." 14

Esta carta foi considerada ofensiva e desrespeitosa, por isso o reverendo Anibal Nora resolveu depor os signatários de seus postos e eliminá-los da comunhão da Igreja, sumariamente¹⁵. Na mesma oportunidade o Pastor convocou uma Assembléia Geral da Igreja para a eleição de novos presbíteros. Foram eleitos na ocasião os senhores Joaquim Martins Batista, Pedro Gomes Caldeira e João Vieira Campos Júnior.

O Presbitério do Sul foi solicitado pelo próprio reverendo Anibal Nora para intervir como mediador da crise. Reuniu-se extraordinariamente em Florianópolis nos dias 19 a 25 de março. No sistema de governo

¹⁴LIVRO DE ATAS. Igreja Presbiteriana de Florianópolis. Volume II p.13

¹⁵Quando todo o Conselho da Igreja pede demissão ou é demitido, o Pastor assume temporariamente as funções plenas de Conselho e convoca uma Assembleia para a eleição de novos presbíteros.

presbiteriano os membros da Igreja podem recorrer aos concílios superiores quando se julgarem prejudicados ou injustiçados. A reconsideração de uma decisão deve partir da parte ofendida, através do menor concílio existente e, em escala ascendente pode chegar até ao Supremo Concílio que dará a decisão final. Após alguns dias de análise do delicado problema, ouvindo as duas partes divergentes, o Presbitério resolveu anular o ato de disciplina praticado pelo reverendo Anibal Nora e decidiu pela reintegração dos disciplinados no rol da Igreja .

Todavia a decisão do Presbitério não satisfez os reclamantes e a situação continuou tensa. Logo a seguir os dois presbíteros discordantes e mais seus familiares encaminharam uma solicitação ao Presbitério para que se organizasse a segunda Igreja Presbiteriana em Florianópolis. O pedido proposto foi negado porque indicava apenas uma divergência de liderança e não uma necessidade de expansão do trabalho. As razões ponderadas pelo Presbitério são bem claras :

É inoportuna a criação da segunda igreja porque nasceria a igreja de uma desavença e não de necessidades atuais de evangelismo local. 16

A recusa do Presbitério do Sul em atender o pedido de formação de um novo grupo presbiteriano e

¹⁶ LIVRO DE ATAS. Igreja Presbiteriana de Florianópolis.
Volume II p.26

também a intransigência do pastor local em conceder carta demissória, fizeram com que os reclamantes solicitassem em definitivo o afastamento da Igreja Presbiteriana de Florianópolis, para se filiarem à Igreja Presbiteriana Independente de Curitiba. No dia 4 de maio de 1929 o Conselho recebeu aquela que seria a última solicitação definindo a separação do grupo discordante. Eis a justificativa:

O pedido, além de ser forçado por motivos íntimos, justifica-se por obedecer a uma necessidade de seus sentimentos cristãos.¹⁷

O Conselho da Igreja Presbiteriana de Florianópolis resolveu conceder finalmente as cartas de demissões solicitadas, embora o pastor Anibal Nora fizesse questão de registrar o seu voto contrário por considerar tal atitude uma insubordinação às decisões do Presbitério e uma negação às promessas feitas a Deus e à Igreja por ocasião do ingresso como membros.¹⁸

O presbítero Romão Martins Barbosa não estava incluído neste grupo demissionário porque se achava gravemente enfermo desde o início das divergências e o Conselho não quis molestá-lo e nem solicitar uma tomada de posição quanto ao assunto. Somente em 26 de setem

¹⁷ LIVRO DE ATAS. op.cit. p.28

¹⁸ Ibid. p. 29

bro de 1929 o presbítero Romão solicitou a sua carta de-
missória, juntamente com a sua família, para unir-se ao
grupo presbiteriano independente.

QUADRO ESTATÍSTICO nº 5

IGREJA PRESBITERIANA DE FLORIANÓPOLIS

RECEPÇÃO ANUAL DE MEMBROS (1915-1930)¹⁹

	CRIANÇAS	ADULTOS
1915	10	9
1916	6	4
1917	1	-
1918	8	7
1919	9	6
1920	4	2
1921	8	8
1922	5	3
1923	22	23
1924	6	11
1925	11	11
1926	16	19
1927	13	11
1928	16	13
1929	20	30
1930	10	9
Totais	165	166

Comparando estes dados com aqueles apresen-
tados nos períodos de 1900-1907 e de 1908-1914, verifica-
se que a presença dos missionários promoveu maior cresci-
mento. Enquanto no período anterior a 1914 foram recebi -

¹⁹LIVRO DE ATAS. Igreja Presbiteriana de Florianópolis ,
Volumes I e II

182

dos 204 crianças e 289 adultos, no período de 1915 a 1930 somente foram recebidas 165 crianças e 166 adultos.

O crescimento mais rápido da Igreja no período da presença dos missionários justifica-se pela atuação contínua de dois obreiros em Florianópolis e uma intensificação no trabalho de evangelização proselitista. No período dos pastores brasileiros o trabalho foi atendido por um só pastor e houve época em que o obreiro tinha o compromisso de atender outras igreja próximas.

Verifica-se também um número inexpressivo de recepção no ano de 1917 quando a Igreja ficou sem pastor residente e realizou apenas uma reunião do Conselho durante o ano todo, por ocasião de uma única visita que recebeu do pastor Júlio Camargo Nogueira. A Igreja não sofreu solução de continuidade em suas atividades, porém, não revelou crescimento numérico.

A partir de 1923 o crescimento se avolumou através do trabalho com os jovens atalaias. Houve um despertamento do espírito missionário e a igreja foi beneficiada com o acréscimo de novos adeptos. Notas-se que em 1929 o crescimento foi significativo, justamente no período que o reverendo Anibal Nora revolucionou a Igreja em métodos de evangelização ou propagação doutrinária.

6.3 ORGANIZAÇÃO DA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DE FLORIANÓPOLIS.

O grupo dissidente logo a seguir se organizou para estruturar o seu trabalho. Como medidas preliminares o grupo providenciou local para as reuniões e o levantamento de recursos financeiros para manter o trabalho e ter assistência pastoral da Igreja Presbiteriana Independente de Curitiba, a quem ficou filiado.

Todos os bens móveis e imóveis ficaram com a Igreja Presbiteriana de Florianópolis, conforme os estatutos estabeleciam num caso de cisão. Os estatutos, aprovados em 1º de janeiro de 1926, determinavam em seus artigos 22 e 23 o seguinte :

"Art.22-A Igreja Presbiteriana de Florianópolis é uma província da Igreja Presbiteriana do Brasil a qual se liga por laços de solidariedade espiritual, não podendo jamais separar-se da Federação. Fica por intermédio dos seus concílios que são a Sessão da Igreja Presbiteriana de Florianópolis, o Presbitério do Sul, o Sínodo Meridional e a Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil, com direito de eliminar da Igreja Presbiteriana de Florianópolis todo e qualquer membro que se rebelar contra as decisões desses concílios, infringindo a disciplina(parte 2a. do Livro de Ordem da Igreja Presbiteriana do Brasil).

Único - No caso de divisão da Igreja , seus bens ficarão pertencendo a parte que ficar leal aos Con

cílios e Símbolos da Igreja Presbiteriana do Brasil e se ambas as partes se conservarem fieis a esses Concílios e Símbolos, os bens pertencerão a maioria. Dando-se alguma dúvida a este respeito, compete ao Presbitério decidir.

Art. 23 - Os membros que foram excluídos da comunhão da Igreja, segundo as regras de disciplina, e os que se desunirem dela voluntariamente, não terão direito a qualquer parte dos bens desta Igreja. 20

O novo grupo recebeu a primeira assistência pastoral através do reverendo Sátilas do Amaral Camargo, da Igreja Presbiteriana Independente de Curitiba. O referido pastor esteve em Florianópolis em princípios de maio de 1929 e organizou o grupo em Congregação Presbiteriana Independente, subordinada à Igreja de Curitiba. Contou como membros fundadores as seguintes pessoas:

Gervásio Pereira da Luz

Elisabeth Ayres da Luz

Marina Ayres da Luz

Olívia Ayres da Luz

Nelly Ayres da Luz

Auta Ayres da Luz

Eglantina Ayres da Luz

Laércio Caldeira de Andrada

Josephina Caldeira de Andrada

Patrício Caldeira de Andrada
 Gillette Caldeira de Andrada
 Ezilda Caldeira de Andrada
 Dalmiro Caldeira de Andrada
 Amélia R. de Senna Pereira
 Maria Reynalda de Senna
 João Machado
 Luiza Rodrigues de Souza
 Laurentino Ramos
 Cecília Andrade Ramos
 João Teixeira da Rosa Júnior ²¹

O jornal "O Estado" registrou o surgimento da novo grupo em suas páginas, definindo os objetivos que inspiravam os presbiterianos independentes:

"O novo núcleo evangélico virá cooperar com a Igreja Presbiteriana de Florianópolis e a Igreja Luterana para a maior difusão dos princípios cristãos entre nós. A instituição religiosa que acaba de abrir trabalho nesta Capital e coirmã da Igreja Presbiteriana do Brasil, obedecendo aos mesmos padrões de fé e governo." ²²

Na verdade o grupo independente não saiu por problemas doutrinários ou divergência com a Igreja Presbiteriana do Brasil. Em momento algum foi venti-

²¹ LIVRO DE ATAS. Igreja Presbiteriana de Florianópolis, Volume II p.29

²² ANDRADA, Laércio C. Igreja Presbiteriana Independente. O Estado, 4 de maio de 1929, p.3

lado o assunto polêmico que ocasionou o surgimento da Igreja Presbiteriana Independente em 1903. Já foi abordado o assunto em capítulo anterior sobre as decisões quanto à presença dos missionários e maçons nos concílios da Igreja Presbiteriana.

Em Florianópolis as divergências quanto à presença de missionários e maçons não provocaram qualquer reação prejudicial. Os presbíteros Gervásio e Romão já faziam parte da Igreja Presbiteriana de Florianópolis em 1903 por ocasião da cisão nacional da Igreja Presbiteriana do Brasil. Eles jamais manifestaram a mínima simpatia pelo movimento separatista que originou a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. O presbítero Laércio ingressou na Igreja Presbiteriana de Florianópolis em 1918 e durante todo o tempo apoiou e incentivou o plano de trabalho sem qualquer restrição.

Os líderes separatistas em Florianópolis, na crise de 1929, buscaram uma solução pacífica e amigável demonstrando claramente que a divergência era apenas com o pastor local devido aos seus métodos de trabalho. O pedido de afastamento das funções de presbítero se restringia, ao que se deduz da carta enviada ao Conselho ²³, apenas ao período de permanência do reverendo Anibal Nora no pastorado da Igreja. Eles estavam solici-

²³LIVRO DE ATAS. Igreja Presbiteriana de Florianópolis.
Volume II p.13

tando afastamento da liderança e não desligamento como membros da Igreja.

Se tivesse havido mais flexibilidade de ambas as partes e mais diálogo, o esfacelamento do trabalho não teria acontecido. As intransigências e fanatismos tem sido causas históricas de muitos movimentos religiosos separatistas. O Presbitério do Sul também colaborou com a crise interna da Igreja Presbiteriana de Florianópolis porque não quis substituir o pastor, na verdade capaz e dedicado, mas de genio incompatível com o dos presbíteros .

O novo grupo presbiteriano independente conseguiu novas adesões em pouco tempo. O presbítero Romão Martins Barbosa e seus familiares passaram a integrar a nova congregação em setembro de 1929. Quando a Igreja Presbiteriana Independente foi organizada em Florianópolis no dia 5 de maio de 1930, além dos membros fundadores da Congregação, já mencionados, foram acrescentados os seguintes: Romão Martins Barbosa, Bemvinda Barbosa, Carmen Barbosa, Jócio Caldeira de Andrada, Eugênia Machado, Gervásio Luz Sobrinho, João Acelino de Senna , Euclides de Souza, José Almeida de Oliveira, Rosalina de Oliveira, Julieta Silva, Olga Luz Rosa, Ana Senna e José Francelino de Souza²⁴

²⁴A REFORMA. Igreja Presbiteriana Independente, Florianópolis, jun. 1930 p. 1

6.4 CONSEQUENCIAS DA CRISE PARA O TRABALHO PRESBITERIANO EM FLORIANÓPOLIS

Sem dúvida que a divergência entre os líderes da Igreja Presbiteriana de Florianópolis e a consequente separação de um grupo, abalaram o ânimo e a prosperidade do trabalho na Capital. A Igreja que sempre estava unida e entusiasmada sofreu um golpe de incompreensão e de imposição personalista de seus líderes. Os dois grupos esqueceram os princípios bíblicos fundamentais que promovem o diálogo e harmonia, e partiram para a defesa de pontos de vista pessoais. Os presbíteros não podiam impor ao pastor um método de trabalho e nem proibí-lo de fazer cultos ao ar livre porque tais atitudes carecem de embasamento bíblico e ferem os princípios litúrgicos da Igreja Presbiteriana do Brasil. Por outro lado o pastor de uma igreja presbiteriana não pode forçar a mudança de mentalidade de um grupo, simplesmente por que ele acha que o seu ponto de vista é o mais conveniente. O sistema de governo presbiteriano responsabiliza os líderes a tomar decisões em comum acordo, através do voto da maioria. Houve falhas de ambos os lados e a maior prejudicada foi a própria igreja local.

A partir de 1929 Florianópolis contava com dois grupos presbiterianos com os mesmos ideais e a mesma estrutura eclesiástica. Para muitos os grupos se confundiam, porque não conseguiam ver os motivos da separa-

ção. O relacionamento entre as duas igrejas sempre foi amigável e fraterno. Com a saída do reverendo Anibal Nora, em princípios de 1930, o clima de tensão foi se transformando numa atitude amistosa e, mais tarde, uma aproximação amigável e conciliadora. Não havia interesse nenhum de recordar as divergências ocorridas pois o propósito de ambos os grupos era cumprir o ideal último da Igreja Cristã: "ide e pregai o Evangelho."

Enquanto a Igreja Presbiteriana de Florianópolis continuou a publicar o jornal "O Atalaia", a nova Igreja Presbiteriana Independente também preocupou-se com a imprensa, como meio de divulgação. O grupo de jovens ex-atalaias e o jornalista Laércio fundaram em maio de 1929 o jornal "A Reforma", com publicação mensal. Na primeira página os redatores expuseram os objetivos do jornal:

"A Reforma" se esforçará por se tornar arauto fiel da Verdade Cristã, pugnando sempre pelos lídimos princípios do Cristianismo, não escondendo suas baterias, mas terçando as armas que possui por todas as iniciativas nobres e campanhas justas que visem o alevantamento religioso-moral do nosso povo 25

Por outro lado o jornal "O Atalaia" continuou as suas publicações, sem contudo suscitar polêmica

25 EDITORIAL. A Reforma. Igreja Presbiteriana Independente de Florianópolis, mai. 1929 p. 1

ao seu congênere. Não havia motivos para divergências porque os jovens continuavam amigos e lutavam pelos mesmos ideais.

Em 14 de abril de 1931 o jornal "A República" noticiou um fato importante em Florianópolis, que revelou a convergência de propósitos dos grupos presbiteriano e independente. Houve apoio e colaboração de ambos na campanha de caráter nacional em defesa da liberdade de consciência. Eis o texto publicado :

"Instalou-se ante-ontem nesta Capital o "Comitê pro-liberdade de consciência", nos moldes dos que se fundaram em todos os Estados do Brasil.

O ato de instalação teve lugar no Templo da Loja Maçonica Ordem e Trabalho, que estava literalmente cheio. Falaram sobre os fins a que se propunha o Comitê os senhores jornalistas Oswaldo Mello, professor Laercio Caldeira de Andrada, o pastor Agenor Mafra e o sr. Christovam Almemdros.

Foi aclamado presidente do Comitê o professor Altino Flores 26

As presenças do reverendo Agenor Mafra, pastor da Igreja Presbiteriana e do professor Laercio Caldeira de Andrada, representante da Igreja Presbiteriana Independente, revelaram o espírito cordial e amigo entre as duas igrejas.

²⁶A REPÚBLICA, Florianópolis, jun. 1931

Grupos religiosos de todos os Estados e pessoas de pensamento livre, estavam somando forças para combater o decreto do Governo Provisório de Getúlio Vargas sobre o ensino religioso nas escolas públicas. Em vários jornais do País saíam manchetes e comentários sobre o assunto. Destaquemos um deles:

Centenas de associações e igrejas protestantes, espíritas, pitagóricas, teosóficas, ocultistas israelitas, além de núcleos revolucionários do sul, sociedades acadêmicas e ginásiais, lojas maçônicas e outras, se agitam em torno do prelo pro-liberdade de consciência exigindo a manutenção do artigo 72 e os seus parágrafos da Constituição Federal de 1891 27

As atividades da Igreja Presbiteriana de Florianópolis não foram desaceleradas com a saída do reverendo Anibal Nora em janeiro de 1930. Logo a seguir o reverendo Agenor Mafra assumia o pastorado da Igreja com uma liderança firme que permitiu superar todos os resquícios da crise anterior. Os pontos de pregação do trabalho evangelístico continuaram no interior da Ilha de Santa Catarina e também nos lugares mais próximos. O idealismo e ardor evangelístico de Anibal Nora foram transmitidos aos seus filhos espirituais ou discípulos, que prosseguiram no mesmo ideal. Entre os desbravadores de nossa Ilha na

²⁷ ANDRADA, Laércio C. Liberdade de Consciência. A Reforma Florianópolis, jun.1931 p.1

propagação do presbiterianismo, devemos citar o trabalho incansável e constante desde 1930 até 1970 do presbítero Manoel Félix Cardoso e sua família, além da presença encorajadora de Eulálio Celestino da Silva. Outras pessoas também colaboravam na realização dos trabalhos, porém, não com assiduidade dominical.

Imbuídos pelo mesmo propósito de Anibal Norra e agora apoiados pelo reverendo Agenor Mafra, o grupo saía todos os domingos, de sol a sol, muitas vezes à pé, a percorrer os lugarejos da Ilha para o atendimento espiritual e social do povo. Além do trabalho religioso, as famílias necessitadas eram atendidas com roupas, remédios e alimentos. Mais tarde, muitas igrejas iriam surgir como resultado dessa peregrinação presbiteriana pelo interior da Ilha.

Em nossos dias temos três grupos presbiterianos representativos como colheita da semente lançada pela equipe missionária : Estreito, Saco dos Limões e Rio Tavares. Outros grupos religiosos também aproveitaram os frutos e hoje estão estabelecidos em Canasvieiras, Rio Vermelho, Barra da Lagoa, Pântano do Sul, Ribeirão da Ilha, Saco Grande e Córrego Grande. É oportuno lembrar as palavras do apóstolo Paulo :

Eu plantei, Apolo regou; mas
Deus que dá o crescimento ;
Pelo que, nem o que planta é
alguma coisa, nem o que rega

mas Deus que dá o crescimento"²⁸

A Igreja Presbiteriana Independente também prosseguiu em sua tarefa de divulgação dos princípios presbiterianos através da liderança dos seus presbíteros. Por meio de campanhas, palestras e conferências os líderes procuravam despertar o povo florianopolitano para o ensino bíblico.

Hoje voltamos os olhos para traz e vemos nesses 50 anos passados, as marcas do trabalho presbiteriano que a história nos deixou. Ainda temos nas igrejas presbiterianas de Florianópolis inúmeras pessoas que participaram da crise divisionista, viveram o problema. Agora a ferida da separação cicatrizou e as duas comunidades comungam os mesmos ideais e cooperam mutuamente na propagação da fé presbiteriana.

²⁸PAULO, Apóstolo. Carta aos Coríntios, capítulo 3, verso 6 e 7.

7 CONCLUSÃO

A implantação do presbiterianismo no Brasil não se assemelhou a situações históricas que envolviam conquistas militares com a imposição de uma religião oficial, ou mesmo a conversão do Governante seguida da imposição de sua nova fé aos governados. Os incidentes ocorridos com os calvinistas franceses e os reformados holandeses foram resultantes de suas ligações com seus países de origem, vistos como invasores pelo povo brasileiro. O insucesso dos dois grupos deveu-se mais ao fato da reação do Brasil contra a colonização estrangeira do que qualquer proibição de propagar a nova fé calvinista-reformada.

Os presbiterianos norte-americanos foram os responsáveis pela implantação do trabalho presbiteriano permanente no Brasil. Eles propagaram seus princípios religiosos de uma maneira contínua e progressiva. A estratégia evangelística do fundador Ashbel Green Simonton foi aplicada na expansão do trabalho em todo o Brasil. O presbiterianismo consolidou-se através das igrejas locais, do estabelecimento de escolas, da publicação de livros, jornais e folhetos expondo as doutrinas presbiterianas, e da formação de um ministério nacional, preparado para atender as necessidades bra-

sileiras.

O trabalho presbiteriano sempre se caracterizou pela preocupação em divulgar a Bíblia Sagrada, colocando-a nas mãos do povo brasileiro. O esforço contínuo em distribuir a Bíblia, através de um serviço de colportagem, constituiu uma contribuição para o florianopolitano, permitindo o livre exame dos princípios cristãos e a possibilidade da formação de uma nova mentalidade. As polêmicas acirradas que aconteceram entre católicos e presbiterianos foram resultantes da divulgação da Bíblia entre o povo, agora interessado em conferir os ensinamentos recebidos em suas igrejas.

A participação do leigo na vida da Igreja Presbiteriana de Florianópolis também foi um incentivo para a expansão do trabalho. O sistema de governo representativo, permitindo que os próprios membros fossem conduzidos à liderança para definir planos de ação, aumentava o interesse de participação. O pastor e os presbíteros trabalhavam juntos, visando os mesmos objetivos. O fato de não haver autoridade de poder decisório concentrado numa pessoa e nem cargos vitalícios, dava oportunidade para o surgimento de uma liderança local espontânea, renovável e nunca imposta. Embora as igrejas presbiterianas tenham enfrentado diversas crises internas através de sua história, porque o seu sistema de governo não é observado, isto não invalida a representatividade dos membros. Em Florianópolis a Igre-

Ja amargou momentos difíceis porque os presbíteros e o pastor no período de 1928-1929, não viveram a plenitude dos direitos e deveres definidos no sistema presbiteriano.

A experiência da participação leiga apresentou-se como um grande desafio para a comunidade religiosa de Florianópolis. A maioria das pessoas estava acostumada a receber ordens religiosas sem discutí-las ou modificá-las. A presença do leigo é sempre um desafio para a liderança eclesiástica porque as doutrinas podem ser contestadas abertamente a procura de fundamentos bíblicos convincentes. O preço do sistema representativo nem todos querem pagar e por isso preferem apenas dar ordens e impor.

O que podemos concluir após o estudo do surgimento do presbiterianismo em Florianópolis é que há sempre um interesse muito forte de cada grupo religioso em tentar preservar os seus princípios a qualquer preço. Os interesses econômicos e políticos se infiltram no ambiente religioso e desvirtuam os propósitos básicos a serem propagados. Em muitas ocasiões as polêmicas revelaram interesses outros atrás da capa religiosa.

Um estudo mais detalhado, aproveitando os dados levantados, poderá determinar a validade das co-

locações quanto à maneira de propagar a fé cristã. Se por um lado a ênfase organizacional impede o desenvolvimento do trabalho missionário, verificamos que a expansão informal, sem métodos pré-estabelecidos, pode gerar grupos efêmeros e sem uma consistência doutrinária. Os sucessos e fracassos observados no decorrer da expansão revelam há necessidade de vitalidade espiritual para dar prosseguimento e também um planejamento adequado para firmar os alicerces .

Concluimos o presente trabalho conscientes de que não abordamos muitos aspectos do presbiterianismo em Florianópolis por falta de dados concretos. Este trabalho é a primeira tentativa, até o momento, com o propósito de descrever os fatos e analisá-los por uma perspectiva eclesiástica e histórica.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FONTES MANUSCRITAS

1.1 Relatórios

1. COSTA, André Lino. Relatório pastoral. Campinas(SP), Arquivo Presbiteriano, 1906-1908.
2. KOLB, John Benjamin. Relatório pastoral. Campinas(SP), Arquivo Presbiteriano, 1904-1905.
3. LANDES, George Anderson. Relatório pastoral. Campinas(SP), Arquivo Presbiteriano, 1911-1912.
4. LENINGTON, Robert Frederic. Relatório pastoral. Campinas(SP), Arquivo Presbiteriano, 1902, 1904, 1908.
5. NOGUEIRA, Júlio Camargo. Relatório pastoral. Campinas(SP), Arquivo Presbiteriano, 1918-1923.
6. OMEGNA, Nelson. Relatório pastoral. Campinas(SP) Arquivo Presbiteriano, 1926
7. PRESBITÉRIO DO SUL. Relatório anual. Campinas (SP), Arquivo Presbiteriano, 1904
8. RUGGERI, Palmiro. Relatório pastoral. Campinas (SP), Arquivo Presbiteriano, 1927-1928.
9. SALLEY, Ashman. Relatório pastoral. Campinas(SP) Arquivo Presbiteriano, 1912-1913.

1.2 Atas

1. Livro de Atas da Igreja Presbiteriana de Florianópolis. Florianópolis, Arquivo da Igreja, Vol. I, 1901 a 1927.

2. Livro de Atas da Igreja Presbiteriana de Florianópolis. Florianópolis, Arquivo da Igreja, Volume III, 1928-1931.

2. ENTREVISTAS

- ANDRADA, Gilette Caldeira. Entrevista concedida a Osvaldo Henrique Hack em 5.9.78, no Arquivo particular do autor.
2. BARBOSA, Carmen. Entrevista concedida a Osvaldo Henrique Hack em 15.9.78, no Arquivo particular do autor.
3. BATISTA, Nila Pickering. Entrevista concedida a Osvaldo Henrique Hack em 10.10.78 no Arquivo particular do autor.
4. CARDOSO, Manoel Félix. Entrevista concedida a Osvaldo Henrique Hack em 14.10.78 no Arquivo particular do autor.
5. COSTA, Arony Natividade. Entrevista concedida a Osvaldo Henrique Hack em 20.10.78 no Arquivo particular do autor.
6. MENDONÇA, João José. Entrevista concedida a Osvaldo Henrique Hack em 25.10.78 no Arquivo particular do autor.
7. ROSA JUNIOR, João Teixeira. Entrevista concedida a Osvaldo Henrique Hack em 27.10.78 no Arquivo particular do autor.

3 FONTES IMPRESSAS

3.1 Oficiais

1. Estatutos da Igreja Presbiteriana de Florianópolis
janeiro de 1926.
2. Regulamento para lavratura de atas, Presbitério do
Sul, 1903.

3.2 Jornais

1. ANDRADA, Laércio Caldeira de. Editorial. A Reforma
Florianópolis, maio, 1929
2. CÂMARA, Arruda. Cartas Abertas. A Vida. Florianó-
polis, nov/dez. 1904.
3. CÂMARA, Arruda. Escola Evangélica. Correio do Povo
Florianópolis, set. 1904
4. CONVITE. Regeneração. Florianópolis, dez. 1901
5. COSTA, Trancredo da. Editorial. A Reforma, Floria-
nópolis, out. 1916.
6. GUEDES, João. Culto na Lagoa da Conceição. O Atalaia
Florianópolis, jan. 1929.
7. LENINGTON, Addie. Sociedade de Senhoras. A Vida, Flo-
rianópolis, out. 1903
8. LENINGTON, Roberto Frederico. Biblias truncadas .
A Vida, Florianópolis, maio, 1904
9. LENINGTON, Roberto F. Maçonaria e Cristianismo .
A Vida, Florianópolis, jul. 1904
10. LUZ, Gervásio Pereira. Evangelização. A Reforma ,
Florianópolis, nov. 1929

11. LUZ, Gervásio Pereira . Igreja Presbiteriana Independente de Florianópolis. O Estado, Florianópolis, maio 1929
12. MAFRA, Agenor. Comitê pró liberdade de consciência. A República, Florianópolis, jun. 1931
13. NORA , Anibal. O culto no Estreito. O Atalaia , Florianópolis, jul. 1928
14. PADRE TOPP. Regeneração, Florianópolis, ago. 1901
15. PAVOLLI, Celestino de. Cartas de um ministro da Igreja Evangélica por um neófito protestante . A Verdade, Florianópolis , ago. 1901
16. PRESBITERO, Romão Barbosa. A Reforma, Florianópolis 1929.
17. ROSA JÚNIOR, João Teixeira da. Classe Atalaia . O Atalaia, Florianópolis, mar. 1924.
18. _____ Editorial. O Atalaia, Florianópolis, mar. 1924.
19. _____ Igreja Organizada. A Reforma , Florianópolis, jun. 1929.
20. _____ Saudação ao novo pastor. O Atalaia Florianópolis, abr. 1929
21. SARAIVA, Eliezer Santos. Esforço cristão. A Vida , Florianópolis, ago. 1904
22. SEMANA, Anti-alcoólica. O Atalaia, Florianópolis , out. 1928
23. SEMANA da mocidade. O Atalaia, Florianópolis, jul./ago. 1927

24. TOPP, Francisco. Bíblia truncada. A Vida, Florianópolis, maio, 1904.
25. _____ Igreja dividida. A Vida, Florianópolis, jul. 1904.

3.3 OBRAS

1. ABREU, J. Capistrano de. Capítulos de história colonial, 1500-1800. 5.ed. Rio de Janeiro, Liv. Bririet, 1968 . 179 p.
2. BRAGA, Henriqueta Rosa F. Música Sacra no Brasil; contribuição à sua história. São Paulo, Liv. Kosmos, 1961. 448 p.
3. CABRAL, Oswaldo Rodrigues. História de Santa Catarina. 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. Laudes, 1970, 458 p.
4. CAMARGO, Issar. Igreja Presbiteriana de Florianópolis; contribuição para o 1º Congresso de História Catarinense, Florianópolis, 1948. 33 p.
5. COSTA, André Lino. Conferências religiosas. Rio de Janeiro, Ed. Martins Araújo, 1913. 103 p.
6. CRESPIAN, Jean. A tragédia da Guanabara. Trad. Domingos Ribeiro. Rio de Janeiro, Tiph. Lith. 1917, 155 p.
7. FERREIRA, Júlio Andrade. Galeria Evangélica. São Paulo, Ed. Presbiteriana, 1952, 228p.
8. FERREIRA, Júlio Andrade. História da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo, Ed. Presbiteriana 1969, 2 v.

9. FLOS, Max Heirinch. Unsere Vatter-Nossos pais. São Leopoldo, Ed. Rotermund, 1961. 216 p.
10. GARCEZ, Benedito Novaes. Mackenzie. São Paulo, Ed. Presbiteriana, 1970. 215 p.
11. HANSELMA, Thea B. Van. João Calvino era assim. Trad. Jaime Wright. São Paulo, Ed. Vida Evangélica, 1968. 206p
12. KIDDER, Daniel & FLETCHER, James. O Brasil e os brasileiros. Trad. Elias Dolianiti. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941. 2v. 728 p.
13. LENINGTON, Robert Frederic. Partial history of the South Brazil Mission. Campinas, 1936. 20 p.
14. LÉONARD, Émile G. O protestantismo brasileiro. Trad. Lineu Camargo Schützer. São Paulo, Ed. ASTE, 1963. , 354 p.
15. LESSA, Vicente Themudo. Annaes da primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo; 1863-1903. São Paulo, Ed. Independente, 1938. 720 p.
16. LINDSAY, Thomas. Historia de la Reforma. Trad. Lura Villanueva. Buenos Aires, Ed. La Aurora, 1907. 481 p
17. NOGUEIRA, Júlio Camargo. Meu testamento ministerial. Rio de Janeiro, Ed. 1938, 41 p.
- MURICY, José Cândido da Silva. A revolução de 93 nos Estados de Santa Catarina e Paraná. Rio de Janeiro, Cia. Ed. Americana. 328 p.
18. NORA, Anibal. Autobiografia. Rio de Janeiro, Princeps Gráfica Ed., 1966. .

19. PAULI, Evaldo. A fundação de Florianópolis. Edeme Ltda. Florianópolis, 1973.
20. PEREIRA, Eduardo Carlos. O problema religioso da América Latina. São Paulo, Liv. Independente. 1920
21. PIAZZA, Walter Fernando. A Igreja em Santa Catarina: notas para sua história. Florianópolis, Ed. Governo do Estado de S. Catarina, 1977 313 p.
22. PIERSON Paul E. A Younger church in search of maturity San Antonio, Texas, Trinity University Press. , 1974, 289 p.
23. READ, William. O crescimento da Igreja na América Latina. São Paulo, Ed. Mundo Cristão, 1969, 473 p.
24. READ, William & FRANK, Ineson. Brasil 1980 - The protestant handbook. California, Ed. Marc. 1973.
25. READ, William. Fermento religioso nas massas do Brasil. São Paulo, Imprensa Metodista, 1967. 247 p.
26. RIBEIRO, Boanerges. O padre protestante. São Paulo Ed. Presbiteriana, 1950. 215 p.
27. RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo no Brasil monárquico. São Paulo, Liv. Pioneira, 1973. 179 p.
28. RIBEIRO, Domingos. Origens do evangelismo brasileiro. Rio de Janeiro, Gráfica Apollo, 1937. 135 p.
29. RIZZO, Maria Amélia. Simonton; inspiração de uma existência. São Paulo, Ed. Rizzo, 1959
30. ROCHA, João. Lembranças do passado. Rio de Janeiro, Centro Bras. de Publicidade, 1946, 3 vs.

31. ROCHA POMBO, José Francisco da. História do Brasil.
São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1963. 501 p.
32. SOUTHEY, Roberto. História do Brasil. Trad. Luiz Oliveira e Castro. Rio de Janeiro, Liv. Garnier, 1862.
33. VARNHAGEN, F. História das lutas com os holandeses no Brasil. Salvador, Liv. Progresso, 1955. 424 p.
34. WALKER, Williston. Historia de la Iglesia Cristiana.
Trad. Adam Sosa. Buenos Aires, Ed. La Aurora, 1957 ,
623 p.